Project Gutenberg's Scenas Contemporaneas, by Camilo Castelo-Branco

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Scenas Contemporaneas

Author: Camilo Castelo-Branco

Release Date: October 26, 2007 [EBook #23203]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK SCENAS CONTEMPORANEAS \*\*\*

Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and the Online

Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This

book was produced from scanned images of public domain

material from the Google Print project.)

SCENAS CONTEMPORANEAS.

SCENAS CONTEMPORANEAS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

2.^a EDIÇÃO.

PORTO:

EM CASA DE CRUZ COUTINHO--EDITOR,

Rua dos Caldeireiros n.^{os} 18 e 20.

1862.

Porto--TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA, \_Rua da Cancella

Velha n.^o 62.\_

MORRER POR CAPRICHO.

I.

Os meus amigos, de certo, não sabem o que é caçar coelhos na neve?

Não admira.

Imaginem-se em qualquer aldêa, nas visinhanças do Marão. Olhem em redor

de si, e contemplem o quadro que os viajantes na Suissa lhes descrevem

todos os dias, supposto que nunca sahissem da sua terra.

A primeira impressão que recebem é a do assombro. Leguas em roda, nem na

terra nem no céo, se descobre uma crista de rochedo, a frança d'uma

arvore, a dobra d'uma nuvem, que não seja branca, alvissima, desde um

horisonte a outro horisonte.

E, depois, ha ahi em toda essa natureza amortalhada um silencio funebre.

Não cantam as aves, não balam os cordeiros, não silva o buzio de

pegureiro, não soam nas quebradas as campainhas da arreata de machos.

Se ouvis um rugido assobiado ao qual respondem outros, não vos afasteis

para longe da casa d'onde presenceaes, com o coração confrangido, esta

scena. É uma alcatéa de lobos, que descem famintos da serra, e serão

capazes de vos hirem buscar á cozinha, onde naturalmente tiritaes de

frio, sentados ao pé do tóro de carvalho.

Faço-vos esta recommendação porque sois uns homens afeminados, que nunca

sahistes dos salões, dos botequins, dos theatros, e das praças. Aposto

que se desseis de face com um lobo, de garras arqueadas, e fauces

inflammadas, antes que o lobo vos désse o cordial abraço da fome, já vós

tinheis perdida a sensibilidade, e consciencia da vida, e até o direito

que todo o homem tem de matar não só o seu semelhante, mas até um lobo,

em justa defeza!

Se eu podesse contar com o vosso animo, aconselhar-vos-hia, que em uma

d'essas manhãs de neve, com meio covado de altura nos terrenos chãos,

tomasseis um cajado, e, com duas finas cadellas de coelho, fosseis dar

na serra um passeio d'algumas horas.

O peor que podia succeder-vos era o desvio do caminho, que só com muita

pratica se acerta, e, quando mal vos precatasseis, resvalar n'um abysmo

de neve, onde nem as orelhas de fóra dissessem ao passageiro que um

moço, a todos os respeitos excellente, fôra alli absorvido por um

sorvete dos que a natureza offerece aos amantes de refrescos, com menos

economia que o \_Guichard\_.

Afóra este inconveniente, ainda ha o dos lobos, que muitas vezes tomam

conta das nossas cadellas, devoram-nas com uma perfeição e rapidez

fabulosas, e, quando Deus quer, fazem dos nossos corpos um supplemento

nutritivo ás nossas cadellas, deixando-nos a alma por muito grande

obsequio.

O terceiro percalço, affecto á caça do coelho na neve, aconteceu-me a

mim, ultimo dos mortaes, em 26 de Dezembro de 1844.

É o que tereis a bondade de procurar saber no capitulo seguinte.

II.

Fui convidado por alguns amigos a acompanhal-os á serra, porque o sol

refrangia-se em scintillas na neve, que parecia desfazer-se em laminas

de prata.

Fui muito contente da consideração que se me dava, como caçador, porque,

em verdade vos digo, atirei com certeiro olho a perdizes e galinholas.

Se nunca matei nenhuma, o que tambem é verdade, deve-se á pessima

polvora das nossas fabricas. Em compensação, matei muito melro e tordo

nas serdeiras, e consegui matar de noite uma coruja, africa que muitos

caçadores famosos de certo não fizeram. Eu fui um grande homem antes de

escrever folhetins! Deus perdôe a quem me torceu a vocação! Eu podia, a

estas horas, ser um habil corredor de lebres, e assim tornei-me a lebre

dos galgos sociaes.

Estes galgos sociaes, meu leitor, se tu és um d'elles, permitte-me

dizer-te que tens o faro muito descaçado, e que eu hei-de saltar por

cima de ti, quando cuidares que me abocas. Se não és galgo, sensato

amigo, aqui rasgo o diploma de tolo, que te concedi, sem te levar

direitos de mercê.

Agora, vai entrar a historia direitinha até ao fim.

III.

Subimos á esplanada da serra. Eramos seis. Dividimo-nos em tres grupos,

e combinamos em nos darmos signaes com tiros no caso de nos perdermos

encobertos pelo nevoeiro, que poderia de improviso esconder-nos os

cabeços das serras, unicas balizas que nos serviam de guia.

Assim combinados, cada grupo, com dous cães, seguiu as pégadas dos

coelhos impressas de fresco na neve. Eram muitos, e morriam á pancada,

porque os pobresinhos alapados debaixo das urzes, se fugiam, eram logo

mordidos pelos cães; se esperavam eram apanhados á mão. Alguns, mais

previdentes, tinham emigrado para as fundas colheitas, formadas pelas

sinuosidades interiores dos penedos agglomerados. A estes perseguia-os o

furão, que eu levava no meu cacifo, desalapava-os, e os cães, farejando

as avenidas da colheita, recebiam-os nos dentes, sacudiam-nos com o

rancor do instincto, e atiravam-nos mortos aos nossos pés.

Andamos assim uma hora, tão entretidos, tão esquecidos do mundo, que

nunca tão distrahida hora eu tive na minha vida, a não ser aquellas em

que durmo, e sonho que hei-de tornar áquelles meus dias de candura,

depois de lidar muito com a innocencia d'estas angelicas creaturas, que

vestiriam, por innocentes, como Adão e Eva, se a serpente lhes não

dissesse que andavam indecentes.

Ao cabo d'essa hora, toldou-se o ar, e cahiu uma segunda camada de neve.

O meu companheiro quiz logo voltar sobre os seus vestigios, porque

(dizia elle) d'aqui a minutos as nossas pégadas estarão cobertas, e não

saberemos caminhar para o nascente nem para o poente.

--Eu, por ora, não vou--lhe disse eu.

--Porque?

--Estou bem aqui. Acho muita poesia n'este quadro. Imagino que esta

chuva de neve se transforma em chuva de fogo... Este nevoeiro, que rola

em ondas aos nossos pés, e sobre a nossa cabeça, afigura-se-me o fumo do

grande incendio no juizo final! Olha... não te parece que o vento

espalha já as cinzas d'uma grande cidade! Não vês Sodoma lá em baixo

vomitando columnas de fumo?...

--Eu não vejo nada... Acho de muito mau gosto as tuas visões... vamos

embora...

--Vai tu... e quando encontrares os nossos companheiros, dá um tiro, que

eu lá vou ter. Estou bem aqui; não me mudo por cousa nenhuma.

--Até logo.

IV.

E eu continuei a vêr as minhas visões.

Parece-me que, por esses tempos, fui poeta, muito poeta, em elevações

d'alma para cousas de imaginação, que não era esta fria imaginação, que

tenho hoje.

Absorvido no meu quadro do juizo final, que só uma phantasia abrasada

poderia dar-me, transfigurando a neve em fogo, ouvi um tiro, e não fiz

caso. Ouvi segundo, e senti um piedoso desdem por aquelles homens, prosa

vil, que não tiravam partido do grandioso panorama, que a mão liberal da

natureza desenrolava diante de meus olhos absortos.

Não sabeis que o nevoeiro embriaga?

É uma verdade. A cabeça enfraquece; nos ouvidos ha um zunido, que vos

faz perder o rumo. Sentis uma sensação desagradavel, semelhante á do

giro penoso em que a indigestão do vinho vos traz a cabeça vertiginosa.

Foi o que eu senti, quando me furtei ás minhas contemplações improprias

do tempo e do lugar.

Ergui-me, e não sabia já designar a direcção que levára o meu

companheiro, nem o ponto onde se deram os tiros. Desfechei a minha

clavina, mas a humidade inutilisára a escorva. Os cães, que poderiam

ensinar-me o caminho, tinham seguido o meu companheiro. Não desanimei.

Tal direcção pareceu-me que deveria ser a melhor, e segui-a. O nevoeiro

deixava-me vêr apenas o espaço que pisava. Atravessei a lombada da

serra, e comecei a descer. Escorreguei muitas vezes nos algares da

encosta, e senti a neve pela cintura. Gastei duas horas, tres, quatro,

descendo, descendo, sem encontrar uma povoação. Conheci que estava

perdido. A neve augmentava. A noite aproximava-se, e nem um symptoma de

vida! Então, sim; tive medo, e imaginei que a minha sepultura, sem

solemnidade alguma, deveria encontral-a brevemente no estomago d'algum

lobo.

E, de mais a mais, eu tinha fome.

Todos os provimentos, que eu levava na minha rede, eram um pedaço de

brôa para o meu furão. Reparti-o entre nós. O animalsinho comeu com

appetite, e pilhando-se solto, como o seu officio era desemlapar

coelhos, entrou na primeira lura que viu, e fez saltar fóra um gato

bravo, que espirrava diabolicamente por cima dos tojos coroados de neve.

Nunca me esqueceram os espirros d'este gato bravo!

Continuei o meu caminho, sem esperanças de encontrar pousada.

Escureceu.

Encostei-me, desalentado, a um castanheiro, e fiz da minha pobre cabeça

uma cabeça academica.

Pensei muito, estabeleci varios raciocinios, que conspiraram em

provar-me, que, perto d'alli, devia existir uma povoação, por isso que

os castanheiros, campos, e paredes eram indicios de aldêa proxima.

N'este comenos, ouvi um mugido de boi, e em seguida uma sineta, que

tocava ás «Ave-Marias.»

Aquellas tres badaladas ergueram a Deus o meu espirito reconhecido. Orei

com a devoção dos dezoito annos. Não vos digo mais nada a este respeito,

porque me não entenderieis. Sois excellentes pessoas para devorar um

romance em dez volumes; mas não lerieis, sem abrir tres vezes a bocca,

uma pagina de sentimentos embalsamados do aroma do céo, que o poeta não

deve nunca profanar, misturando-os a frioleiras d'uma historia, ao

alcance de todas as capacidades.

Eu creio que entre vós ha entendimentos muito finos, paladares muito

apurados no sabor do bello, corações muito brandos para emoções suaves.

Creio que sim; mas o melhor é fazer de conta que os não ha.

V.

Minutos depois, achava-me n'uma povoação, onde nunca estivera. Encontrei

uma velha que castigava um porco, rebelde á invocação de sua ama, com

uma roca.

Perguntei-lhe que povo era aquelle.

--Alpedrinha--disse ella.

Ora, Alpedrinha distava duas leguas e meia de minha casa. Era necessario

pernoitar alli. Perguntei á dita velha onde morava o parocho. Mostrou-me

a casa. Pedi gasalhado ao reverendo, que n'esse momento voltava da

igreja. Disse-me que subisse. Quiz saber quem eu era, e tratou-me

delicadamente, quando lhe citei um medico, pessoa de minha familia.

O snr. padre Joaquim era um padre admiravel. Tinha maneiras da côrte.

Vestia com muita limpeza. Fallava com prodigiosa correcção, e offerecia

aos seus hospedes aguardente e biscoutos, tudo do melhor, e servido em

bons crystaes e polida salva de prata.

Momentos depois que eu chegára, apeou á porta do meu sympathico

sacerdote um cavalleiro, ainda moço, muito pallido e magro, com chapéo

hespanhol, faxa vermelha, e botas d'agua.

Era um estudante de Coimbra, que voltava doente para sua casa, e

costumava pernoitar em Alpedrinha, com aquella familia.

A primeira pergunta do academico foi esta:

--Como está a snr.^a D. Amelia?

--O mesmo...--respondeu padre Joaquim.

--E seu mano? Tem vindo a casa?

--Não senhor: desde que foi delegado para \* \* \*, ha tres mezes, não

voltou....

Eu estava ancioso por conhecer a snr.^a D. Amelia, porque até ao momento

em que o estudante chegou, suppunha eu que toda a familia do parocho se

limitaria a alguma ama, e alguns pequenitos, que, de ordinario, são

afilhados do padre. Depois das perguntas do meu illustre companheiro de

hospedagem, fiquei sabendo que n'aquella casa existia uma snr.^a D.

Amelia, e um senhor delegado de \* \* \*.

Padre Joaquim contou ao academico as minhas aventuras de caçador;

disse-lhe que me tinha achado muito fino (referia-se naturalmente á

magresa), e fez a apologia dos meus olhos, que, naturalmente, revelavam

uma extraordinaria esperteza, espiritualisados pelo espirito de vinho,

que o sacerdote me injectou nas veias marasmadas pelo frio.

Conversei com o academico. Perguntei-lhe muitas cousas de Coimbra:

quantos canellões soffria um calouro; o calculo aproximado dos puxões de

orelhas; a solemnidade indecente de certo vaso na cabeça.... &c. &c.

O academico respondia-me com muito agrado, e offerecia-se para meu

protector em Coimbra, no anno seguinte, que devia ser o da minha

partida.

VI.

--Snr. Valladares--disse o padre ao estudante--minha cunhada ergueu-se

da cama para vir comprimental-o...

--É uma grande consideração, que eu lhe não mereço; mas a delicadeza da

snr.^a D. Amelia é sempre um severo preceito que ella se impõe.

Fallou bem.

N'isto, entrou uma senhora, com um ar de tanta nobreza, que me pareceu

uma cousa nova. Eu não conhecia assim nenhuma. Era alta, muito magra no

rosto, mas muito bella nos olhos, nos labios, nos cabellos, em tudo se

via tanta formosura, tanto donaire, um senhoril tão estreme do vulgo,

que eu, creança e poeta, senti-me tão acanhado como o mais boçal dos

pastores de cabras d'aquella freguezia.

--Como passou, snr. Valladares?--perguntou ella com voz tremula,

tossindo a cada palavra, e aconchegando da face a golla de veludo da sua

capa.

--Sempre doente, minha senhora... Por não poder mais, recolho-me a

casa...

--Eu bem lhe disse que não fosse... v. s.^a teimou, agora já sabe que os

conselhos d'uma mulher não são sempre pieguices...

--E os de v. exc.^a nunca poderão sêl-o... E a snr.^a D. Amelia como

está?

--D'este modo que vê... Tossindo sempre, sempre mal, sem descanço d'este

lado, que me parece que já não vive, se não para matar o resto de vida

que tenho...

D. Amelia indicava o coração.

--Porque não dá um passeio até Lisboa?--tornou o academico.

--Isso lhe tenho eu dito todos os dias--atalhou o padre.

--De que me serve Lisboa?

--São ares patrios, minha senhora. Talvez o contacto do coração com as

suas amigas de collegio...

--Eu já não tenho coração para contacto com amigas nem inimigas, snr.

Valladares...

--O que v. exc.^a tem é uma ardentissima imaginação, alma de poeta, que

só tem a sensibilidade do que é triste, e não sabe tirar recursos da

esperança...

--Esperança!...--murmurou ella com um triste sorriso, e voltando-se para

mim, perguntou-me:

--Já sei que este senhor esteve em risco de passar uma noite divertida

com os lobos...

--É verdade, minha senhora; mas a Providencia encaminhou-me ao paraizo,

depois de me ter mostrado o inferno.

--Ora ahi tem uma resposta d'um moço, que seria pena comerem-no os

lobos!...--disse o padre, desafiando um gracioso sorriso de Amelia.

--Ha-de dizer ao seu parente medico que me salve da sepultura assim como

nós esta noite o salvaremos de ser victima dos lobos--disse-me ella,

apertando affectuosamente a mão de Valladares, em despedida, porque a

tosse exasperava-se cada vez mais.

Esta rapida apparição impressionou-me muito. Queria fazer mil perguntas;

mas eu não tinha a quem. O padre e o estudante fallaram em assumptos,

que me não interessavam nada. O que eu queria era a vida, a historia, os

soffrimentos, a poesia d'aquella mulher. Eu tinha lido, dias antes, não

sei que romance, onde vira uma mulher assim...

Appareceu um taboleiro com a cêa. O abbade fez o prato de D. Amelia. Era

uma aza de gallinha, que elle mesmo lhe serviu.

Valladares tambem comeu do pucaro da doente. Eu, com o abbade, entramos

corajosamente n'um coelho guisado, cuja retaguarda cortamos com um

excellente caldo verde, e lourejantes castanhas assadas com manteiga.

No fim, demos graças a Deus.

O padre, segundo o seu costume, foi sentar-se á cabeceira de sua

cunhada. Eu e Valladares entramos n'um quarto commum.

VII.

O academico tinha uma physionomia franca e insinuante. Conversava comigo

sem desdenhosa superioridade. Familiarisamo-nos depressa, como dous

futuros companheiros de casa em Coimbra.

Eu fui um grande fallador, n'aquella idade, em que pensava menos. O meu

recente amigo sympathisou com a minha garrula eloquencia, e dava signaes

de desenfado, quando naturalmente devêra querer dormir, depois de uma

fatigante jornada, em dia de neve.

Eu não era rapaz que, por delicadeza, calasse a minha curiosidade a

respeito de D. Amelia.

--O senhor faz-me o favor de me dizer uma cousa?--disse eu.

--Que é? quantas horas são?... são 10... quer dormir?

--Não, senhor: queria saber quem é esta snr.^a D. Amelia?

--É cunhada do padre, e casada com um sujeito, delegado em \* \* \*.

--Isso já eu sabia... pouco mais ou menos.

--Então sabe tanto como eu...

--Mas é d'aqui d'esta aldêa esta senhora? Creio que ouvi dizer que era

de Lisboa.

--É verdade... nasceu em Lisboa...

--E como veio parar aqui n'este matagal? Naturalmente perdeu-se, como

eu, na serra, por causa da neve, e veio cá bater, e cá ficou! Pois eu

dou-lhe a minha palavra de honra, que apenas vir luzir o buraco,

retiro-me sem mais ceremonias d'este delicioso covil de cabras.

O meu amigo ria-se. Estava disposto a achar-me graça, e o leitor póde

tambem rir-se, se lhe aprouver.

E acrescentou ao sorriso:

--Parece-lhe impossivel que a tal senhora viesse de Lisboa para aqui sem

ser impellida por um acaso?

--De certo... Já não admira que ella tenha tosse de tisica... O que me

espanta é ella viver, se cá está desde hontem!... Quando veio ella?

--Ha dous annos.

--Então é eterna... ou santa. Hei-de dizer que encontrei esta martyr a

uma minha tia, que é capaz de jurar que a viu fazer milagres...

--O menino é sarcastico! Se o não visse tão inclinado a rir-se de cousas

serias, contava-lhe uma historia triste...

--E eu gosto muito de historias tristes... Verá que me não rio, quando

me dizem alguma cousa que me toque o sentimento. A minha familia

chama-me poeta; os visinhos chamam-me tolo; não sei bem o que sou; mas o

que não sou é insensivel... Vê... já não tenho vontade de gracejar...

Conte-me agora a historia, que eu prometto contar-lhe outra que me fez

chorar, porque é uma passagem tão infeliz, que, se eu fizesse novellas,

escrevia uma.

--Talvez as escreva no futuro...

--Eu?... Deixe-se d'isso... O meu mestre de logica diz que eu sou um

alarve, e o de rhetoria já me mandou ser aprendiz de alfaiate... Não

tenho habilidade nenhuma. O meu gosto é lêr os sonetos do abbade de

Jazente, e as quintilhas do Nicolau Tolentino. Não sei mais nada, nem

quero saber... Vamos á historia, sim?

--Então aproxime-se de mim, que eu quero fallar baixo. Mas, antes de

mais nada, promette não contar a ninguem o que vou dizer-lhe?

--Pois é segredo!

--É.

--Prometto...

--Pois ahi vai.

VIII.

--Esta senhora viveu em Lisboa até aos dezeseis annos. Hoje o mais que

póde ter são vinte e dous.

--Só?! Eu calculava trinta e tantos \_bons\_, como diz minha tia, quando

quer fazer todas as pessoas mais velhas que ella.

--Pois deixemos lá sua tia, que deve ser, pouco mais ou menos, como

todas as tias... Vamos com a nossa historia, e depressa, senão adormeço,

e o meu curioso amigo perde a occasião de saber quem é a snr.^a D.

Amelia...

--Isso de modo nenhum--atalhei eu com sobresalto--Prometto não

interromper a historia.

--Pois bem. O pai d'esta senhora morreu em Lisboa, e o conselho de

familia deliberou que a orphã viesse para a provincia, onde tinha tios,

e o seu patrimonio em quintas.

Quando appareceu em \* \* \*, os rapazes fizeram-lhe montaria, e disputaram

a primazia no namoro. D. Amelia não aceitava, nem repellia a côrte de

nenhum. Tinha o mesmo riso para todos, e fallava a todos com a mesma

delicadeza.

Havia alli um rapaz que não frequentava a sociedade de Amelia, porque

não frequentava sociedade nenhuma. Fôra educado em Genova, viera de lá

aos quinze annos, vivera no Porto até aos vinte e cinco, e quando

recolheu á provincia, d'onde sahira de tres annos, com a sua familia que

emigrára em 1828, ninguem o conhecia, e elle mesmo não queria conhecer

ninguem.

Chamavam-lhe celebre, exquisito, excentrico, orgulhoso, impostor, e não

sei que muitas outras lisonjas do charco de certos espiritos, que não

podem sahir da pequena esphera de lama, que a natureza lhes deu por

homenagem.

D. Amelia viu este rapaz n'um cemiterio: leu um epitaphio que elle

mandára abrir na sepultura de seu pai que o deixára em Genova no

collegio, e viera morrer em 1836 á patria: comprimentou-o de passagem,

respondendo a um distincto cortejo do melancolico poeta; e parece que,

desde esse encontro, Amelia transfigurou-se para todos os homens, deu

que pensar á sua familia, queria todos os dias visitar o cemiterio, e

retirava quasi sempre mais triste, porque muito raras vezes encontrou

alli o invisivel extravagante da opinião publica.

--Como se chamava elle? Eu conheço alguns rapazes de \* \* \* que foram

meus condiscipulos em logica.

--Não é nenhum dos seus condiscipulos. Já lhe disse que este sujeito

veio do Porto para a provincia, com vinte e tantos annos pelo menos. O

seu appellido é Côrte-Real, conhece?

--Nada, não conheço; mas ouço fallar todos os dias n'esse rapaz.

--Que ouve dizer?

--Que está em Lisboa, doudo, no hospital...

--O senhor afiança-me isso? Ha que tempo endoudeceu?

--Ha dous ou tres mezes...

--Quem lh'o disse?

--Um medico, meu parente, que o mandou conduzir para a enfermaria dos

doudos.

O academico fez-me signal de silencio, e mandou-me ouvir.

--Não ouve?--disse elle.

--Ouço... é alguem que soluça...

--É ella...

--D. Amelia?

--Sim... Ouviu a nossa conversa... Tem ouvidos de tisica...

--É admiravel!... Pois o quarto d'ella não é longe d'este?

--Passam-se tres quartos, mas os repartimentos são de tabique, e eu não

me lembrei de tal... Calemo-nos...

--E a historia?... Falle mais baixo, que ella não ouvirá mais nada...

--Agora, é impossivel... Aquelles soluços transtornaram-me a cabeça...

Deite-se, e ámanhã fallaremos antes de nos despedirmos...

IX.

Á cabeceira do meu leito, estava um volume das \_Viagens de Cyro\_, e o

quinto volume d'uma \_Miscellanea curiosa e proveitosa\_, onde encontrei

uma longa poesia a \_D. Ignez de Castro\_, que me fez dormir até ás 8

horas da manhã.

O meu companheiro, quando abri os olhos, estava sentado na cama, e

escrevendo nas paginas d'uma carteira.

--O senhor está a fazer versos?--perguntei eu.

--Adevinhou.

--Faz favor de recitar, se não é segredo!

--Recito: olhe lá se entende:

\_Eras um anjo? Se o eras

Que torvo facho do inferno

Te queimou as azas? Diz:

Porque, tão cedo, infeliz

Cahes no abysmo eterno\_!... ETERNO!

--Entendeu?

--Não, senhor.

--Veja se entende agora:

\_Eras pura, quando lagrimas

Tu me déste, e me pediste...

Tu choraste aqui, choravas...

Mas porque? prophetisavas

Este abysmo em que cahiste?\_

--Entendeu?

--Nada... Ora diga-me os versos tem alguma cousa com a historia que

ficou suspensa?

--Não, senhor; pertencem a outra, que nasceu aqui n'esta casa, e que é

toda minha...

--Esta casa parece-me uma casa de novella... Estou a vêr se aqui arranjo

tambem alguma historia para contar a minha tia, que está resando o

quadragesimo responso a Santo Antonio por minha causa, se é que já me

não resou por alma... Então o senhor não conta ao menos a primeira

historia completa?

--Hei-de contar.

--Quando? Eu vou-me embora logo.

--Não vai. Já aqui esteve o padre, e disse que não sahiriamos d'aqui

hoje, porque augmentou de noite a neve.

--Deixal-a; mas a minha familia, se eu não appareço, nem dou parte de

mim, julga-me morto, e é capaz de me fazer officio de corpo ausente.

--Não se assuste, que o padre hontem á noite mesmo fez partir para a sua

aldêa um criado com a certeza de que o senhor ficava vivo, e mais o seu

furão.

--A proposito, sabe se já dariam de almoçar ao meu furão.

--É natural que sim... Ahi vem o snr. abbade; perguntemos-lhe... Snr.

padre Joaquim, pergunta alli o nosso amigo se o furão ja almoçou.

--Comeu quatro ovos, e está agora brincando com minha cunhada, que é

muito amiga de bichos.

--E como passou ella?--perguntou Valladares.

--Penso que melhor... Ergueu-se muito cedo: a creada disse que a vira

chorar toda a noite; mas agora fui, com grande espanto meu, encontral-a

com o furão no regaço, a sorrir-se como quem é muito creança e muito

feliz... Sabe o senhor que...

Não sei bem o que o padre disse ao ouvido do estudante. Desconfio, pela

resposta, que o resto do segredo era o receio de que ella endoudecesse.

Tudo isto, apurava-me o desejo de saber o que era a demencia de

Côrte-Real, e a tisica de Amelia.

X.

Almoçamos.

D. Amelia esteve comnosco alguns minutos, ouvindo não sei que palavras a

meia voz, do meu amigo, inintelligiveis para mim, supposto que ahi se

fallasse duas ou tres vezes n'uma D. Miquelina. Tudo mysterios!

O padre foi dizer missa. D. Amelia foi com elle. Fiquei com Valladares,

tremendo de frio, ao pé d'uma bacia de brazas. O attencioso levita teve

a delicadeza de nos não convidar a participarmos da sua missa, que

n'aquelle dia, com tal frio, faria hereges espiritos devotos.

--Ahi vai agora a continuação da historia--disse o academico, engulindo

o fumo de quatro cigarros successivos--A familia d'esta senhora é muito

realista, muito fanatica, arde em odio contra os impios, que são todos,

menos os sectarios de D. Miguel, e alguns, senão todos, de D. Sebastião.

A familia de Côrte-Real é ultra-liberal, odeia os realistas com aquelle

odio saturado na emigração, e não admitte honra, intelligencia, nem

merecimento em homem que não fosse capaz de cortar as orelhas a um

miguelista, se elle estiver por isso. Já vê que as duas familias

detestam-se. De parte a parte no momento em que as relações de Amelia

com Côrte-Real fossem percebidas, imagine o meu amigo que não hiria!

--Então elles namoravam-se?

--Pois eu não lhe disse já que sim?

--Não, senhor: disse-me que Amelia passeava repetidas vezes no cemiterio

para vêl-o, mas que não o via muitas vezes. Eu queria saber como se

encontraram... porque... desejo saber como é que a gente póde sahir d'um

encontro d'esses!... Não ha muito que me vi entalado com um d'esses

encontros... Eu tinha o recado na ponta da lingua, e, quando vi a

mocetona, que não era cousa de atarantar um estudante de logica,

pegou-se-me a lingua ao céo da bocca, como diz não sei que poeta... \_vox

faucibus hoesit\_... Que lhe disse elle quando a viu?

--Isso é que eu não sei, porque não ouvi. O que sei é que se fallavam

por cartas, e entretiveram assim relações seis mezes. Por fim,

descobre-se o namoro. Côrte-Real fallava da rua para a janella com

Amelia: um tio d'ella é avisado; espera-o no pateo, com a porta fechada,

e, quando elle principia a dizer bellas cousas, o tal bruto abre a

porta, e descarrega-lhe quatro bordoadas, que o pozeram fóra do combate.

No dia seguinte, mandou-lhe a casa a capa, o chapéo, e uma clavina, que

fôra tres vezes batida á queima roupa do tal varredor de feiras.

--E depois?

--D. Amelia, duas horas depois, foi mandada entrar n'uma liteira, e

conduzida a casa d'este padre.

--Para que?

--Para ninguem saber o seu destino, em quanto vinha de Lisboa, onde ella

tinha o conselho de familia, uma ordem para ser recolhida a um convento.

--E Côrte-Real que fez?

--Curou as feridas da cabeça, e indagou o destino de Amelia. Como o não

soube, cahiu n'uma melancolia profunda, teve accessos de loucura, e,

pelo que o senhor me disse, está hoje no hospital de Rilhafolles.

--E Amelia casou-se?

--Pois no casamento é que está o interessante da historia.

Quinze dias depois da sua vinda para aqui, chegou de Coimbra o irmão do

padre. Parece que sentiu por Amelia o que era muito natural que

sentisse. Amou-a, mas não ousou declarar-se, porque sabia os

precedentes, que a trouxeram a esta casa. Ella, por si, tractava-o com a

fria delicadeza da indifferença, até ao momento, em que recebeu de uma

sua tia a noticia de que viera ordem do conselho de familia para ser

conduzida a Lisboa, e lá recolhida em um convento.

Lida a carta, Amelia offereceu-se como esposa do bacharel. O imprudente

sem mais nem menos, aceitou a offerta. Alcançou do arcebispo dispensa de

banhos e consentimento do tutor: o irmão, sem consultar a philosophia, a

religião, e a consciencia, casou-os. Na tarde do dia das bodas, chegou a

liteira que devia levar a orphã a Lisboa. Amelia apresentou-se a seu tio

com um desdenhoso sorriso, e disse: «Não tenho duvida nenhuma em hir

para Lisboa, e para um convento, mas é necessario que meu marido vá

comigo.»

--Seu marido!--exclamou o tio estupefacto.

--Meu marido... aqui lh'o apresento.

XII.

--Dias depois, esta victima dos seus caprichos, cahiu doente. O medico

capitulou-lhe a enfermidade de tisica no primeiro grau. O marido

arrependeu-se muito cedo. Ella não se arrependeu, porque sabia que dava

um passo que devia matal-a. E, com effeito, está alli... está morta...

...Ahi vem ella e o padre... Fallemos d'outra cousa...

...........................................................................

...........................................................................

CONCLUSÃO.

Um anno depois, em Coimbra, dizia-me Valladares:

--Olha que tive carta do abbade de Alpedrinha. D. Amelia morreu, e as

suas ultimas palavras ao marido foram estas: MORRO POR CAPRICHO.

UMA PAIXÃO BEM EMPREGADA.

UMA PAIXÃO BEM EMPREGADA.

I.

O meu amigo Valladares, em uma tarde formosa, passeando comigo no

\_Penedo da Saudade\_, sentou-se, accendeu um cigarro com perfeição

academica, abriu a carteira, e recitou-me os versos, que, um anno antes,

me recitára em Alpedrinha.

--Lembras-te?--disse elle.

--Perfeitamente. Prometteste contar-me então uma historia.

--Vou cumprir a promessa.

--E disseste que o teu conto prendia muito com aquella casa.

--Disse, e vaes vêr porque. Olha que eu não vou fazer estilo. Prepara-te

para uma narração simples, e clara. Não pertenço á escóla dos nossos

lapidarios de palavras, que nos dizem em estilo de Corneille as scenas

comicas de Moliere. A minha historia, se tal nome lhe cabe, é uma

tragedia com muitas scenas de farça. Ainda que me não vejas rir, tens a

liberdade da gargalhada. Ahi vai:

Em 1843 fui á feira do Santo Antonio a Villa-Real. Encontrei ahi uma

familia que mora uma legua distante de minha casa. Compunha-se d'uma

senhora idosa, que era mãi d'um cavalheiro, e este cavalheiro era pai

d'uma bonita mulher, que teria dezoito annos. Gostei d'ella, ou antes

confirmei a sympathia que ella me tinha presa desde que a vi, pela

primeira vez, dous annos antes, n'umas ferias grandes. Não lhe disse

quasi nada. Eu era rapaz de dezoito annos, e, aos dezoito annos, um moço

d'aldêa tem o coração acanhado, e córa facilmente, quando encontra os

olhos d'uma mulher, supposto que os veja constantemente em sonhos. A

rapariga chamava-se Miquelina; isto não faz ao caso; mas sempre te digo

que nunca suppuz poder pronunciar este nome sem lagrimas... O que é o

tempo!...

Combinamos partir juntos de Villa-Real. Não recordo na minha vida um dia

mais feliz do que o dia da nossa partida! A familiaridade animava-me a

dizer algumas palavras d'aquellas que nunca exprimem senão a sombra do

sentimento. Miquelina corava, mas nem por isso sustinha as redeas do

cavallo para esperar a avó e o pai, que vinham alguns passos distantes.

Teriamos andado legua e meia, quando o macho em que vinha montada a

velha tomou susto d'um tiro, que se deu ao lado da estrada, recuou, e

deu em terra com a pobre senhora. Acudimos todos.

Encontramos-lhe uma fractura profunda na cabeça, e uma perna quebrada.

Perguntamos se d'alli perto haveria uma casa onde nos recolhessemos.

Encaminharam-nos a Alpedrinha, e a casa era a do padre onde me

encontraste.

O acolhimento que nos deram foi excellente. Encontrei ahi o irmão do

abbade que era meu contemporaneo em Coimbra. Os facultativos disseram

que era impossivel continuar jornada, e ahi ficamos vinte dias.

N'este espaço de tempo, sonhei a felicidade, por que hoje sei que não

existe a realidade d'esses sonhos. Fui muito feliz, senti-me poeta,

idealisei á sombra de Miquelina cousas e pessoas que nunca tiveram senão

materia vilissima para as aspirações do poeta. Em fim, meu caro, cheguei

a recuperar a fé perdida nas cousas da Providencia, porque me parecia

impossivel tanta felicidade sem consentimento especial da Providencia.

Disse a Miquelina tudo que humanamente póde dizer-se. Traduzi-lhe em

palavras os extasis, que as não tinham. Interessei-a na comprehensão da

minha alma, e arranquei-lhe uma palavra, que mil vezes lhe morrera nos

labios, como queimada pelo ardor do pejo. Quando ella me disse «amo-o»

se não endoudeci de contentamento, é porque a disposição do meu cerebro

é invulneravel aos golpes da demencia. Hoje rio-me d'isto, e tu, se te

não ris, agouro-te que não poderás dizer o mesmo a respeito da tua

cabeça, passados alguns annos.

--Porque?

--Porque das duas uma: ou doudo, ou cynico. Tomar a serio a sociedade é

endoudecer. Viver com ella em boa paz é escarnecel-a. Ou doudo ou

cynico. Não enlouqueci; mas depravei-me. Este escarneo, que

indistinctamente voto a tudo, é a negação da piedade para todas as dôres

nobres, e a do odio para todos os prazeres infames. Não me espanta nada.

Aperto a mão do mais corrupto, e a do mais virtuoso com a mesma graça.

Recebo todos os desaforos como factos consumados. Não dou dez reis pela

virtude dos missionarios do Japão, nem daria cinco de volta se elles me

trocassem a sua fé pela minha illustrada impiedade. Eu e elles somos

bons, ou maus: como quizerem. Eu acho que todos somos excellentes filhos

de Deus, e Deus, que nos conserva, lá sabe a razão porque o faz...

--Tu não sentes o que dizes...

--Estás a brincar comigo!... Pois não sinto o que digo?! Tu não vês o

que está dentro d'este homem, nem pódes ainda ajustar á face do cadaver

a mascara que o retrate...

--Mas é possivel ser-se o que tu és?!

--Se é!... Se me não tivesses interrompido, já sabias a razão porque o

sou... Nada de interrupções... Se começo a divagar, digo diabruras,

perco-me em abstracções, que te hão-de parecer pretenciosas, e lá vai a

historia...

--Palavra, que não te interrompo...

--Quando sahimos de Alpedrinha, as minhas intimidades com Miquelina eram

já suspeitas ao pai, que não se entremettia paternalmente no negocio.

Sabes que eu tenho uma soffrivel casa, e Miquelina não era muito mais

rica. Era possivel, e até vantajoso um casamento. Murmurou-se n'este

assumpto em casa do padre, e eu fui consultado por elle.

Isto arrefeceu-me um pouco. Não queria que me viessem tão cedo direitos

ao materialismo. A pequena, porém, não tinha culpa. Eram cousas da

velha, que quebrára a perna, mas ficára com a alma inteira para seguir o

recto caminho, a logica implacavel do namoro, banhos, casamento, filhos,

aborrecimento, barrete de dormir, catarrho, cangalhas no nariz, e

rheumatismo.

Eu amava verdadeiramente Miquelina. Instado pelas perguntas do officioso

abbade, respondi que me casaria um anno depois, porque não queria dar

tal passo sem o consentimento d'um tio, que fôra receber ao Brazil uma

herança, que viria augmentar consideravelmente a minha casa.

Ficamos n'isto.

Tres vezes por semana, durante os dous mezes de ferias, visitei

Miquelina, e revalidei os meus votos, porque esta paixão não era das que

fogem quanto mais faceis se aproximam. A minha Beatriz parecia-me boa de

coração, ajuizada de cabeça, fina de espirito, e em quanto á cara, ao

corpo, e ao donaire... dir-te-hei que as seducções eram tantas, e tão a

proposito que nunca tive occasião de me sentir de uma illusão

desvanecida. Vim para Coimbra. A nossa despedida foi pathetica.

Beijei-lhe a testa pela primeira vez. Comprimi-a ao coração com o

enthusiasmo do primeiro abraço. Recebi da sua mão tremula, como prenda,

o lenço com que enxugára as lagrimas, e retirei-me com o coração

partido, mas vaidoso de esperanças, que a saudade me dourava no meu

lindo futuro.

Logo que aqui cheguei, escrevi-lhe. Imagina o que eu lhe diria! Eram

vinte folhas de papel, escriptas em todas as estalagens onde pernoitei,

e fechadas com uma especie de hymno de lagrimas, em que se me foi tudo o

que a minha alma podia dar de superior áquillo que todos os homens sabem

dizer n'uma carta de namoro.

Respondeu-me. A sua carta era simples, mas os toques eram verdadeiros...

pareciam-no... via-se alli a mulher que escreve a primeira carta, o

coração timido que balbucia os sons d'uma selvagem innocencia, que é a

felicidade do homem que primeiro os tira do coração d'uma virgem.

Tres mezes assim. Tres mezes d'uma vida phantastica. Ancias insaciaveis

das suas cartas. Tristezas dôces quando me faltavam n'um correio. Zangas

sem odio, se o coração de tão longe a criminava de ingrata. Tres mezes

assim... e no fim de tres mezes... adevinha o que aconteceu...

--Eu sei cá... morreu?

--Não.

--Veio cá ter comtigo?

--Não.

--Abandonou-te?

--Abandonou.

--Isso é incrivel!

--Acredita. Agora adevinha por quem eu fui preferido.

--Eu só te conheço a ti na tua terra...

--Imaginas que algum dandy a requestou de modo que a fragil creatura

succumbiu ás seducções invenciveis?

--Só assim.

--Ora adeus! Tu não adevinhas, porque não sabes nada de mulheres...

--Foi o pai que a forçou a casar-se com algum brasileiro muito rico?...

--Tambem não...

--Diz lá isso, que estou impaciente...

--Pois lá vai: a minha querida Miquelina, o meu anjo que corava se o meu

halito lhe roçava nas faces, a minha pudibunda Virginia que recebeu o

meu primeiro beijo a tremer, a minha mimosa sensitiva que parecia

resequir-se á mingoa dos meus carinhos... sempre queres que te diga?

--Pois então?

--A minha promettida esposa... fugiu com um... digo?

--Acaba, homem!

--Com um lacaio da casa!... Ólá! não fiques assim atordoado! Rite, como

eu...

--Isto é inconcebivel!... E depois?

--Depois... que queres que eu te diga?

--Que fim teve essa mulher?

--Foi agarrada por ordem do pai, e o lacaio morreu arcabusado

summariamente para não dar que fazer á justiça.

--E ella... vive?

--Creio que sim.

--Na companhia da familia?

--Não... Tu não me disseste que viras no Porto... Fiquemos aqui...

--Isso de modo nenhum... Has-de concluir...

--Pois sim... que importa!... Não me disseste que viste no Porto uma

meretriz que revelava uma boa educação, e não queria dizer d'onde era,

nem como viera áquella vida?...

--Disse... mas não se chamava Miquelina...

--Isso não faz nada ao caso... Rosa, ou Miquelina, é a mesma... é a

minha promettida esposa, é o anjo dos meus primeiros amores, é a pomba

alvissima da innocencia que encontrei em Alpedrinha... É ella...

Basta... É noite... Vou fazer monte, e depois, se te quizeres embriagar

comigo, vamos ao \_Paço do Conde\_, e beberemos á saude da exc.^{ma}

Miquelina Alpoim e Malafaia, victima d'uma paixão pelo infeliz lacaio,

que desceu ao tumulo... das illustres victimas. Já sabes como se faz um

cynico? A esses parvos, que por ahi andam a gaguejar um scepticismo que

cheira a cueiros, dá-lhe com uma palmatoria.

E não tornou a fallar-me n'esta mulher.

DE ABYSMO EM ABYSMO.

Eu é que não podia satisfazer a minha curiosidade com a descosida

revelação de Valladares.

Muitas vezes acalorei a questão do cynismo, applicando-a a Miquelina;

mas este nome enfurecia-o de tal modo, que as nossas relações estiveram

a romper-se, e reataram-se com a condição de eu nunca lhe tocar

ligeiramente em semelhante assumpto.

Sujeitei-me; mas, na primeira occasião prosperada pelo acaso, alcancei

esclarecimentos, que illucidam a degradação da pobre mulher.

Em 1848, Miquelina vivia ainda no Porto. A sua vida já a sabem. Como

veio ella tão abaixo?

Foi assim:

Alguns dias depois da fuga vergonhosa com o defunto lacaio, Miquelina

foi conduzida a Lisboa. A avó, que pôde sobreviver ao golpe, quiz salvar

a neta da colera do filho. Este ausentára-se para Chaves, no momento em

que a filha entrára em casa. De lá, escrevendo á mãi, dizia-lhe que

désse á infame algum destino, porque, em quanto a sua presença

envergonhasse aquella casa, nunca elle tornaria alli.

D'aquella familia estava em Lisboa um magistrado, tio materno de

Miquelina. Foi este o encarregado de recebêl-a durante alguns mezes na

sua casa.

Não se passaram muitos dias, sem que Miquelina revelasse os seus

instinctos. Namorava escandalosamente um homem, sem nome, que

frequentava as janellas d'um alfaiate, que morava em frente.

O magistrado suspeitou, e prohibiu-lhe o uso das janellas. O homem, que,

por força, havia de ter um nome, e poderia muito bem chamar-se José

Maria, não era tão escasso de meios que não comprasse um creado da casa.

O creado era o intermedio da correspondencia, menos da ultima carta,

surprehendida pelo magistrado. Esta carta authorisava José Maria a

empregar a força judicial para tirar de casa Miquelina. N'esse mesmo

dia, a perigosa «donzella» foi mudada para casa de um general, cunhado

de seu tio.

O general era solteiro, homem de cincoenta e tantos annos bem

conservados, admirador das boas mulheres, e vigoroso ainda para não

desmentir o culto, quando se lhe pedissem provas praticas das theorias

um pouco irrisorias na sua idade.

Tinha comsigo duas irmãs, mais novas, que, \_mutatis mutandis\_,

professavam as idêas do irmão.

Dito isto, vê-se que a casa, onde Miquelina foi reclusa, era um viveiro

de moral.

Foi bem recebida, e até muito bem aconselhada. As irmãs do general

fallavam muito da virtude, e da honra. Quem as não conhecesse,

acrescentaria duas martyres ineditas ás onze mil virgens conhecidas, de

que Byron duvidou, e eu não me sinto muito propenso a acreditar, nem o

meu amigo Valladares.

O José Maria não sei que fim levou. Seria algum d'esses quatro que em

1845 se precipitaram dos «Arcos das Aguas-livres!?» Se foi, não andou

bem, porque fez as cousas de modo que ninguem falla d'elle. Os

\_Werthers\_ sabem escolher as occasiões, senão... é melhor deixarem-se

morrer de tedio, que é a morte que me espera a mim, e a ti, leitor, no

fim d'este livro, se não morreres no meio.

O general namorou Miquelina. Namorando-a, seduziu-a. Seduzindo-a,

abriu-lhe a outra meia porta da corrupção.

Porque foi assim que as cousas se passaram:

Miquelina affeiçoou-se ao general, como se affeiçoára a Valladares, ao

lacaio, e ao José Maria. Trazia o cunho da perdição! Era uma d'estas

desgraçadas que a gente vê cahir, cahir, cahir a despeito de todos os

estorvos! Que Deus, ou que demonio imprime o movimento n'estas machinas,

sem coração nem cabeça? Não se sabe! A verdade é que eu sinto vontade de

chorar essas victimas cegas d'um destino barbaro, e tenho furias de

blasphemo quando me dizem que Deus se entremette nas cousas d'este

mundo... Vamos adiante, senão atiro a penna fóra, e rasgo o papel...

Ora já vedes que o general era um devasso, e a pobre menina deve

merecer-vos uma pouca de compaixão, se eu vos afianço que o amou, até ao

ciume.

Disseram-lhe um dia que uma mulher de capote e lenço entrára no quarto

do general, que era ao rez da rua. Miquelina estava doente de cama.

Ergueu-se com febre, vestiu-se precipitadamente, desceu as escadas

cambaleando de fraqueza, escutou á porta do traidor, e ouviu risadas, e

palavras obscenas.

Era noite, quando isto se passava.

As irmãs do general deram pela falta da hospeda, e desceram a procurar o

irmão. Miquelina, quando as sentiu, na incerteza do que devia

responder-lhes, fugiu. Fugindo, achou-se n'uma rua que não conhecia,

atravessou umas poucas, chegou a uma praça onde encontrou umas mulheres

esfarrapadas que a tractaram por tu, e fugiu até deparar as escadas

d'uma igreja, onde um soldado lhe veio dizer palavras desconhecidas.

Fugiu ainda; mas a desgraça corria a par d'ella.

O frio da noite, e a febre do coração aniquilaram-na. Sentou-se n'um

portal, e desmaiou. Uma patrulha deu-lhe com a ponta do pé, e a

desgraçada não respondeu. Tomaram-na como bebeda, e foram seu caminho.

Outra patrulha sacudiu-lhe a cabeça pelos cabellos. Miquelina gemeu,

abriu os olhos, e pediu erguendo as mãos que a deixassem morrer. Estava

perto do hospital de S. José. Os soldados pediram soccorro ao proximo

corpo da guarda, e mandaram-na para lá.

No hospital, deram-lhe uma cama na enfermaria... não sabemos que

enfermaria; mas parece que o facultativo, na visita de manhã, mandou

retirar a mulher para um quarto particular, pago á sua custa.

Que foi o que ella disse ao medico? Nada. Seria n'elle um arrojo de

caridade? Não. «Pois não tens uma palavra boa para explicar uma acção

nobre?» Nobilissimos leitores, deixai-me suppôr que sois melhores

pessoas que o medico. O que elle queria era uma creada, com as feições

de Miquelina. As despezas da cura, além de ficarem encontradas no seu

ordenado, seriam pequenas. Uma febre benigna não resistiria ao

tratamento de oito dias.

Mas, ao setimo, Miquelina fugiu do hospital, favorecida pela enfermeira,

em cuja casa foi residir.

Desde esse dia, chamou-se Rosa.

...........................................................................

...........................................................................

--Que bonita rapariga é aquella que está em casa da A \* \* \* na calçada

do Duque?

--É uma rapariga da provincia, pela pronuncia: chama-se Rosa, mas não

diz d'onde é, nem quem a trouxe alli.

--Parece bem educada!

--Parece... e não é desbocada... Não tem ainda a consciencia do seu

officio... É necessario que perverta a linguagem, se quizer

celebrisar-se...

--De quem fallam vossês?--disse um terceiro, que, na Praça do Rocio,

veio associar-se ao grupo.

--D'aquella Rosa, que tu denominaste um \_cherubim precipitado\_ na tua

poesia.

--E é...

--É!... pois tu sabes a vida d'ella?

--Sei...

--Contas?

--Não...

Este terceiro era Valladares.

Teve elle coragem de vêl-a face a face?

Não teve: entrou alli com uma mascara na terça feira de Entrudo.

Conheceu-o ella? Conheceu: porque no dia immediato desappareceu de

Lisboa.

É por isso que eu a vi no Porto em 1848...

...........................................................................

O general é hoje conde. O menos torpe dos florões da sua corôa é este...

Foi \_honrado e hospitaleiro\_!...

Valladares embriaga-se todos os dias, e não póde assim viver muitos

mais, porque já não sente no paladar o acido do cognac.

E Miquelina?

Ha mais de seis annos que os estudantes da escóla medico-cirurgica do

Porto a retalharam fibra a fibra com os seus escalpellos observadores.

Já vêdes que morreu no hospital, e foi em pedaços atirada ao monturo da

santa casa, depois de se prestar, como cadaver, ás lucubrações da

anatomia.

Podeis não acreditar tudo, ou parte d'isto... Olhai, porém, que vos não

dei aqui a verdade descarnada como ella é no conto melindroso, que vos

contei. Escondi-vos metade.

AVENTURAS D'UM BOTICARIO D'ALDÊA.

AVENTURAS D'UM BOTICARIO D'ALDÊA.

O snr. Manoel Pires, pharmaceutico approvado por outro pharmaceutico que

não foi approvado em parte nenhuma, estabeleceu a sua botica n'uma aldêa

do concelho de Carrazedo de Monte Negro. O seu laboratorio chimico era

um fogareiro e uma retorta de vidro, emendada no collo por um cylindro

de lata. A sua livraria era o \_Medico lusitano\_, in folio; uma

Pharmacopeia, edição de 1700; e um pequeno volume intitulado--\_Segredos

da natureza\_. Os lotes, que eram seis, continham garrafões de barro

vidrado, atapulhados de hervas, que tinham o merecimento chronologico de

serem contemporaneas dos garrafões. Afóra isto, não sei que liquidos

verdes e amarellos e azues variegavam um dos lotes, que, pelos modos,

continha os remedios heroicos, como oleo de amendoas dôces, extracto

d'amoras, solimão, e oleo de mamona.

Com tantos elementos não admirava nada que o snr. Manoel Pires fosse um

sabio, não digo consumado, mas superior á intelligencia d'alguns

cirurgiões d'aquella redondeza.

Apenas estabelecido, este filho bastardo de Hypocrates honrou as cinzas

de seu pai fazendo a cura radical d'uma espinhela cahida na pessoa da

snr.^a Therezinha da Fonte. Este triumpho da pharmacia sobre a espinhela

elevou o snr. Pires, não direi até ás columnas do \_Zacuto\_, mas até onde

podiam leval-o as suas aspirações de mestre Manoel Pires, como

respeitosamente lhe chamavam os seus numerosos freguezes.

Um segundo triumpho veio consolidar a reputação adquirida no primeiro. A

cura d'uma \_ostrução\_, que eu não sei o que é, e outra d'umas

almorreimas renitentes, não deixou nada a desejar por aquelles

arredores.

O snr. Manoel Pires soube tirar partido dos dotes que a Providencia lhe

cedêra. Relacionou-se com o parocho, com o regedor, com o juiz de paz, e

associou-se assim a um triumvirato, que decidia dos destinos da

freguezia. E o que elles não fizessem dez leguas em redor ninguem o

faria. Uma vez ouvi eu dizer ao tio Antonio da Pôça que o sobredito juiz

de paz se correspondia com os \_governos\_ de Lisboa. Não posso abonar na

sua integra a verdade do dito; mas não será sem fundamento a cousa,

attendendo á importancia d'um juiz de paz, quando se tracta de fazer um

deputado.

O boticario era uma figura incapaz das honras anatomicas do romance.

Tinha a cara vermelha como um molho de beterrabas. Os rofegos das

bochechas cahiam-lhe em fórma de sanefas sobre os collarinhos engommados

com pós de batata.

As ventas eram dous vulcões que resfolegavam lavas de simonte; e, não

sei porque analogia estupenda, os dentes acavallados simulavam uma

Herculanum em miniatura, um destroço de pilastras e ogivas e capiteis.

Como quer que fosse, o snr. Manoel Pires, aos quarenta annos, contava

quarenta conquistas das melhores raparigas da freguezia. E, honra lhe

seja feita, não deu nunca pasto nos soalheiros, nem consta que désse o

menor escandalo. Lá como elle fazia as cousas, e a felicidade dos seus

triumphos, vai o leitor ajuizar, se, em desconto dos seus peccados,

quizer lêr uma pagina altamente dramatica da biographia do nosso amigo.

Manoel Pires foi chamado um dia para curar uma dôr de \_reins\_ na pessoa

da tia Maria do Eiró. Não é necessario dizer que a molestia obedeceu. Na

mesma casa curou da \_triz\_ o tio João, e por fim talhou o \_bicho\_ com

perfeição e felicidade á Mariquinhas, rapariga d'uma vez, e cousa de pôr

a cara a um lado a mais de quatro \_Antonys\_ de sócos que lhe andavam por

lá a regougar palavras de ternura.

O leitor não saberá o que é talhar o bicho, e eu, realmente lhe digo,

que não consultei o diccionario das sciencias medicas. Fiquemos com a

nossa ignorancia; e eu faço sinceros votos porque nos não seja preciso

nunca talhar o bicho.

O caso é que o mestre Manoel Pires fallou ao coração da rapariga, e

fez-lhe vibrar todas as cordas da viola de alma. Não sei se a moçoila

viu archanjos, serafins, e brizas, e raios de lua a pratear lagos

d'anil. O que eu sei é que a boa da rapariga achava que eram pouco os

olhos da cara para vêr o snr. Manoel Pires, que, diga-se a verdade, não

era sceptico, nem carpia tristezas por deshoras ao som do murmurar

saudoso do sujo regato que lhe passava á porta.

Felizmente para elle, o dono da casa foi atacado d'um \_estalecidio\_ que

lhe cahiu nos bofes, segundo a opinião do boticario, e a cura demorada

d'esta séria enfermidade proporcionou aos ternos amantes occasiões

ditosas de se trocarem palavrinhas de pôrem o coração em maré-cheia de

poesia chula.

O dialogo, que mais concorreu para a solução final, foi

incontestavelmente o seguinte:

Elle.--O deus Cupido fez dos olhos de vm.^{ce} duas settas, que

trespassaram o meu coração.

Ella.--E as palavras de vm.^{ce}, como o outro que diz, são palavrinhas

de mel a que não \_regeste\_ meu sensivel peito.

Elle.--Eu bem queria dizer a vm.^{ce} as ternuras do meu coração, e as

congeminencias do meu pensamento. Vm.^{ce} é mais bonita que Venus, e

Cupido é o deus do amor que me derrete aos pés de vm.^{ce}

Ella.--Pois se vm.^{ce} me tem amor para o bom fim o deve ter, que quem

mal anda mal acaba, como o outro que diz.

Elle.--O fim para que eu fallei a vm.^{ce} só eu o sei; e a troco d'esse

negocio faz mingoa fallarmos outra vez.

Ella.--Quando vm.^{ce} quizer, e Deus o faça para bem, que lá eu

querer-lhe isso quero eu, assim Deus me ajude, e o bicho me torne se

assim não é. Uma rapariga que tem seus \_cretos\_ não deve de perdel-os, e

vm.^{ce} bem entende as cousas que é sabio e homem de cabeça, por muitos

annos e bês.

Elle.--E vm.^{ce} que os conte. Ora pois; o que se ha-de fazer ao tarde

faça-se ao cedo. Se vm.^{ce} me der duas palavrinhas esta noite, ouvirá

da minha bocca as affectiveis ternuras do meu amante coração, onde o

deus Cupido cravou as mais duras settas.

Ella.--Pois se vm.^{ce} promette de ter toda áquella de... sim, dizia

eu, se vm.^{ce} promette de ter toda áquella... sim... como diz lá o

ditado...

Elle.--Pelo deus Cupido lhe prometto a vm.^{ce} de lhe não pôr a minha

mão, nem palavra lhe direi que seja escontra a honra de vm.^{ce}.

A resistencia da rapariga era impossivel! Quando a eloquencia, assim

inspirada do intimo da alma, regorgita em jorros nos labios d'um amante,

é certo o triumpho. O amor é realmente o galvanismo dos estupidos,

d'esses cadaveres moraes, que se levantam do tumulo da intelligencia, e

cantam lerias n'um alamiré celeste! Não nos recordamos de ter lido em

romances francezes um dialogo tão fertil d'imagens, tão vibrante de

affectos, tão digno, em fim, de ser copiado na carteira d'estes obtusos

amadores das salas, para os quaes não ha assumpto, se lhes falharem as

reminiscencias do borda d'agua.

Manoel Pires retirou-se com os acicates do seu deus Cupido cravados

n'alma, e foi, a toda a pressa, aviar duas tisanas, e quatro causticos

para a numerosa clinica que o esperava. Sem exageração, este

pharmaceutico era uma pilula de Holloway viva! Resumia todas as virtudes

da revalenta arabica. Logo que o anjo da guarda,[1] não podesse salvar o

enfermo das aggressões mephiticas do espirito mau, Manoel Pires, anjo

sublime do charlatanismo, com dedo inspirado, apontava a enfermidade,

quer na bocca do \_estamago\_, quer nos \_bofes\_ quer nos \_miolos\_! Este

homem despresava a nomenclatura de Bichat, de Soares Franco, e de tantos

outros creadores de nomes barbaros que não fazem nada á saude do

cidadão. Honra lhe seja feita!

O nosso homem, aviadas as receitas, tirou do bolso uma cousa enorme de

cobre defumado; levantou as camadas de metal, que guardavam não sei que

pythonissa magica, e, por fim de contas, era um relogio, cujo involucro

suppria á farta uma bacia de semicupios.

Eram 8 horas. Na aldêa é esta a hora dos amantes. Manoel Pires enfiou as

suas meias de lã até á cintura, calçou os sapatos confidentes de mil

emprezas semelhantes, dobrou galhardamente o seu pau de carvalho ferrado

de amarello, e partiu.

Ás 8 e um quarto, estava Manoel Pires no quinteiro da Mariquinhas,

esperando-a, com a anciedade propria da sua organisação nervosa. Maus

fados quizeram que n'aquella noite, e a taes horas, andasse fóra de casa

o tio João do Eiró. A rapariga entendeu que devia esconder em casa o seu

boticario, em quanto o pai não recolhesse. Quiz primeiro sumil-o na

córte das vaccas, mas lembrou-se que o pai, antes de deitar-se,

costumava hir afagar a sua vacca castanha, pela qual na feira dos 8

rejeitára sete moedas e um quarto! Metteu-o, depois, na loja da egua,

mas a bestinha, egoista e ciumosa da manjadoura, não comprehendeu que o

snr. Manoel Pires era um racional, e jogou-lhe uma parelha de couces,

que por um tris o não remetteu á galeria posthuma dos pharmaceuticos

illustres. Introduziu-o no curral dos carneiros, mas a entrada do

infeliz amante foi recebida com uma escaramuça de marradas, como se um

lobo cerval os surprehendesse. Ultimamente, Mariquinhas, melhor avisada,

levou o seu paciente amante para a cozinha, levantou um alçapão, fêl-o

descer uma escada, e, quando descia mansamente o fatal alçapão, entrava

o pai.

--Que fazes tu ahi, rapariga?--bradou elle.

Mariquinhas atrapalhou-se, e coçou a cabeça com ambas as mãos.

Deve saber-se que o tio João desconfiava que a filha, quando podia, lhe

roubava das caixas o seu sacco de milho, que vendia para comprar, á

surrelfa, o seu cordãosinho de ouro.

Na loja, onde o boticario desceu, estavam as caixas do milho, e não ha

nada mais natural que a irritação do velho, quando apanhou a rapariga em

flagrante delicto.

--Onde está a chave d'este alçapão, rapariga? interpellou o tio João no

mesmo diapasão.

--A chave tem-na vm.^{ce}

O homem entrou no seu quarto, proximo da cozinha, e veio com a chave,

resmungando:

--Ora deixa-te estar, que não has-de cá tornar po'lo vêso, minha cabra

de não sei que diga!

Fechou o alçapão, e foi-se deitar.

A loja não tinha outra sahida. O boticario, por tanto, achava-se n'uma

posição falsa, diz o leitor. Elle sabia lá o que eram posições falsas! O

que elle fez primeiro foi apalpar. Encontrou uma caixa, e disse lá

comsigo: «no chão não me deito eu.» Continuou fleugmaticamente a fazer o

seu juizo critico do local em que se achava, e esbarrou com o nariz n'um

presunto. Não obstante, o snr. Manoel Pires tirou uma segunda conclusão:

«de fome não morro eu.» Mais adiante esbarrou n'uma pipa, e teve a

pachorra de lhe tocar com os nós dos dedos para vêr se estava cheia. E o

caso é que estava! Manoel Pires era um onagro de felicidade! «Deixa

correr o mundo!...» disse elle, e estirou-se francamente sobre a caixa á

espera d'um somno regalado.

Passára-se uma hora, e o boticario, começando a pensar seriamente na sua

situação, teve momentos de Napoleão na ilha de Santa Helena! Applicou o

ouvido, e nem um sussurro ouviu na cozinha. Sentiu frio, por que em

Dezembro não é facil aquecer o corpo no fogão do amor. Deu alguns passos

maquinaes, buscando uma sahida qualquer, e encontrou um albardão.

«Valha-nos ao menos isto,» disse elle, e pegou do albardão, collocou-o

convenientemente sobre si, e tornou-se a deitar.

Agora fallemos das colicas de Mariquinhas.

Como sabem, o pai deitou-se, e a rapariga recolheu-se ao seu quarto, já

que não posso dizer ao seu palheiro. Alma de pedreneira, ferida pelo

fuzil do amor, a moçoila não atinava com a maneira de pôr no olho da rua

o seu querido pharmaceutico. Inspirada pelo derradeiro esforço da sua

dôr sublime, lembrou-se de pôr em execução um plano digno de melhor

sorte.

O pai resonava profundamente, Maria, pé ante pé, entrou-lhe no quarto e

sahiu com as calças, em cujo bolso estava a chave. Judith não sahiu mais

contente da tenda de Holofernes!

Abriu o alçapão com subtileza, mas, no momento em que o levantava, os

gonzos rangeram, e o lavrador, que sonhava com um sacco de milho que lhe

emigrava das tulhas, saltou abaixo da cama, gritando: «ó rapariga!»

Não se diz, em linguagem portugueza, sem um conhecimento profundo dos

classicos, a atrapalhação da cachôpa! O tio João procurou as calças, e

não as achou, mas o caso urgia. Mesmo em camisa (\_proh pudor!\_) saltou

do quarto para a cozinha, já quando a filha se esgueirava, escada

abaixo, para o quinteiro.

O tio João, contra todas as leis da decencia, foi atraz de sua filha, e

filou-a pelo gasnete:

--O que hias tu fazer á loja, Maria?

--Raios me parta (disse ella a chorar) se eu hia á caixa do pão ou dos

feijões!

--Então a que hias tu lá, diabo?

--Assim me Deus salve, em como lhe não tirei nem um graeiro da caixa...

O tio João sentiu frio, e reconheceu que a brisa gelada da noite lhe

soprava nas pernas. Tornou para a cozinha, e foi direito ao alçapão;

mas... ai d'elle!... o alçapão estava aberto, e o honrado chefe de

familia resvalou com todo o peso da sua bestialidade até á loja.

Manoel Pires soltou um urro de surpreza, que já não foi ouvido pelo João

do Eiró, que desmaiára.

Maria, ainda no quinteiro em postura de Dido lastimosa, ouviu um ruido,

mas suppoz que era o cahir do alçapão. Atravessou a cozinha,

amaldiçoando a sua sorte, e metteu-se no seu quarto a pensar no

desenlace d'aquella tragedia.

A tia Maria do Eiró, acordando, não achou na cama o seu velho, e sentiu

ciumes, pela primeira vez na sua vida. Chamou com voz do intimo, tres

vezes, o seu João, e como ninguem lhe respondesse, a mulher começou a

vestir-se, enfiando responsos a Santo Antonio, de mistura com não sei

quantas pragas, que ella rogava ao sumidouro das suas sócas.

E a filha, cosida com as mantas, nem uma palavra!

A tia Maria accendeu a candêa, e foi direita á cozinha, que era o ponto

convergente de todas as operações d'aquelle drama. Viu o alçapão aberto,

e não tinha ainda reconcentrado em si todo o horror d'aquella

fatalidade, quando ouviu um gemido surdo que vinha lá debaixo. A pobre

mulher lembrou-se que estava roubada! Abre a janella e grita

desentoadamente «aqui d'el-rei ladrões!» A visinhança alarmou-se, e

pouco depois os 60 fogos d'aquella aldêa agglomeravam-se no quinteiro do

tio João do Eiró.

Os mais destemidos rapazes da aldêa desceram á loja, e encontraram o

pobre velho com a cabeça aberta por dous lados, e não sei quantas

costellas desmanchadas. Reinou o silencio do mysterio! Ninguem

conjecturava a causa d'aquelle estranho successo, quando um dos que

farejavam os recantos da loja, descobre um pé por debaixo d'um albardão!

Levantou-se uma gritaria infernal: até que o mais resoluto, afastando o

albardão, soltou um brado terrivel d'espanto:

--O senhor mestre Manoel Pires!

Hão-de ter visto nos dramas descabellados um encapotado, que é

necessariamente um rei, mostrar a cara, e petrificar uma sucia de

perseguidores, que o atacam. Pois tal foi o effeito que o boticario

produziu na chusma de valentões de fouce roçadoura, que o cercavam.

O tio João, tornando a si, foi direito ao boticario para agradecer-lhe a

promptidão com que viera cural-o. Mas a tia Maria poz tudo em pratos

límpos: contou tudo a seu marido, que a escutava com cara de parvo,

segundo convinha em semelhante conflicto.

Mestre Manoel Pires hia ser apregoado ladrão, por que a sua importancia,

passado o momento da surpreza, começava a soffrer uma grande baixa na

opinião dos lavradores.

Mas o seu caracter repellia tamanha affronta! A hora solemne d'uma

honrosa satisfação estava chegada. O pharmaceutico, superando com a sua

voz o ruido da turba conspirada, disse:

--Chamem cá a Mariquinhas que essa é que sabe do negocio como elle é.

O Pedro da Eira, apaixonado de Mariquinhas, vendo, com olhos d'amante, o

segredo da cousa, quiz logo alli partir a cabeça do seu rival.

--Oh su alma do diabo!... exclamou elle.

Contiveram-no. O snr. João do Eiró chamou a filha. A pobre rapariga era

uma cascata de lagrimas. Veio a muito custo, cuidando que era então a

\_sua fim\_, como ella depois disse.

A sua apparição impoz ás multidões um respeitavel silencio.

Mestre Manoel Pires fallou assim, com ar de inspirado, e o braço direito

em attitude prophetica:

--Esta rapariga é minha mulher, se m'a derem. Eu vim aqui a troco

d'ella. Em bom panno cahe uma nodoa. Mal remediado é mal acabado. Ámanhã

se Deus quizer lêem-se os banhos, e não ha nada mais a fazer aqui!

A Mariquinhas ficou com cara de tola, e não cabia n'um sino. Os paes,

d'esses não se falla. Mestre Manoel era o casamento mais vantajoso da

freguezia. Endireitou as costellas ao sogro, bebeu á saude da boa

companhia, e casou com grande prestito, onde não faltou o juiz de paz,

que teve de mais a mais o prazer de pendurar n'esse fausto dia o habito

de Christo na casaca. Nas bodas celebres para sempre, nos annaes de

Carrazedo de Monte-Negro, comeram-se dez cabritos assados com o

competente arroz de forno.

Já lá vão cinco annos.

Mestre Manoel Pires espera ser deputado com um governo apreciador do

verdadeiro talento; e a senhora Mariquinhas Pires já este anno veio a

banhos de mar, e viu por ahi baronezas, que lhe despertaram o louvavel

desejo de o ser.

E ha-de ser, se Deus quizer.

COUSAS QUE SÓ EU SEI.

COUSAS QUE SÓ EU SEI.

I.

Na ultima noite do carnaval, que foi justamente aos 8 dias do mez de

Fevereiro, do corrente anno[2] pelas 9 horas e meia da noite entrava no

theatro de S. João, d'esta heroica, e muito nobre e sempre leal cidade,

um dominó de setim.

Déra elle os dous primeiros passos no pavimento da platêa, quando um

outro dominó de velludo preto veio collocar-se-lhe frente a frente,

n'uma contemplação immovel.

O primeiro demorou-se um pouco a medir as alturas do seu admirador, e

virou-lhe as costas com indifferença natural.

O segundo, momentos depois, apparecia ao lado do primeiro, com a mesma

attenção, com a mesma penetração de vista.

D'esta vez o dominó-setim aventurou uma pergunta n'aquelle desgracioso

falsete, que todos nós conhecemos:

--Não quer mais do que isso?

--Do \_qu'isso\_!...--respondeu um mascara que passava por casualidade,

esganiçando-se n'uma risada que raspava o tympano.--\_Olha do

qu'isso!\_... Já vejo que és pulha!...

E retirou-se repetindo--\_do qu'isso... do qu'isso...\_

Mas o dominó-setim não soffreu, ao que parecia, a menor contrariedade

com este charivari. E o dominó-velludo nem se quer acompanhou com os

olhos o imprudente que viera embaraçar-lhe uma resposta digna da

pergunta, fosse ella qual fosse.

O \_setim\_ (fique assim conhecido para evitarmos palavras, e tempo que é

um preciosissimo cabedal) o \_setim\_, d'esta vez, encarou com mais alguma

reflexão o \_velludo\_. Conjecturou supposições fugitivas, que se

destruiam mutuamente. O \_velludo\_ era forçosamente uma mulher. A

pequenez do corpo, cuja flexibilidade o dominó não encobria; a

delicadeza da mão, que protestava contra o ardil mentiroso d'uma luva

larga; a ponta de verniz, que um descuido, no lançar do pé, denunciára

debaixo da fimbria do velludo, este complexo de attributos, quasi nunca

reunidos em um homem, captaram as serias attenções do outro, que,

incontestavelmente, era um homem.

--Quem quer que sejas, (disse o setim) não te gabo o gosto! Tomára eu

saber o que vês em mim, que tanta impressão te faz!

--Nada--respondeu o velludo.

--Então, deixa-me, ou diz-me alguma cousa ainda que seja uma semsaboria,

mais eloquente que o teu silencio.

--Não te quero embrutecer. Sei que tens muito espirito, e seria um crime

de leso-carnaval, se te dissesse alguma d'essas graças salobras, capazes

de fazer calar para todo o sempre um Demosthenes de dominó.

O \_setim\_ mudou de opinião a respeito do seu perseguidor. E não admira

que o recebesse com rudeza no principio, porque, em Portugal, um dominó

em corpo de mulher, que passeia «sosinha» n'um theatro, permitte umas

suspeitas que não abonam as virtudes do dominó, nem lisongeam a vaidade

de quem lhe recebe o conhecimento. Mas a mulher em quem recahe

semelhante hypothese não conhece Demosthenes, nem diz \_leso-carnaval\_,

nem aguça a phrase com o adjectivo \_salobras\_.

O setim arrependeu-se da aspereza com que recebera os attenciosos

olhares d'aquella incognita, que principiava a fazer-se valer como tudo

aquillo que apenas se conhece por uma face boa. O \_setim\_ juraria, pelo

menos, que aquella mulher não era estupida. E, seja dito sem tenção

offensiva, já não era insignificante a descoberta, porque é mais facil

descobrir um mundo novo que uma mulher illustrada. É mais facil ser

Christovão Colombo que Emilio Girardin.

O \_setim\_, ouvida a resposta do \_velludo\_, offereceu-lhe o braço, e

gostou da boa vontade com que lhe foi recebido.

--Conheço (diz elle), que o teu contacto me espiritualisa, bello

dominó...

--\_Bello\_, me chamas tu!... É realmente uma leviandade que te não faz

honra!... Se eu levantasse esta sanefa de sêda, que me faz bonita,

ficavas como aquelle poeta hespanhol que soltou uma exclamação de terror

na presença d'um nariz... que nariz não seria, santo Deus!... Não sabes

essa historia?

--Não, meu anjo!

--\_Meu anjo!\_... que graça! Pois eu t'a conto. Como o poeta se chama não

sei, nem me importa. Imagina tu que és um poeta, phantastico como

Lamartine, vulcanico como Byron, sonhador como Mac-Pherson, e voluptuoso

como Voltaire aos 60 annos. Imagina que o tedio d'esta vida chilra que

se vive no Porto te obrigou a deixar no teu quarto a pythonissa

descabellada das tuas inspirações, e vieste por aqui dentro a procurar

um passatempo n'estes passatempos alvares d'um baile de carnaval.

Imagina que encontravas uma mulher extraordinaria de espirito, um anjo

de eloquencia, um demonio de epygramma, em fim, uma d'estas creações

miraculosas que fazem rebentar uma chamma improvisa no coração mais de

gêlo, e de lama, e de toucinho sem nervo. Ris? Achas nova a expressão,

não é assim? Um coração de toucinho parece-te uma offensa ao bom senso

anatomico, não é verdade? Pois, meu caro dominó; ha corações de toucinho

estreme. São os corações, que reçumam oleo em certas caras estupidas...

por exemplo... olha este homem redondo, que aqui está, com as palpebras

em quatro refêgos, com os olhos vermelhos como os d'um coelho morto, com

o queixo inferior pendente, e o labio escarlate e vidrado como o bordo

d'uma pingadeira, orvalhada de banha de porco... Esta cara não te parece

um grande rijão? Não crês que este baboso tenha um coração de toucinho?

--Creio, creio; mas falla mais baixo que o desgraçado está a gemer

debaixo do teu escalpello...

--És tolo, meu cavalheiro! Elle entende-me lá!... É verdade, ahi vai a

historia do hespanhol, que tenho que fazer...

--Então queres deixar-me?

--E tu?... queres que eu te deixe?

--Palavra d'honra que não! se me deixas, retiro-me...

--És muito amavel, meu querido Carlos...

--Conheces-me?!

--Essa pergunta é ociosa. Não és tu \_Carlos\_!

--Já fallaste comigo na tua voz natural?

--Não; mas começo a fallar agora.

E com effeito fallou. Carlos ouviu um som de voz sonora, metallica, e

insinuante. Cada palavra d'aquelles labios mysteriosos sahia vibrante e

afinada como a nota d'uma tecla. Tinha aquelle não-sei-que, que só se

escuta nas salas, onde fallam mulheres distinctas, mulheres que obrigam

a gente a prestar fé aos privilegios, ás prerogativas, aos dons muito

peculiares da aristocracia do sangue. Todavia, Carlos não se recordava

de ter ouvido semelhante voz, nem semelhante linguagem.

«Uma aventura de romance!» dizia elle lá comsigo, em quanto o

dominó-velludo, conjecturando o enleio em que pozera o seu enthusiasta

companheiro, continuava a fazer gala do mysterio, que é de todas as

alfaias aquella que mais alinda a mulher! Se ellas podessem andar sempre

de dominó! Quantas mediocridades em intelligencia rivalisariam com Jorge

Sand! Quantas physionomias infelizes viveriam com a fama da mulher de

Abdel-Kader!

--Então quem sou eu?--proseguiu ella--não me dirás?... Não dizes... pois

então, tu és Carlos, e eu sou Carlota... fiquemos n'isto, sim?

--Em quanto eu não souber o teu nome, deixa-me chamar-te «anjo.»

--Como quizeres; mas sinto dizer-te que não és nada original! \_Anjo!\_...

é um appellido tão safado como \_Ferreira\_, \_Silva\_, \_Sousa\_, \_Costa\_...

et cetera. Não vale a pena questionarmos: baptisa-me á tua vontade.

Ficarei sendo o teu «anjo de entrudo!» E a historia?... Imagina que te

possuias d'um amor impetuoso por essa mulher, que phantasiaste linda, e

insensivelmente lhe curvaste o joelho, pedindo-lhe uma esperança, um

sorriso affectuoso através da mascara, um aperto convulsivo de mão, uma

promessa, ao menos, de se mostrar um, dous, tres annos depois. E essa

mulher, cada vez mais sublime, cada vez mais litterata, cada vez mais

radiosa, protesta eloquentemente contra as tuas instancias,

declarando-se muita feia, indecentissima de nariz, horrivel até, e, como

tal, pesa-lhe na consciencia matar as tuas candidas illusões, levantando

a mascara. Tu que a não crês, instas, supplicas, abrasas-te n'um ideal,

que toca as extremas do ridiculo, e estás capaz de lhe dizer que te

abolas o craneo com um tiro de pistola, se ella não levanta a cortina

d'aquelle mysterio que te dilacera uma por uma as fibras do coração.

Chamas-lhe Beatriz, Laura, Fornarina, Natercia, e ella diz-te que se

chama Custodia, ou Genoveva para te aguar a poesia d'esses nomes, que,

na minha humilde opinião, são completamente fabulosos. O dominó quer

fugir-te ardilosamente, e tu não lhe deixas um passo livre, nem um dito

espirituoso a outro, nem um lançar d'olhos para os mascaras, que a fixam

como quem sabe que está alli uma rainha, envolta n'aquelle manto negro.

Por fim, a tua perseguição é tal, que a desconhecida Desdemona finge

assustar-se, e sahe comtigo ao salão do theatro para levantar a mascara.

Arfa-te o coração na anciedade d'uma esperança: sentes o jubilo do cego

de nascimento, que vai vêr o sol; estremeces como a creança a quem vão

dar um bonito, que ella não viu ainda, mas imagina ser quanto o seu

coração infantil ambiciona n'este mundo... Ergue-se a mascara!...

Horror!... vês um nariz... um nariz-pleonasmo, um nariz homerico, um

nariz maior que o do duque de Choiseul, onde cabiam tres jesuitas a

cavallo!... Recúas!... sentes despregar-se-te o coração das entranhas,

córas de vergonha, e foges desabridamente...

--Tudo isso é muito natural.

--Pois não ha nada mais artificial, meu caro senhor. Eu lhe conto o

resto, que é o mais interessante para um mancebo que faz do nariz d'uma

mulher o thermometro de avaliar-lhe a temperatura do coração. Imagina,

meu joven Carlos, que sahiste do theatro depois, e entraste na \_Aguia

d'Ouro\_ a comer ostras, segundo o costume dos elegantes do Porto. E

quando, pensavas, ainda aterrado, na aventura do nariz, te apparecia

fatidico dominó, e se assentava ao teu lado, silencioso e immovel, como

a larva das tuas asneiras, cuja memoria procuravas delir na imaginação

com os vapores do vinho... Perturba-se-te a digestão, e sentes

contracções no estomago, que te ameaçam com o vomito. A massa enorme

d'aquelle nariz figura-se-te no prato em que tens a ostra, e já não

pódes levar á bocca um bocado do teu appetitoso manjar sem um fragmento

d'aquelle fatal nariz á mistura. Queres transigir com o silencio do

dominó; mas não pódes. A inexoravel mulher aproxima-se de ti, e tu, com

um sorriso cruelmente sarcastico, pedes-lhe que te não entorne com o

nariz o copo de vinho. Achas isto natural, Carlos?

--Ha ahi crueldade de mais... O poeta devia ser mais generoso com a

desgraça, porque a missão do poeta é a indulgencia não só para as

grandes affrontas, mas até para os grandes narizes.

--Será; mas o poeta, que transgrediu a sublime missão da generosidade

para com as mulheres feias, vai ser punido. Imagina que aquella mulher,

pungida pelo sarcasmo, levanta a mascara. O poeta ergue-se, e vai fugir

com grande escandalo do dono da casa, que naturalmente tem a sorte do

boticario de Nicolau Tolentino. Mas... vingança do céo!... aquella

mulher ao levantar a mascara arranca do rosto um nariz postiço, e deixa

vêr a mais formosa cara que o céo alumia ha seis mil annos! O hespanhol

quer ajoelhar áquella dulcissima visão de um sonho, mas a nobre andaluza

repelle-o com um gesto, onde o despreso está associado á dignidade mais

senhoril.

II.

Carlos scismava na applicação da anedocta, quando o dominó lhe disse,

adivinhando-lhe o pensamento:

--Não creias que eu seja mulher de nariz de cera, nem me supponhas capaz

de assombrar-te com a minha fealdade. A minha modestia não vai tão

longe... Mas, meu pacientissimo amigo, ha em mim um defeito peor que um

nariz enorme: não é physico nem moral; é um defeito repulsivo e

repellente: é uma cousa que eu não sei exprimir-te com a linguagem do

inferno, que é a unica e mais eloquente que eu sei fallar, quando me

lembro que sou assim defeituosa!

--És um enigma!...--atalhou Carlos, embaraçado, e convencido de que

encontrára um typo maior que os moldes tacanhos da vida romanesca em

Portugal.

--Sou, sou!...--acudiu ella com rapidez--sou aos meus proprios olhos um

dominó, um continuado carnaval de lagrimas... Está bom! não quero

tristezas... Se me tocas na tecla do sentimentalismo, deixo-te. Eu não

vim aqui fazer papel de dama dolorida. Soube que estavas aqui,

procurei-te, esperei-te mesmo com anciedade, porque sei que és

espirituoso, e podias, sem prejuizo da tua dignidade, ajudar-me a passar

algumas horas de illusão. Fóra d'aqui, tu ficas sendo Carlos, e eu serei

sempre uma incognita muito grata ao seu companheiro. Agora acompanha-me:

vamos ao camarote 10 da 2.^a ordem. Conheces aquella familia?

--Não.

--É uma gente da provincia. Não digas tu nada; deixa-me fallar a mim, e

verás que não passas mal... É muito orgulho, não achas?

--Não acho, não, minha querida; mas eu antes queria não desperdiçar

estas horas porque fogem. Tu vaes fallar, mas não é comigo. Sabes que

tenho ciumes de ti?

--Sei que tens ciumes de mim... Sabes tu que eu tenho um profundo

conhecimento do coração humano? Já vês que não sou a mulher que

imaginas, ou quererias que eu fosse. Não comeces a desvanecer-te com uma

conquista esperançosa. Faz calar o teu amor proprio, e emprega a tua

vaidade em bloquear com ternuras calculadas uma innocente a quem possas

fazer feliz, em quanto a enganas...

--Julgas, por tanto, que te minto!...

--Não julgo, não. Se mentes a alguem é a ti proprio: bem vês que não te

creio... Tempo perdido! Anda, vem comigo, se não...

--Senão... o que?

--Senão... olha...

E a melindrosa desconhecida largou-lhe o braço com delicadeza, e

retirara-se, apertando-lhe a mão.

Carlos, sinceramente commovido, apertou aquella mão, com o frenesi

apaixonado de um homem que quer suster a fuga da mulher por quem se

mataria.

--Não--exclamou elle com enthusiasmo--não me fujas, porque me levas a

esperança mais bella que o meu coração concebeu. Deixa-me adorar-te, sem

te conhecer!... Não levantes nunca esse véo... mas deixa-me vêr a face

da tua alma, que deve ser a realidade d'um sonho de vinte e sete

annos...

--Estás dramatico, meu poeta! Eu sinto realmente a minha pobreza de

palavras garrafaes... Queria ser uma vestal d'estilo fervente para

sustentar o fogo sagrado do dialogo... O monologo deve cançar-te, e a

tragedia desde Sophocles até nós não póde dispensar uma segunda

pessoa...

--És um prodigio...

--De litteratura grega, não é verdade? Inda sei muitas outras cousas da

Grecia. A Lais tambem era muito versada, e repetia as rapsodias gregas

com um garbo sublime; mas a Lais era... sabes tu o que ella era?... E

serei eu o mesmo? Já vês que a litteratura não é symptoma de virtudes

dignas da tua affeição...

Tinham chegado ao camarote na 2.^a ordem. O dominó-velludo bateu, e a

porta foi, como devia ser aberta.

A familia, que occupava o camarote, compunha-se de muitas pessoas, sem

typo, vulgarissimas, e prosaicas de mais para captarem a attenção d'um

leitor avesso a trivialidades. Todavia, estava ahi uma mulher que valia

um mundo, ou cousa maior que o mundo--o coração d'um poeta.

As rosas purpurinas dos vinte annos tinham-lhes sido crestadas pelo

halito abrasado dos salões. A placidez extemporanea d'uma vida agitada,

via-se-lhe no rosto protestando não contra os prazeres, mas contra a

debilidade d'um sexo, que não póde acompanhar com a materia as evoluções

desenfreadas do espirito. Mas que olhos! mas que vida! que electricidade

no frenesi d'aquellas feições! que projecção de uma sombra azulada lhe

descia das palpebras! Era uma mulher, em cujo rosto transluzia a

soberba, talvez demasiada, da sua superioridade.

O dominó-velludo estendeu-lhe a mão, e chamou-lhe Laura.

Seria Laura? É certo que ella estremeceu, e recuou a mão repentinamente

como se uma vibora lh'a tivesse mordido.

Aquella palavra symbolisava um mysterio dilacerante: era a senha de uma

grande lucta em que a pobre senhora devia sahir escorrendo sangue.

--Laura--repetiu o dominó--não me apertas a mão? Deixa-me ao menos

sentar-me perto... muito perto de ti... sim?

O homem, que mais proximo estava de Laura, afastou-se urbanamente para

deixar aproximar um mascara, que denunciara o sexo pela voz, e a

distincção pela mão.

E Carlos nunca mais despregou os olhos d'aquella mulher, que revelava a

cada instante um pensamento nas variadas physionomias com que queria

disfarçar a sua angustia intima.

A desconhecida fez signal a Carlos para que se aproximasse. Carlos,

enleado nos embaraços naturaes d'aquella situação toda para elle

enygmatica, recusava cumprir as imperiosas determinações d'uma mulher

que parecia calcar todos os melindres. Os quatro ou cinco homens, que

pareciam familiares de Laura, não deram muita importancia aos dominós.

Conjecturaram, primeiro, e quando suppozeram que tinham conhecido as

visitas, deixaram em plena liberdade as duas mulheres que se fallavam de

perto como duas amigas intimas. O cavalheiro passou por um tal Eduardo,

e a desconhecida tiveram-n'a por uma D. Antonia.

Laura humedecia os labios com a lingua. As surprezas pungentes produzem

uma febre, e aquecem o mais bem calculado sangue frio. A incognita,

profundamente conhecedora da situação da sua victima, fallou ao ouvido

de Carlos:

--Estuda-me aquella physionomia. Eu não estou em circumstancias de ser

Max... Soffro demasiado para contar as pulsações d'este coração. Se te

sentires condoido d'esta mulher, tem compaixão de mim, que sou mais

desgraçada que ella.

E voltando-se para Laura:

--Procuro, ha quatro annos, uma occasião de prestar homenagem á tua

conquista. Deus, que é Deus, não despreza os incensos do verme da terra,

nem esconde á vista dos homens a sua fronte magestosa n'um manto de

estrellas. Tu, Laura, que és mulher, embora os homens te chamem anjo,

não despresarás vaidosa a homenagem d'uma pobre creatura, que vem depôr

a teus pés o obulo sincero da sua adoração.

Laura não levantava os olhos do leque; mas a mão, que o sustinha,

tremia; e os olhos, que o contemplavam, pareciam absortos n'um quadro

afflictivo.

E o dominó continuou:

--Foste muito feliz, minha cara amiga! Eras digna de o ser. Colheste o

fructo abençoado da abençoada semente que o Senhor fecundou no teu

coração de pomba!... Olha, Laura, deves dar muitas graças á Providencia,

que velou os teus passos no caminho do crime. Quando devias resvalar no

abysmo da prostituição, subiste, radiante de virtudes, ao throno das

virgens. O teu anjo da guarda foi-te leal! És uma excepção a milhares de

desgraçadas, que nasceram em estofos de damasco, e cresceram em perfumes

de opulencia. E, quanto mais, minha ditosa Laura, tu nasceste nas palhas

da miseria, cresceste nos andrajos da indigencia, ainda viste com os

olhos da razão a desgraça sentada á cabeceira do teu leito... e, com

tudo, eis-te ahi rica, honrada, formosa, e soberba de encantos, com que

pódes insultar toda essa turba de mulheres, que te admiram!... Ha tanta

mulher infeliz!... Queres saber a historia d'uma?...

Laura, contorcendo-se como se fosse de espinhos a cadeira em que estava,

não tinha ainda balbuciado um monosyllabo; mas a urgente pergunta, duas

vezes repetida, do dominó, obrigou-a a responder affirmativamente com um

gesto.

--Pois bem, Laura, conversemos amigavelmente.

Um dos individuos, que estava presente, e ouvira pronunciar \_Laura\_,

perguntou á mulher que assim era chamada:

--Elisa, ella chama-te \_Laura\_?

--Não, meu pai...--respondeu Elisa, titubeando.

--Chamo Laura, chamo... e que tem lá isso, snr. visconde?--Atalhou a

incognita, com affabilidade, erguendo o falsete para ser bem ouvida.--É

um nome de carnaval, que passa com os dominós. Quarta feira de cinza

torna a filha de v. exc.^a a chamar-se Elisa.

O visconde sorriu-se, e o dominó continuou, abaixando a voz, e fallando

naturalmente:

III.

--Henriqueta...

Esta palavra foi um abalo que fez vibrar todas as fibras de Elisa. O

rosto incendiou-se-lhe d'aquelle encarnado do pudor ou da raiva. Esta

sensação violenta não podia ser desapercebida. O visconde, que parecia

estranho á conversação intima d'aquellas suppostas amigas, não o pôde

ser á agitação febril de sua filha.

--Que tens, Elisa?!--perguntou elle sobresaltado.

--Nada, meu pai... Foi um ligeiro incommodo... Estou quasi boa...

--Se queres respirar vamos ao salão, ou vamos para casa...

--Antes para casa--respondeu Elisa.

--Eu vou mandar buscar a sege--disse o visconde; e retirou-se.

--Não vás, Elisa...--disse o dominó, com uma voz imperiosa, semelhante a

uma ameaça inexoravel.--Não vás... porque, se vaes, contarei a todo o

mundo uma historia que só tu has-de saber. Este outro dominó, que tu não

conheces, é um cavalheiro: não temas a menor imprudencia.

--Não me martyrises!--disse Elisa.--Eu sou infeliz de mais, para ser

flagellada com a tua vingança... Tu és Henriqueta, não és?

--Que te importa a ti saber quem eu sou?!...

--Importa muito... Sei que és desgraçada!... Não sabia que vivias no

Porto; mas palpitou-me o coração que eras tu, apenas me chamaste Laura.

O visconde entrou afadigado, dizendo que a sege não podia tardar, e

convidando a filha para dar alguns passeios no salão do theatro. Elisa

satisfez a carinhosa anciedade do pai, dizendo que se sentia boa, e

pedindo-lhe que se demorasse até mais tarde.

--Onde julgavas tu que eu existia? No cemiterio não é assim?--perguntou

Henriqueta.

--Não: sabia que vivias, e prophetisava que devia encontrar-te... Que

historia me queres tu contar?... a tua? Essa já eu sei... imagino-a...

tens sido muito infeliz... Olha, Henriqueta... deixa-me dar-te esse

tratamento affectuoso com que nos conhecemos, com que fomos tão amigas,

alguns fugitivos dias, no tempo em que o destino nos marcava com o mesmo

stygma de infortunio...

--O mesmo... não!...--atalhou Henriqueta.

--O mesmo, sim, o mesmo... e se me forças a contradizer-te, direi que

invejo a tua sorte, seja ella qual fôr...

Elisa chorava, e Henriqueta emmudecera. Carlos estava impaciente pelo

desfecho d'esta aventura, e desejava, ao mesmo tempo, reconciliar estas

duas mulheres, e fazel-as amigas, sem saber a razão porque eram

inimigas. A belleza impõe-se á compaixão. Elisa era bella, e Carlos era

d'uma sensibilidade extremosa. Nem elle já sabia decidir-se entre

aquellas duas mulheres. A mascarada \_poderia ser\_, mas a outra \_era\_ um

anjo de sympathia e formosura. O espirito gosta do mysterio que esconde

o bello; mas decide-se pela belleza real, sem mysterio.

Henriqueta, depois de alguns minutos de silencio, durante os quaes não

era possivel avaliar-lhe o coração pela exterioridade da physionomia,

exclamou com impeto, como se despertasse d'um sonho, d'aquelles intimos

sonhos de dôr, em que a alma se reconcentra:

--Teu marido?

--Está em Londres.

--Ha quanto tempo o não viste?

--Ha dous annos.

--Abandonou-te?

--Abandonou-me.

--E tu?... abandonaste-o?

--Não concebo a pergunta...

--Ainda o amas?

--Ainda...

--Com paixão?

--Com delirio...

--Escreves-lhe?

--Não me responde... Despresa-me, e chama-me \_Laura\_.

--Elisa!--disse Henriqueta, com a voz tremula, e apertando-lhe a mão com

enthusiasmo nervoso--Elisa! perdôo-te... És bem mais desgraçada que eu,

porque tens um homem que pôde chamar-te Laura, e eu não tenho senão um

nome... sou Henriqueta! Adeus.

Carlos pasmou do desenlace cada vez mais embrulhado d'aquelle prologo

d'um romance. Henriqueta tomou-lhe o braço com precipitação, e sahiu do

camarote abaixando levemente a cabeça aos cavalheiros, que se davam

tractos por adivinhar o segredo d'aquella conversa.

--Não pronuncies o meu nome em voz alta, Carlos. Sou Henriqueta; mas não

me atraiçoes, se queres a minha amisade.

--Como hei-de eu atraiçoar-te, se não sei quem és? Pódes chamar-te Julia

em vez de Henriqueta, que, nem por isso te fico conhecendo mais... Tudo

mysterios! Tens-me, ha mais d'uma hora, n'um estado de tortura! Eu não

sirvo para estas emboscadas... Diz-me quem é aquella mulher...

--Não viste que é D. Elisa Pimentel, filha do visconde do Prado?

--Não a conhecia...

--Então que mais queres que eu te diga?

--Muitas outras cousas, minha ingrata. Quero que me digas quantos nomes

tem aquella Laura, que se chama Elisa. Falla-me do marido d'aquella

mulher...

--Eu te digo... O marido d'aquella mulher chama-se Vasco de Seabra...

Estás satisfeito?

--Não... Quero saber que relações tens tu com esse Vasco ou com aquella

Laura?

--Não saberás mais nada, se fores impaciente. Imponho-te mesmo um

profundo silencio a respeito do que ouviste. Á menor pergunta que me

faças, deixo-te ralado por essa curiosidade indiscreta, que te faz

parecer uma mulher de soalheiro. Eu contrahi comtigo a obrigação de te

contar a minha vida?

--Não; mas contrahiste com a minha alma a obrigação de eu me interessar

na tua vida e nos teus infortunios desde este momento.

--Obrigado, cavalheiro!--Juro-te uma sincera amisade.--Has-de ser o meu

confidente.

Estavam, outra vez, na platêa. Henriqueta aproximou-se ao quarto

camarote da primeira ordem, firmou o pé de fada na frisa, segurou-se ao

peitoril do camarote, e travou conversação com a familia que o occupava.

Carlos acompanhou-a em todos estes movimentos, e preparou-se para um

novo enygma.

Segundo o costume, as mãos de Henriqueta passaram por uma analyse

rigorosa. Não era possivel, porém, fazel-a tirar a luva da mão esquerda.

--Dominó, porque não deixas vêr este annel?--Perguntava uma senhora de

olhos negros, e vestida de negro, como uma viuva rigorosamente

enluctada.

--Que te importa o annel, minha querida Sophia!?... Fallemos de ti, aqui

em segredo. Ainda vives melancolica, como a Dido da fabula? Fica-te bem

essa côr de esquifes, mas não sustentas o caracter artistico com

perfeição. A tua tristeza é fingida, não é verdade?

--Não me offendas, dominó, que eu não te mereço essa injuria... A

desgraça nunca se finge...

--Disseste uma verdade, que é a tua condemnação. Eu, se tivesse sido

abandonada por um amante, não vinha aqui dar-me em espectaculo a um

baile de mascaras. A desgraça não se finge, é verdade; mas a saudade

esconde-se para chorar, e a vergonha não se ostenta radiosa d'esse

sorriso que te brinca nos labios... Olha, minha amiga, ha umas mulheres

que nasceram para esta época, e para estes homens. Ha outras que a

Providencia caprichosa atirou a esta geração corrompida como os

imperadores romanos atiravam os christãos ao amphitheatro dos leões.

Felizmente que tu não és das segundas, e sabes harmonisar com o teu

genio folgasão e desleixado uma hypocrisia que te vai bem n'um sophá de

pennas, onde te recostas com um perfeito conhecimento das attitudes

languidas das mulheres cançadas do Balzac. Eu, se fosse homem, amava-te

por desfastio!... És a unica mulher para quem este paiz é pequeno.

Devias conhecer o Regente, e Richelieu, e os abbades de Versailles, e as

filhas do Regente, e as Heloïsas desenvoltas dos abbades, e as aias da

duqueza do Maine... et cetera. Isto por cá é pequenissimo para as

Phryneas. Uma mulher da tua indole morre asphyxiada n'este ambiente

pesado em que o coração, nas suas expansões romanticas, encontra, quasi

sempre, a mão burgueza das conveniencias a tapar-lhe os respiradouros...

Parece que te enfadas de mim?...

--Não te enganas, dominó... Obsequeias-me se me não deres o incommodo de

te mandar retirar.

--És muito delicada, minha nobre Sophia!... Já agora, porém, deixa-me

dar-te uma idêa mais precisa d'esta mulher que te enfada, e que, apesar

das tuas injustiças, se interessa na tua sorte. Diz-me cá... Tens uma

sincera paixão, uma saudade pungente por aquelle bello capitão de

cavallaria, que te deixou, tão sosinha, com as tuas agonias de amante?

--Que te importa?...

--És cruel! Pois não ouves o tom sentimental com que te faço esta

pergunta?... Quantos annos tens?...

--Metade e outros tantos...

--A resposta não me parece tua... Aprendeste essa vulgaridade com a

filha do teu sapateiro?... Ora olha: tu tens 38 annos, a não ser

mentiroso o assento de baptismo, que se lê no cartorio da freguezia dos

Martyres em Lisboa.

Aos vinte annos amavas com ternura um tal Pedro Sepulveda. Aos vinte e

cinco, amavas com paixão, um tal Jorge Albuquerque. Aos 30, amavas com

delirio, um tal Sebastião de Meirelles. Aos 35, amavas, em Londres, com

frenesi um tal... como se chamava... não me recordo... diz-me, por

piedade o nome d'esse homem, que, se não, fica o meu discurso sem o

effeito do drama... Não dizes, má?... Ai!... eu tenho aqui a

mnemonica...

Henriqueta tirou a luva da mão esquerda, e deixou vêr um annel... Sophia

estremeceu, e córou até ás orelhas.

--Já te recordas?... Não córes, minha querida amiga... que não fica bem

ao teu caracter de mulher que conhece o mundo pela face positiva...

Deixa-me agora arredondar o periodo, como dizem os litteratos... Ora tu

que amaste desenfreadamente cinco antes do sexto homem, como queres

fingir debaixo d'esse vestido negro, um coração varado de saudades e

orphão de consolações?... Adeus, minha bella hypocrita...

Henriqueta desceu elegantemente do seu poleiro, e deu o braço a Carlos.

IV.

Eram tres horas.

Henriqueta disse que se retirava, depois de victimar com seus ligeiros,

mas pungentes gracejos, alguns d'aquelles muitos que provocam o sarcasmo

só com a presença, só com o vulto corporal, só com a semsaboria de um

remoque parvo e pretencioso. O carnaval é uma exposição annual d'estes

infelizes.

Carlos, ao vêr que Henriqueta se retirava com um segredo que tanto

irritára a sua curiosidade, instou com delicadeza, com meiguice, e até

com resentimento, pela realidade de uma esperança, que fizera a sua

felicidade de algumas horas.

--Eu não me arrependo--disse elle--de ter sido a voluntaria testemunha

de teus desforços... Ainda mesmo que me tivessem conhecido, e tu fosses

uma mulher licenciosa e depravada, não me arrependeria... Ouvi-te,

illudi-me na esperança vaidosa de conhecer-te, tive orgulho de ser o

escolhido para sentir de perto as pulsações vertiginosas do teu

coração... estou recompensado de mais... Ainda assim, Henriqueta, eu não

tenho pejo de abrir-te a minha alma, confessando-te um desejo de

conhecer-te que não posso illudir... Este desejo vaes-m'o tu convertendo

n'uma dôr; e será logo uma saudade insupportavel, que te faria compaixão

se soubesses avaliar o que é na minha alma um desejo \_impossivel\_. Se tu

m'o não dizes, quem me dirá o teu nome?

--Não sabes que sou Henriqueta?

--Que importa? E serás tu Henriqueta?

--Sou... juro-te que sou...

--Não basta isto... Ora diz-me... não sentes a precisão de ser-me grata?

--A que, meu cavalheiro?

--Grata ao melindre com que te tenho tractado, grata á delicadeza com

que te peço uma revelação da tua vida, e grata a este impulso invencivel

que me manda ajoelhar-te... Será nobre zombar d'um amor que

involuntariamente fizeste nascer?

--Não te illudas, Carlos--replicou Henriqueta n'um tom de seriedade,

semelhante ao de uma mãi que aconselha seu filho. O amor não é isso que

pica a tua curiosidade. As mulheres são faceis de transigir de boa fé

com a mentira, e, pobres mulheres!... succumbem muitas vezes á

eloquencia artificiosa d'um conquistador. Os homens, fartos de estudarem

as paixões na sua origem, e enfadados das rapidas illusões que elles

choram todos os dias, estão promptos sempre a declararem-se affectados

da cholera-paixão, e nunca apresentam \_carta-limpa\_ de scepticos. De

maneira que o sexo fragil das chimeras sois vós, creancinhas de toda a

vida, que brincaes aos trinta annos com a mulher como aos seis

brincaveis com os cavallinhos de pau, e os fradinhos de sabugo! Olha,

Carlos, eu não sou ingrata... Vou-me despedir de ti, mas hei-de

conversar comtigo ainda. Não instes; abandona-te á minha generosidade, e

verás que alguma cousa lucraste em me encontrar e em me não conhecer.

Adeus.

Carlos acompanhou-a com os olhos, e permaneceu alguns minutos n'uma

especie de idiotismo, quando a viu desapparecer á sahida do theatro. O

seu primeiro pensamento foi seguil-a; mas a prudencia lembrou-lhe que

era uma indignidade. O segundo foi empregar a intriga astuciosa até

roubar alguma revelação áquella Sophia da primeira ordem ou á Laura da

segunda. Não lhe lembraram recursos, nem eu sei quaes elles poderiam

ser. Laura e Sophia, para dissiparem completamente a esperança anciosa

de Carlos, tinham-se retirado. Era necessario esperar, era necessario

confiar n'aquella mulher extraordinaria, cujas promessas o alvoroçado

poeta traduzia em mil versões.

Carlos retirou-se, e esqueceu não sei quantas mulheres, que ainda, na

noite anterior, lhe povoaram os sonhos. Ao amanhecer, ergueu-se, e

escreveu as reminiscencias vivas da scena, quasi fabulosa, que lhe

transtornava o plano de vida.

Não houve nunca um coração tão ambicioso de futuro, tão fervente de

poesia, e tão phantastico de conjecturas! Carlos adorava seriamente

aquella mulher! Como estas adorações se afervoram com tão pouco, não sei

eu: mas que o amor é assim, vou eu jural-o, e espero que os meus amigos

me não deixem mentir.

Imaginem, por tanto, a inquietação d'aquelle grande espiritualista,

quando viu passarem, vagarosos e enfadonhos, oito dias, sem que o mais

ligeiro indicio lhe viesse confirmar a existencia de Henriqueta! Não

direi que o desesperado amante appellou para o supremo tribunal das

paixões impossiveis. O suicidio não lhe passou nunca pela imaginação; e

muito sinto que esta verdade diminua as sympathias que o meu heroe

poderia grangear. A verdade, porém, é que o apaixonado mancebo vivia

sombrio, isolava-se contra os seus habitos socialmente galhofeiros,

abominava as impertinencias de sua mãi que o consolava com anedoctas

tragicas a respeito de rapazes cegos de amor, e, emfim, soffrera a ponto

tal, que resolvera abandonar Portugal, se, no fim de quinze dias a

fatidica mulher continuasse a ludibriar a sua esperança.

Diga-se, porém, em honra e louvor da astucia humana: Carlos, resolvido a

partir, lembrou-se de pedir a um seu amigo, que, na gazetilha do

\_Nacional\_, dissesse, por exemplo, o seguinte:

«O snr. Carlos d'Almeida vai, no proximo paquete, para Inglaterra. S.

s.^a tenciona observar de perto a civilisação das primeiras capitaes da

Europa. O snr. Carlos d'Almeida é uma intelligencia, que, enriquecida

pela instrucção pratica da sua visita aos focos da civilisação, ha-de

voltar á sua patria com fecundo cabedal de conhecimentos em todos os

ramos das sciencias humanas. Fazemos votos porque s. s.^a se recolha em

breve ao seio dos seus numerosos amigos.»

Esta local bem podia ser que chegasse ás mãos de Henriqueta. Henriqueta

bem podia ser que conjecturasse o imperioso motivo, que obrigava o

infeliz a buscar distracções longe da patria, onde a sua paixão era

invencivel. E, depois, nada mais facil que uma carta, uma palavra, um

raio de esperança, que lhe transtornasse os seus planos.

Era esta a infallivel tenção de Carlos, quando ao decimo quarto dia lhe

foi entregue a seguinte carta:

V.

«Carlos.

«Sem offender as leis da civilidade, continuo a dar-te o tratamento do

dominó, porque, em boa verdade, eu continuo a ser para ti um dominó

moral, não é assim?

«Passaram-se quatorze dias, depois que tiveste o mau encontro d'uma

mulher, que te privou de algumas horas de deliciosa intriga. Victima da

tua delicadesa, levaste o sacrificio a ponto de te mostrares interessado

na sorte d'essa celebre desconhecida que te mortificou. Não serei eu,

generoso Carlos, ingrata a essa manifestação cavalheirosa, embora ella

seja um rasgo de artista, e não um desejo espontaneo.

«Queres saber porque tenho demorado quatorze dias este grande sacrificio

que vou fazer? É porque ainda hoje me levanto d'uma febre incessante,

que me insultou n'aquelle camarote da segunda ordem, e que, n'este

momento, parece declinar.

«Permitta Deus que seja longo o intervallo para ser longa a carta: mas

eu sinto-me tão pequena para os sacrificios grandes!... Não te quero

responsabilisar pela minha saude; mas, se o meu silencio de longos

tempos succeder a esta carta, conjectura, meu amigo, que Henriqueta

cahiu no leito, d'onde ha-de erguer-se, senão é graça que os mortos

hão-de erguer-se um dia.

«Queres apontamentos para um romance que terá o merito de ser portuguez?

Vou dar-t'os.

«Henriqueta nasceu em Lisboa. Seus paes tinham o lustre dos brazões, mas

não brilhavam nada pelo ouro. Viviam sem fausto, sem historia

contemporanea, sem bailes, e sem bilhetes de boas festas. As visitas que

Henriqueta conhecia eram, no sexo feminino, quatro velhas suas tias, e,

no masculino, quatro caseiros que vinham annualmente pagar as rendas,

com que seu pai regulava economicamente uma nobre independencia.

«O irmão de Henriqueta era um moço de talento, que grangeara uma

instrucção, enriquecida sempre pelos desvelos com que afagava a sua

paixão unica. Isolado de todo o mundo, o irmão de Henriqueta confiou a

sua irmã os segredos do seu muito saber, e formou-lhe um espirito

varonil, e inspirou-lhe uma ambição faminta de sciencia.

«Bem sabes, Carlos, que fallo de mim, e não posso, n'esta parte,

engrinaldar-me de flôres immodestas, se bem que não me faltariam depois

espinhos que me desculpassem as vaidosas flôres...

«Eu cheguei a ser o ecco fiel dos talentos de meu irmão. Nossos paes não

comprehendiam as praticas litterarias com que aligeiravamos as noites

d'inverno; e, mesmo assim, folgavam de nos ouvir, e via-se-lhes nos

olhos aquelle rir de bondoso orgulho, que tanto inflamma as vaidades da

intelligencia.

«Aos dezoito annos achei pequeno o horisonte da minha vida, e

enfastiei-me da leitura, que m'o fazia cada vez amesquinhar-se mais. Só

com a experiencia, se conhece o quanto a litteratura modifica a

organisação de uma mulher. Eu creio que a mulher, apurada na sciencia

das cousas, pensa de um modo extraordinario na sciencia das pessoas. O

prisma das suas vistas penetrantes é bello, mas as lindas cambiantes do

seu prisma são como as côres variegadas do arco iris, que annuncia

tempestade.

«Meu irmão lia-me os segredos do coração! não é facil mentir ao talento

com as hypocrisias do talento. Comprehendeu-me, e teve dó de mim.

«Meu pai morreu, e minha mãi pediu á alma de meu pai que lhe alcançasse

do Senhor uma vida longa para meu amparo. Ouviu-a Deus, porque eu vi um

milagre na rapida convalescença com que minha mãi sahiu d'uma

enfermidade de quatro annos.

«Eu vi um dia um homem no quarto de meu irmão, onde entrei como entrava

sempre sem receio de encontrar um desconhecido. Quiz retirar-me, e meu

irmão chamou-me para me apresentar, pela primeira vez na sua vida, um

homem.

«Este homem chama-se Vasco de Seabra.

«Não sei se por orgulho, se por acaso, meu irmão chamou a conversa ao

campo da litteratura. Fallava-se em romances, em dramas, em estilos, em

escólas, e não sei que outros mais assumptos ligeiros e graciosos que me

captivaram o coração e a cabeça.

«Vasco fallava bem, e revelava cousas que me não eram novas com estilo

novo. N'aquelle homem, via-se o genio aformoseado pela arte que só na

sociedade se adquire. Em meu irmão faltava-lhe o relevo de estilo, que

se lapida ao tracto dos maus e dos bons. Bem sabes Carlos, que te digo

uma verdade, sem pretenções de \_bas-bleu\_, que é de todas as miserias a

mais lastimosa miseria das mulheres cultivadas.

«Vasco retirou-se, e eu quizera antes que elle se não retirasse.

«Disse-me meu irmão que aquelle rapaz era uma intelligencia superior,

mas depravada pelos maus costumes. A razão porque elle viera a nossa

casa era muito simples; encarregara-o seu pai de fallar com meu irmão a

respeito da remissão d'uns fóros.

«Vasco passou n'esse dia por debaixo das minhas janellas: fixou-me,

cortejou-me, corei, e não me atrevi a seguil-o com os olhos, mas segui-o

com o coração. Que suprema miseria, Carlos! Que renuncia tão impensada

faz uma mulher da sua tranquillidade!

«Voltou um quarto d'hora depois: retirei-me, sem querer mostrar-lhe que

o percebia; fiz-me distrahida, por entre as cortinas, a contemplar a

marcha das nuvens, e das nuvens descia um olhar precipitado sobre

aquelle \_indifferente\_ que me fazia córar e soffrer. Viu-me,

adivinhou-me, talvez, e cortejou-me ainda. Eu vi o gesto da cortezia,

mas fingi-me, e não lhe correspondi. Foi isto um heroismo, não é

verdade? Seria; mas eu tive remorsos, apenas elle desapparecera, de o

tratar tão grosseiramente.

«Demorei-me n'estas puerilidades, meu amigo, porque não ha nada mais

grato para nós que a recordação dos ultimos instantes de ventura a que

se prendem os primeiros instantes da desgraça.

«Aquellas linhas fastidiosas são a historia da minha transfiguração. Ahi

principia a longa noite da minha vida.

«Nos dias immediatos, a horas certas, vi sempre este homem. Concebi os

perigos da minha fraqueza, e quiz ser forte. Resolvi não vêl-o mais:

revesti-me d'um orgulho digno da minha immodesta superioridade ás outras

mulheres: sustentei este caracter dous dias; e, ao terceiro, era fraca

como todas as outras.

«Eu já não podia divorciar-me da imagem d'aquelle homem, d'aquellas

nupcias infelizes, que meu coração contrahira. O meu instincto não era

mau; porque a educação tinha sido boa; e, não obstante a humildade

constante com que sempre sujeitei a minha mãi os meus innocentissimos

desejos, senti-me então, com magoa minha, rebelde, e capaz de conspirar

contra a minha familia.

«A frequente repetição dos passeios de Vasco não podia ser indifferente

a meu irmão. Fui suavemente interrogada por minha mãi, a tal respeito, e

respondi-lhe com respeito, mas sem temor. Meu irmão presentiu a

necessidade de matar aquella inclinação nascente, e expoz-me um quadro

feio dos costumes pessimos de Vasco, e o conceito publico em que era

tido o primeiro homem a quem eu tão francamente me offerecia em namoro.

Fui altiva com meu irmão, e adverti-lhe que os nossos corações não

tinham contrahido a obrigação de se consultarem.

«Meu irmão soffreu; eu tambem soffri; e, passado o momento da exaltação,

quiz cerrar a ferida que abrira n'aquelle coração, desde a infancia,

identificado com as minhas vontades.

«Este sentimento era nobre; mas o do amor era inferior. Se eu podesse

reconcial-os ambos! Não podia, nem sabia fazel-o! Uma mulher, quando

principia a sua dolorosa tarefa do amor, não sabe mentir com

apparencias, nem calcula os prejuizos que póde evitar com uma pouca de

impostura. Eu fui assim. Deixei-me hir abandonada á correnteza, da minha

inclinação; e, quando forcejei por me tornar, tranquilla, á isenção da

minha alma, não pude vencer a corrente.

«Vasco de Seabra perseguia-me: as cartas eram incessantes, e a grande

paixão que ellas exprimiam não era ainda igual á paixão que me faziam.

«Meu irmão quiz tirar-me de Lisboa, e minha mãi instava pela sahida, ou

pela minha entrada a toda a pressa nas Silesias. Informei Vasco das

intenções de minha familia.

«No mesmo dia, este homem, que me pareceu um cavalheiro digno d'outra

sociedade, entrou em minha casa, pediu-me urbanamente a minha mãi, e foi

urbanamente repellido. Eu sube-o, e torturei-me! Não sei do que seria

então capaz a minha alma offendida! Sei que foi capaz de tudo que póde

caber em forças d'uma mulher, contrariada nas ambições que nutrira,

sosinha comsigo, e conjurada a perder-se por ellas.

«Vasco irritado d'um nobre estimulo, escreveu-me, como quem me pedia a

mim a satisfação dos despresos de minha familia. Respondi-lhe que lh'a

dava plena, como elle a exigisse. Disse-me que fugisse de casa, pela

porta da deshonra, e muito cedo entraria n'ella com a minha honra

illibada. Que desgraça! n'aquelle tempo até as pompas do estilo me

seduziam!... Respondi que sim, e cumpri.

«Meu amigo Carlos. Vai longa a carta, e a paciencia é curta. Até ao

correio que vem.

\_Henriqueta\_.»

VI.

Carlos relêra com sofrega anciedade, a singela expansão d'uma alma que,

talvez, nunca se abrira, se a não rasgasse o espinho d'um martyrio

surdo. Henriqueta não escrevia assim uma carta a um homem, que podesse

consolal-a. Afeita a gemer no silencio, e na solidão, tornava-se como

egoista das suas dôres, e suppunha que divulgal-as era esfolhar a mais

bella flôr da sua corôa de martyr. Escreveu, porque a sua carta era um

mytho de segredo e publicidade; porque a sua afflicção não rastejava

pelos queixumes lamuriantes e triviaes d'um grande numero de mulheres,

que não choram nunca a viuvez do coração, e lastimam sempre a demora das

segundas nupcias; escreveu em fim, porque a sua dôr, sem deshonrar-se

com uma publicidade esteril, interessava um coração, esposava uma

sympathia, um soffrimento simultaneo, e, quem sabe mesmo, se uma nobre

admiração! Ha mulheres vaidosas--deixem-me assim dizer--da fidalguia do

seu soffrer. Risonhas para o mundo, é muito sublime aquella angustia

represada que só póde extravasar os sobejos do seu fel em uma carta

anonyma. Lagrimosas para si, e fechadas no circulo estreito, que a

sociedade lhes traça com o compasso inexoravel das conveniencias, essas

sim, são duas vezes anjos despenhados!

Quem podesse receber na taça de suas lagrimas algumas, que ahi se

choram, e que a opulencia material não enxuga, experimentaria

consolações d'um sabor novo. O padecimento, que se esconde, impõe o

respeito religioso do augusto mysterio d'esta religião universal,

symbolisada pelo soffrimento commum. O homem, que podesse verter uma

gota de orvalho na aridez d'algum coração, seria o sacerdote

providencial no tabernaculo d'um espirito superior, que velasse a vida

da terra para que tamanhas agonias não fossem estereis na vida do céo.

Não ha na terra mais gloriosa missão!

Carlos por tanto, sentiu-se feliz d'este orgulho santo que ennobrece a

consciencia do homem que recebe o privilegio d'uma confidencia. Esta

mulher, dizia elle, é para mim um ente quasi phantastico. Allivios quaes

são os que eu posso dar-lhe?... Nem ao menos escrever-lhe!... E ella...

em que fará consistir o seu prazer?! Deus o sabe! Quem póde explicar, e

mesmo explicar-se a singularidade d'um proceder, ás vezes, inconcebivel?

...........................................................................

No correio proximo, recebeu Carlos a segunda carta de Henriqueta:

«Que imaginaste, Carlos, depois da leitura da minha carta? Adivinhaste o

resto, com prestesa natural. Recordaste mil aventuras d'este genero, e

amoldaste a minha historia ás legitimas consequencias de todas as

aventuras. Julgaste-me abandonada pelo homem, com quem fugira, e

chamaste a isto, talvez, uma deducção contida nos principios.

«Pensaste bem, amigo, a logica da desgraça é essa, e o contrario dos

teus juizos é o que se chama sophisma, porque eu estou em pensar que a

virtude é o absurdo da logica dos factos, é a heresia da religião das

sociedades, é a aberração monstruosa das leis, que regem o destino do

mundo. Achas-me metaphysica de mais? Não te impacientes. A dôr

refugia-se nas abstracções, e encontra melhor pabulo na Loucura de

Erasmo, que nas sisudas deducções de Montesquieu.

«Minha mãi estava reservada para uma grande provação! Amparou-a Deus

n'aquelle golpe, e permittiu-lhe uma energia que não era de esperar.

Vasco de Seabra bateu ás portas de todas as igrejas de Lisboa, para me

apresentar, como sua mulher, ao cura da freguezia, e achou-as fechadas.

Eramos perseguidos, e Vasco não contava com a sua superioridade sobre

meu irmão, que lhe fizera certa e infallivel a morte, onde quer que a

fortuna lh'o deparasse.

«Fugimos de Lisboa para Hespanha. Um dia entrou Vasco, alvoroçado,

pallido, e febril d'aquella febre de medo, que, realmente, era, até

então, a unica face prosaica do meu amante. Emmulamos a toda a pressa, e

partimos para Londres. É que Vasco de Seabra vira meu irmão em Madrid.

«Vivemos em um bairro retirado de Londres. Vasco tranquillisou-se,

porque lhe afiançaram de Lisboa a volta de meu irmão, que perdera as

esperanças de encontrar-me.

«Se me perguntas como era a vida intima d'estes dous fugitivos, aos

quaes não faltava condição alguma das aventuras romanticas d'um rapto,

dir-t'a-hei em poucas linhas.

«O primeiro mez das nossas nupcias de emboscada foi um sonho, uma febre,

uma anarchia de sensações que, levadas ao extremo do goso, pareciam

tocar as raias do soffrimento. Vasco parecia-me um Deus, com as

seductoras fraquezas d'um homem; queimava-me com o seu fogo,

divinisava-me com o seu espirito; levava-me de mundo em mundo á região

dos anjos onde a vida deve ser o extasis, o arrobamento, a alienação com

que a minha alma se derramava nas sensações ardentissimas d'aquelle

homem.

«No segundo mez, Vasco de Seabra disse-me pela primeira vez «que era

muito meu amigo.» O coração pulsava-lhe vagaroso, os olhos não faiscavam

electricidade, os sorrisos eram frios... os meus beijos já os não

aqueciam n'aquelles labios! «Sinto por ti uma sincera estima.» Quando

isto se diz, depois d'um amor vertiginoso, que não sabe as phrases

triviaes, a paixão está morta. E estava...

«Depois, Carlos, fallavamos em litteratura, analysavamos as operas,

discutiamos o merito dos romances, e viviamos em academia permanente,

quando Vasco me não deixava quatro, cinco, e seis horas entregue ás

minhas innocentes recreações scientificas.

«Vasco cançara-se de mim. A consciencia affirmou-me esta verdade atroz.

Suffoquei a indignação, as lagrimas, e os gemidos. Soffri sem limites.

Abrasou-se-me na alma um inferno que me coava fogo nas vêas. Não houve

nunca mulher assim desgraçada!

«E vivemos assim dezoito mezes. A palavra «casamento» foi banida de

nossas curtas conversações... Vasco desquitava-se de compromissos, que

elle chamava parvos. Eu mesma, de bom grado, o remia de ser o meu

escravo, como elle intitulava o nescio, que se deixava algemar ás

obscuras superstições do setimo sacramento... Foi ahi que Vasco de

Seabra encontrou a Sophia que te apresentei no real theatro de S. João,

na primeira ordem.

«Comecei então a pensar em minha mãi, em meu irmão, na minha honra, na

minha infancia, na memoria deslustrada de meu pai, na tranquillidade de

minha vida até ao momento em que me atirei á lama e salpiquei com ella a

face da minha familia.

«Peguei da penna para escrever a minha mãi. Escrevera a primeira

palavra, quando comprehendi o vexame, a degradação, e a villania com que

ousava apresentar-me áquella virtuosa senhora, com a face manchada de

nodoas, contagiosas. Repelli com nobreza esta tentação, e desejei

n'aquelle instante, que minha mãi me julgasse morta.

«Em Londres viviamos n'uma hospedaria, depois que Vasco perdeu o medo a

meu irmão. Viera ahi hospedar-se uma familia portugueza. Era o visconde

do Prado, e sua mulher, e uma filha. O visconde relacionou-se com Vasco,

e a viscondessa e sua filha visitaram-me, tractando-me como irmã de

Vasco.

«Agora, Carlos, esquece-te de mim, e satisfaz a tua curiosidade na

historia d'esta gente, que já conheceste no camarote da 2.^a ordem.

«Mas não posso agora dispor de mim... Saberás, alguma vez, a razão

porque não pude continuar esta carta.

«Adeus, até outro dia,

\_Henriqueta\_.»

VII.

«Cumpro religiosamente as minhas promessas. Tu não avalias o sacrificio

que faço. Não importa. Como não quero captivar a tua gratidão, nem,

mesmo ainda, mover a tua piedade, basta-me a consciencia do que sou para

ti, que é (medita bem) o mais que posso ser...

«A historia... não é assim? Principia agora.

«Antonio Alves era um pobre amanuense do escriptorio de um tabellião de

Lisboa. Casou, e reuniu ao infortunio de casar a desgraça de ser pai. O

tabellião morreu, e Antonio Alves, privado dos escassos lucros de

amanuense, luctou com a fome. A mulher por um lado com a filhinha ao

collo, e elle pelo outro com as lagrimas da indigencia, conseguiram

algumas moedas, e com ellas a passagem do pobre marido para o Rio de

Janeiro.

«Foi, e deixou entregues á Providencia a mulher e a filha.

«Josepha esperava todos os dias carta de seu marido. Nem carta, nem um

indicio da sua existencia. Julgou-se viuva, vestiu-se de preto, e viveu

de esmolas, pedidas á noite na \_praça do Rocio\_.

«A filha chamava-se Laura, e crescera bella, não obstante as angustias

da fome, que transformam a formosura do berço.

«Aos quinze annos de Laura, já sua mãi não mendigava. A deshonra

proporcionara-lhe abundancia que uma honrosa mendicidade lhe não dera.

Laura era amante d'um rico, que cumpria fielmente com a mãi as

condicionaes estipuladas na escriptura de venda da filha.

«Um anno depois, Laura explorava outra mina. Josepha não soffria com as

vicissitudes da filha, e continuava a gosar os fins da vida á sombra de

tão fecunda arvore.

«A indigencia, e a sociedade fizeram-lhe comprehender que só ha deshonra

na fome e na nudez.

«Outro anno depois, a radiosa Laura declarou-se o premio do cavalleiro,

que mais airoso entrasse no torneio.

«Concorreram muitos gladiadores, e parece que todos foram premiados,

porque todos esgrimiam galhardamente.

«Desgraça foi para Laura, quando os melhores campeões se retiraram

fatigados da liça. Os que vieram depois eram bisonhos no jogo das armas,

e viram que a dama das justas já não valia a pena de perigosos botes de

lança, e de arreios muito custosos de pedraria e ouro.

«Pobre Laura, apeada do seu pedestal, olhou-se a um espelho, viu-se

ainda bella com vinte e cinco annos, e perguntou á sua consciencia a

baixa do preço com que corria no leilão de mulheres. A consciencia

respondeu-lhe que descesse da altura das suas ambições, que viesse para

onde a chamava a logica da sua vida, e continuaria a ser rainha n'um

reino de segunda ordem, já que a exauthoravam d'um throno que tivera na

primeira.

«Laura desceu, e encontrou uma sociedade nova. Acclamaram-na soberana,

reuniu-se uma côrte tumultuosa na ante-camara d'esta odalisca facil, e

não houve grande nem pequeno a quem se baixassem os reposteiros do

throno.

«Laura viu-se um dia abandonada. Viera uma outra disputar-lhe a sua

legitimidade. Os cortezãos voltaram-se para o sol nascente, e

apedrejaram, como os incas, o astro que se escondia para alumiar os

antipodas d'um outro mundo.

«Os antipodas d'um outro mundo eram uma sociedade inculta, sem a

intelligencia da arte, sem o culto á formosura, sem as opulencias que o

ouro cria nas altas regiões da civilisação, e, finalmente, sem algum dos

attributos, que Laura amára tanto nos mundos, onde fôra soberana duas

vezes.

«A infeliz tinha descido ao derradeiro grau de aviltamento; mas era

bella ainda. Sua mãi, enferma n'um hospital, pedia a Deus, como esmola,

a sua morte. A desgraçada foi punida.

«No hospital, viu passar sua filha diante do seu leito; pediu que a

deitassem ao pé de si; o enfermeiro riu-se; e entrou com ella n'outra

enfermaria, onde o anjo do pudor e o das lagrimas cobriam o rosto na

presença da ulcera mais esqualida, e mais lastimosa do genero humano.

«Laura principiava a sondar a profundidade do abysmo em que cahira.

«Sua mãi recordava as fomes d'outro tempo, quando sua filha, virgem

ainda, chorava e supplicava, com ella, uma esmola ao passageiro.

«As privações de então eram semelhantes, ás privações de agora, com a

differença, porém, que a Laura de hoje, deshonrada e repelida, não podia

já prometter o futuro da Laura de então.

«Agora, Carlos, vejamos o que é o mundo, e pasmemos diante das evoluções

gymnasticas dos acontecimentos.

«Apparece em Lisboa um capitalista, que chama a attenção dos

capitalistas, a consideração do governo, e, por via de regra, desafia

inimisades politicas, e invejas, que procuram o seu principio de vida

para denegrir-lhe o luzimento da sua affrontosa opulencia.

«Este homem compra uma quinta na provincia do Minho, e, mais barato

ainda, compra o titulo de visconde do Prado.

«Um jornal de Lisboa, que traz entre os dentes venenosos da politica o

pobre visconde, escreve um dia um artigo, onde se acham, entre muitas,

as seguintes allusões:

«O snr. visconde do Prado adscreveu á immoralidade do governo a

immoralidade da sua fortuna. Como ella foi adquirida, dil-o-hiam as

costas d'Africa se os sertões contassem os horrorosos dramas da

escravatura, em que o snr. visconde foi heroe.

...........................................................................

«O snr. visconde do Prado era Antonio Alves ha 26 annos, e a pobre

mulher que deixou em Portugal, com uma tenra filhinha ao collo, ninguem

dirá em que rua morreu de fome sobre as lages, ou em que agua-furtada

curtiram ambas as agonias da fome, em quanto o snr. visconde medrava

cynicamente na hydropisia do ouro, com que hoje vem arrotar moralidades

no theatro das suas infamias de esposo e de pai................

«Melhor fôra que o snr. visconde indagasse onde repousam os ossos de sua

mulher, e de sua filha, e nos pozesse ahi um padrão de marmore, que

possa attestar ao menos o remorso d'um infame contricto...

«Este insulto directo, e fundamentado, ao visconde do Prado, fez ruido

em Lisboa. As edições do jornal espalharam-se, e leram-se, e

commentaram-se com frenetica maldade.

«Ás mãos de Laura chegou este jornal. Sua mãi, ouvindo lêl-o, delirou. A

filha cuidou que sonhava; e a situação de ambas perderia muito se eu

tentasse roubar-lhe as côres vigorosas da tua imaginação.

«No dia seguinte, Josepha e Laura entravam no palacete do visconde do

Prado. O porteiro respondeu que s. exc.^a não estava ainda a pé.

Esperaram. Ás 11 horas sahia o visconde, e, ao saltar para a carruagem,

viu duas mulheres que se aproximavam. Metteu a mão ao bolso do collete,

e tirou doze vintens que lançava na mão de uma das duas mulheres. Olhou

admirado para ellas, quando viu que a esmola lhe era recusada.

«--Que querem?--interrogou elle, com soberba indignação.

«--Quero vêr meu marido que não vejo, ha 26 annos...--respondeu Josepha.

«O visconde estacou ferido d'um raio. O suor gotejava-lhe na testa em

bagas frias. Laura aproximou-se, em attitude de beijar-lhe a mão...

«--Pois que?...--interpellou o visconde.

«--Sou sua filha...--respondeu Laura com humildoso respeito.

«O visconde, aturdido e parvo, voltou as costas á carruagem, e mandou ás

duas mulheres que o seguissem.

«O resto no correio seguinte.--Adeus, Carlos.

\_Henriqueta\_.»

VIII.

«Carlos, tenho quasi tocado a extrema d'esta minha peregrinação. A minha

illiada está no ultimo canto. Quero dizer-te que é esta a minha

penultima carta.

«Não sou tão independente como pensava. A não serem os poetas, ninguem

gosta de contar as suas magoas ao vento. É bello dizer-se, que um gemido

nas azas da brisa vai da terra em dorido suspirar até ao côro dos anjos.

É bonito conversar com a fonte suspirosa, e contar á avesinha gemedôra

os segredos do nosso penar. Tudo isto é delicioso d'uma puerilidade

inoffensiva; mas eu, Carlos, não tenho alma para estas cousas, nem

engenho para estes artificios.

«Vou contando as minhas penas a um homem, que não póde zombar de minhas

lagrimas, sem trahir a generosidade do seu coração, e a sensibilidade do

talento Sabes qual é o meu egoismo, o meu estipendio n'este trabalho,

n'esta franqueza d'alma, que ninguem te póde disputar como unico em

merecêl-a? Eu te digo. Quero uma carta tua, dirigida a Angelica

Michaela. Diz-me o que a tua alma te disse; não tenhas pejo em

denuncial-a; associa-te um momento á minha dôr, e dize-me o que farias

se tivesses sido Henriqueta.

«Aqui tens o prologo d'esta carta: agora vamos espreitar o lance

extraordinario d'aquelle encontro, em que deixamos o visconde e a...

como hei-de chamar-lhe?... a viscondessa, e sua exc.^{ma} filha D.

Laura.

«--Pois é possivel existires?--perguntava o visconde, sinceramente

admirado, a sua mulher.

«--Pois não me conheces, Antonio?--respondia ella com estupida

naturalidade.

«--Tinham-me dito que morreras...--tornou elle com desazada

hypocrisia--tinham-me dito, ha dezesete annos, que tu e a nossa filha

tinheis sido victimas da cholera-morbus...

«--Felizmente que lhe mentiram--interrompeu Laura com affectada

meiguice.--Nós é que lhe tinhamos resado por alma, e nunca deixamos de

pronunciar o seu nome sem saudosas lagrimas.

«--Como tendes vivido?--perguntou o visconde.

«--Pobre, mas honradamente--respondeu Josepha, dando-se uns ares

austeros, e pondo os olhos em branco, como quem invoca o céo por

testemunha.

«--Ainda bem!--tornou o visconde--mas que modo de vida tem sido o vosso?

«--O trabalho, meu querido Antonio, o trabalho de nossa filha tem sido o

amparo da sua honra, e da minha velhice. Tu abandonaste-nos com tamanha

crueldade!... Que mal te fizemos nós?

«--Nenhum, mas não vos disse eu que vos considerava mortas?--respondeu o

visconde a sua mulher, que tivera a habilidade de arrancar duas

volumosas lagrimas, tanto a proposito.

«--O passado, passado--disse Laura, afagando carinhosamente as mãos

paternas, e dando-se uns ares de innocencia capazes de illudir S. Simão

Stylita.--Quer o pai saber (proseguiu ella com sentimento) qual tem sido

a minha vida? Olhe, meu pai, não se envergonhe da posição social em que

encontra sua filha... Tenho sido modista, tenho trabalhado

incessantemente... tenho luctado com as tentações da penuria, e tenho

feito consistir em minhas lagrimas o meu triumpho...

«--Bem, minha filha--interrompeu o visconde com sincera

contrição--esqueçamos o passado.... D'hora em diante será a abundancia a

premio da tua virtude... Ora diz-me: o mundo sabe que tu és minha

filha?... disseste a alguem que eu era teu marido, Josepha?

«--Não, meu pai.--Não meu Antoninho.--Responderam ambas, como se

tivessem previsto e calculado as perguntas e as respostas.

«--Pois bem--continuou o visconde--vamos a conciliar com o mundo as

nossas posições presentes, passadas e futuras. D'hora ávante, Laura, és

minha filha, és filha do visconde do Prado, e não pódes chamar-te Laura.

Serás Elisa, comprehendes-me? é necessario que te chames Elisa...

«--Sim, meu pai... eu serei Elisa--atalhou a \_innocente modista\_ com

impetuosa alegria.

«--É necessario abandonar Lisboa--proseguiu o visconde.

«--Sim, sim, meu pai... vivamos num sertão... quero gosar, sosinha, na

presença de Deus a felicidade de ter pai...

«--Não hiremos para um sertão... vamos para Londres; mas...

attendam-me... é preciso que ninguem as veja, n'estes primeiros annos,

principalmente em Lisboa... A minha posição actual é muito melindrosa.

Tenho muitos inimigos, muitos invejosos, muitos infames, que procuram

perder-me no conceito que pude comprar com o meu dinheiro. Estou farto

de Lisboa; partiremos no primeiro paquete... Josepha, repara em ti, e vê

que és a viscondessa do Prado. Elisa, a tua educação foi desgraçadamente

mesquinha para te poderes mostrar qual eu quero que sejas na alta

sociedade. Voltaremos um dia, e terás então supprido com a educação

pratica a rudeza que indispensavelmente tens.

«Não progrido, n'este dialogo, Carlos. O programma do visconde foi

rigorosamente cumprido.

«Aqui tens os precedentes que prepararam o meu encontro, em Londres, com

esta familia. Vasco de Seabra, quando viu, pela primeira vez, a filha do

visconde atravessar um corredor do hotel, fixou-a com pasmo, e veio

dizer-me que acabava de vêr, elegantemente trajada, uma mulher que

conhecera em Lisboa, chamada Laura. Acrescentou varias circumstancias da

vida d'esta mulher, e acabou por mostrar vivos desejos de saber o tolo

opulento, a quem tal mulher estava associada.

«Vasco pediu a lista dos hospedes, e viu que os unicos portuguezes eram

Vasco de Seabra e \_sua irmã\_, e o visconde do Prado, a sua mulher, e sua

filha D. Elisa Pimentel.

«Redobrou o seu pasmo, e chegou a convencer-se d'uma illusão.

«No seguinte dia, o visconde encontrou-se com Vasco, e alegrou-se de ter

encontrado um patricio, que lhe explicasse aquelles gritos barbaros dos

serventes do hotel, que lhe davam agua por vinho. Vasco não duvidou em

ser interprete do visconde, com tanto que as suas luzes em lingua

ingleza podessem chegar ao escondrijo d'onde nunca mais vira sahir a

supposta Laura.

«Correram as cousas á medida do seu desejo. Na noite d'esse dia, fomos

convidados para tomar chá, na saleta do visconde. Eu hesitei, sem saber

ainda se Laura seria familiar do visconde. Vasco, porém, despreveniu-me

d'este temor, afiançando-me que se tinha illudido com a semelhança das

duas mulheres.

«Fui. Elisa pareceu-me uma menina bem educada. Nunca o artificio tirou

maior partido das maneiras adquiridas em habitos libertinos. Elisa era a

mulher de côrte, com os ademans fascinadores dos salões, onde a

immoralidade do coração passeia de braço dado com a illustração do

espirito. O som da palavra, a escolha da phrase, a compostura airosa da

mimica, o tom sublime em que as suas idêas eram voluptuosamente lançadas

na torrente de uma conversação animada, tudo isto me fez crêr que Laura

era a primeira mulher que eu tinha encontrado, talhada á feição do meu

espirito.

«Quando agora pergunto á minha consciencia como estas transições se

fazem, descreio da educação, lamento os annos consumidos no cultivo da

intelligencia, e chego a persuadir-me que a escóla da devassidão é a

ante-camara por onde mais facil se entra no mundo da graça e da

civilisação.

«Perdôa-me o absurdo, Carlos; mas ha mysterios na vida, que só pelo

absurdo se explicam.

\_Henriqueta\_.»

IX.

«Li a tua carta, Carlos, com os olhos cheios de lagrimas, e o coração de

reconhecimento. Não esperava tanto da tua sensibilidade. Fiz-te a

injustiça de te julgar infeccionado d'este marasmo de egoismo que

entorpece o espirito, e calcina o coração. E, de mais, suppunha-te

insensivel pelo facto de seres intelligente. Eis-aqui um disparate, que

eu não ousaria balbuciar na presença do mundo. O que vale é que as

minhas cartas não serão lidas pelas mediocridades, que se acham em

concilio permanente para condemnar, em nome de não sei que tolas

conveniencias, as heresias do genio.

«Deixa-me dizer-te francamente o juizo que eu fórmo do homem

transcendente em genio, em estro, em fogo, em originalidade, finalmente

em tudo isso que se inveja, que se ama, e que se detesta, muitas vezes.

«O homem de talento é sempre um mau homem. Alguns conheço eu que o mundo

proclama virtuosos, e sabios. Deixal-os proclamar. O talento não é a

sabedoria. Sabedoria é o trabalho incessante do espirito sobre a

sciencia. O talento é a vibração convulsiva do espirito, a originalidade

inventiva e rebelde á authoridade, a viagem extatica pelas regiões

incognitas da idêa. Santo Agostinho, Fenelon, Madame de Stael, e Bentham

são sabedorias. Luthero, Ninon de Lenclós, Voltaire e Byron são

talentos. Compara as vicissitudes d'essas duas mulheres, e os serviços

prestados á humanidade por esses homens, e terás encontrado o

antagonismo social em que luctam o talento com a sabedoria.

«Porque é mau o homem de talento? Essa bella flôr porque tem no seio um

espinho envenenado? Essa esplendida taça de brilhantes e ouro porque é

que contem o fel, que abrasa os labios de quem a toca?

«Aqui tens um thema para trabalhos superiores á cabeça d'uma mulher,

ainda mesmo reforçada por duas duzias de cabeças academicas!

«Lembra-me ouvir dizer a um doudo que soffria por ter talento. Pedi-lhe

as circumstancias do seu martyrio sublime, e respondeu-me o seguinte com

a mais profunda convicção, e a mais tocante solemnidade philosophica: Os

talentos são raros, e os estupidos são muitos. Os estupidos guerream

barbaramente o talento: são os vandalos do mundo espiritual. O talento

não tem partido n'esta peleja desigual. Foge, dispara na retirada um

tiroteio de sarcasmos pungentes, e, por fim, isola-se, segrega-se do

contacto do mundo, e curte em silencio aquelle fel de vingança, que,

mais cedo ou mais tarde, cospe na cara d'algum inimigo, que encontra

desviado do corpo do exercito.

«Ahi tem--acrescentou elle--a razão porque o homem de talento é perigoso

na sociedade. O odio inspira-lhe a eloquencia da traição. A mulher, que

lhe ouve o astucioso hymno das suas apaixonadas lamurias, acredita-o,

abandona-se, perde-se, e retira-se, por fim, gritando contra o seu

algoz, e pedindo á sociedade que grite com ella.

«Agora, diz-me tu, Carlos, até que ponto devemos acreditar este doudo.

Eu por mim não me satisfaço com o seu systema, todavia sinto-me propensa

a aperfeiçoar o prisma do doudo, até encontrar as côres inalteraveis do

juizo.

«Seja o que fôr, eu creio que és uma excepção e não soffra com isto a

tua modestia. A tua carta fez-me chorar, e acredito que soffrias,

escrevendo-a. Has-de continuar a visitar-me espiritualmente na minha

Thebaida, sem cilicios, sim?

«Agora conclua-se a historia, que leva seus visos de folhetim

philosophico, moral, social, e não sei que mais por ahi se diz, que não

vale nada.

«Contrahi amisade com a filha do visconde do Prado. Não era ella, porém,

tão intima, que me levasse a declarar-lhe que Vasco de Seabra não era

meu irmão. Por elle me fôra imposto, como preceito, o segredo de nossas

relações. Bem longe estava eu de comprehender este zelo de virtuosa

honestidade, quando a mão d'um demonio me tirou a venda dos olhos.

«Vasco amava Laura!! Eu puz dous pontos de admiração, mas acredita que

foi uma urgencia rhetorica, uma composição artistica, que me obrigou a

admirar-me, escrevendo, de cousas que me não admiram, pensando.

«Que é o que levou tão depressa este homem a aborrecer-me, pobre mulher,

que despresei o mundo, e me despresei a mim propria para satisfazer-lhe

o capricho d'alguns mezes? Foi uma miseria que ainda hoje me envergonha,

supposto que esta vergonha devesse ser um reflexo das faces d'elle...

Vasco amava a filha do visconde do Prado, a \_Laura\_ d'alguns mezes

antes, porque a Elisa d'hoje era a herdeira de não sei quantos centos de

contos de reis.

«Devo envergonhar-me de ter amado este homem, nao é verdade, Carlos? Não

devo soffrer um instante a perda d'um miseravel, que eu vejo d'aqui com

uma grilheta d'ouro algemada a uma perna, tapando em vão os ouvidos para

não ouvir-lhe o ruido... a sentença do forçado que o segue até ao fim

d'uma existencia farta de opprobrio, e celebre de infamias!

«E não soffro, Carlos! Tenho aqui no seio uma ulcera que não tem cura...

choro, porque é intensa a dôr que ella me causa... mas, olha, não tenho

lagrimas que não sejam remorsos... não tenho remorsos que não sejam

picados pela affronta que fiz a minha mãi, e a meu irmão... Não me doe o

meu proprio aviltamento, não! Se em minha alma cabe algum enthusiasmo,

algum desejo, é o enthusiasmo da penitencia, é o desejo de

torturar-me...

«Fugi tanto da historia, meu Deus!... Desculpa estes desvios, meu

paciente amigo!... Eu queria correr muito sobre o que me falta, e hei-de

conseguil-o, porque não posso parar, e temo de me converter em estatua,

como a mulher de Loth, quando olho com attenção para o meu passado...

«O visconde do Prado convidou Vasco de Seabra a ser seu genro. Vasco não

sei como recebeu o convite; o que eu sei é que os vinculos d'estas

relações estreitaram-se muito, e Elisa, desde esse dia, expandiu-se

comigo em intimidades do seu passado, todas mentirosas. Estas

intimidades eram o prologo d'outra que tu avaliarás. Foi ella a propria

que me disse que esperava ainda poder chamar-me irmã! Isto é uma

atrocidade sublime, Carlos! Diante d'essa dôr calam-se todas as agonias

possiveis! O insulto não podia ser mais despedaçador! O punhal não podia

entrar mais dentro no virtuoso coração da pobre amante de Vasco de

Seabra!... Agora, sim, que eu quero a tua admiração, meu amigo! Tenho

direito á tua compaixão, se não pódes estremecer de enthusiasmo diante

do heroismo d'uma martyr! Ouvi este annuncio dilacerante!... Senti

fugir-me o entendimento... aquella mulher suffocou-me a voz na

garganta... horrorisei-me não sei se d'ella, se d'elle, se de mim... Nem

uma lagrima!... acreditei-me douda... Senti-me estupida d'aquelle

idiotismo pungente que faz chorar os estranhos, que nos vêem nos labios

um sorriso de imbecilidade...

«Elisa parece que recuou aterrada da expressão da minha physionomia...

Fez-me não sei que perguntas... não me lembro mesmo se aquella mulher

permaneceu diante de mim... Basta!... não posso prolongar esta

situação...

«Na tarde d'esse mesmo dia, chamei uma creada da hospedaria. Pedi-lhe

que me vendesse algumas joias de pouco valor que eu possuia; eram

minhas; minhas não... eram um roubo que eu fiz a minha mãi.

«Na manhã do dia seguinte, quando Vasco, depois de almoço, visitava o

visconde do Prado, escrevi estas linhas:

«Vasco de Seabra não póde gloriar-se de ter deshonrado Henriqueta de

Lencastre. Esta mulher sentia-se digna d'uma corôa de virgem, virgem do

coração, virgem na sua honra, quando abandonava um villão, que não pôde

infectar da sua infamia o coração da mulher, que arrastou ao abysmo da

sua lama, sem lhe salpicar a cara. Foi a Providencia que a salvou!»

«Deixei este escripto sobre as luvas de Vasco, e fui á estação dos

caminhos de ferro.

«Dous dias depois entrava n'um paquete.

«Ao vêr a minha patria, cobri o rosto com as mãos, e chorei... Era a

vergonha e o remorso. Diante do Porto senti uma inspiração do céo.

Saltei n'uma catraia, e pouco depois achava-me n'esta terra, sem um

conhecimento, sem um apoio, e sem subsistencia para muitos dias.

«Entrei em casa d'uma modista, e pedi obra. Não m'a negou. Aluguei uma

agua-furtada, onde trabalho ha quatro annos; onde, ha quatro annos,

comprimo bem aos rins, segundo a linguagem antiga, os cilicios do meu

remorso.

«Minha mãi e meu irmão vivem. Julgam-me morta, e eu peço a Deus que não

haja um indicio da minha vida. Sê-me tu fiel, meu generoso amigo, não me

denuncies, pela tua honra, e pela sorte de tuas irmãs.

«Tu sabes o resto. Ouviste, no theatro, Elisa. Foi ella a que disse que

seu marido a abandonára, chamando-lhe \_Laura\_. Aquella está punida...

«Sophia... (lembras-te de Sophia?) essa é uma pequena aventura, que

aproveitei para tornar menos insipidas aquellas horas, em que me

acompanhaste... Foi uma rival que não honra ninguem... uma \_Laura\_ com

os respeitos publicos, e as considerações que se barateiam a corpos

ulcerosos, com tanto que se vistam de veludos matizados. Ainda eu era

feliz, quando o infame amante d'essa mulher me dava aquelle annel, que

viste, como oblação de sacrificio que me fazia d'uma rival...

«Escreve-me.

«Has-de ouvir-me no proximo carnaval.

«Por ultimo, Carlos, deixa-me fazer-te uma pergunta:

«Não me achas mais defeituosa que o nariz d'aquella andaluza da

historia, que te contei?

\_Henriqueta\_.»

X.

É natural a exaltação de Carlos, depois de erguido o véo, em que se

escondiam os mysterios de Henriqueta. Alma apaixonada pela poesia do

bello, e pela poesia da desgraça, Carlos não teve nunca impressão na

vida, que mais lhe incendiasse uma paixão!

As cartas a Angela Michaela eram o desafogo do seu amor sem esperança.

Os mais ferventes extasis da sua alma de poeta, imprimiu-os n'aquellas

cartas escriptas, debaixo de uma impressão, que lhe roubava a

tranquilidade do somno, e o refugio d'outros affectos.

Henriqueta respondera concisamente ás explosões d'um delirio, que nem

sequer a fazia tremer pelo seu futuro. Henriqueta não podia amar.

Arrancaram-lhe pela raiz a flôr do coração. Esterilisaram-lhe a arvore

dos bellos fructos, e envenenaram-lhe de sarcasmo e ironia os instinctos

do carinho brando, que acompanham a mulher até á sepultura.

Carlos não podia supportar uma repulsa nobre. Persuadira-se que havia um

estalão moral para todas. Confiava no seu ascendente, em não sei que

mulheres, entre as quaes lhe não fôra penoso nunca fixar o dia do seu

triumpho.

Homens assim, quando encontram um estorvo, apaixonam-se seriamente. O

amor-proprio, angustiado nos apertos d'uma impossibilidade invencivel,

adquire uma nova feição, e converte-se em paixão, como as paixões

primeiras, que nos sopram a tempestade no limpido lago da adolescencia.

Carlos, em ultimo recurso, precisava saber onde morava Henriqueta. No

lance extremo d'um desafogo, hiria elle, audacioso, humilhar-se aos pés

d'aquella mulher, que a não poder amal-o, choraria com elle ao menos.

Estas preciosas futilidades escaldavam-lhe a imaginação, quando lhe

occorreu a astuciosa lembrança de surprehender a morada de Henriqueta

surprehendendo a pessoa que no correio lhe tirava as cartas,

subscriptadas a Angela Michaela.

Conseguido o compromettimento d'um empregado do correio, Carlos empregou

n'esta missão um vigia insuspeito.

No dia de correio, uma velha, mal trajada, pediu a carta n.^o 628. O que

a entregou fez um signal a um homem, que passeava no corredor, e este

homem seguiu de longe a velha até ao campo de Santo Ovidio. Feliz das

vantagens, que lucrára em tal commissão, correu a encontrar-se com

Carlos. É ocioso descrever a precipitação com que o enamorado mancebo,

espiritualisado por algumas libras, correu á indicada casa. Em honra de

Carlos, é necessario dizer que aquellas libras representavam a

eloquencia com que elle tentaria mover a velha em seu favor, por isso

que, á vista das informações que tivera da pobreza da casa, concluiu que

não era alli a residencia de Henriqueta.

Acertou.

A confidente de Henriqueta fechava a porta da sua baiuca, quando Carlos

se aproximou, e muito urbanamente lhe pediu licença para dizer-lhe duas

palavras.

A velha, que não podia receiar alguma aggressão traiçoeira aos seus

virtuosos oitenta annos, franqueou os umbraes da sua possilga, e prestou

ao seu hospede a cadeira unica do seu camarim de tecto de vigas, e

pavimento de lages.

Carlos principiou como devia o seu ataque. Lembrado da chave com que

Bernardes manda fechar os sonetos, applicou-a á abertura da prosa, e

conheceu de prompto as vantagens de ser classico, quando convém. A

velha, quando viu cahir no regaço duas libras, sentiu o que nunca

sentira a mais carinhosa das mães, com dous filhinhos no collo.

Luziram-lhe os olhos, e dançaram-lhe os nervos em todas as evoluções dos

seus vinte e cinco annos.

Feito isto, Carlos precisou a sua missão nos seguintes termos:

«Esse pequeno donativo, que lhe faço, ha-de ser repetido, se vm.^{ce} me

fizer um grande serviço, que póde fazer-me. Vm.^{ce} recebeu, ha pouco,

uma carta, e vai entregal-a a uma pessoa, cuja felicidade está nas

minhas mãos. Estou certo que vm.^{ce} não ha-de querer occultar-me a

morada d'essa senhora, e prival-a de ser feliz. O serviço que tenho a

pedir-lhe, e a pagar-lhe bem, é este; póde fazer-m'o?

A fragil mulher, que não se sentia bastante heroina para hir de encontro

á legenda, que D. João V. fez gravar nos cruzados, deixou-se vencer, com

mais algumas reflexões e denunciou o santo asylo das lagrimas de

Henriqueta, segunda vez atraiçoada por uma mulher, fragil á tentação do

ouro, que lhe roubára um amante, e vem agora devassar-lhe o seu sagrado

refugio.

Poucas horas depois, Carlos entrava em uma casa da \_rua dos Pelames\_,

subia a um terceiro andar, e batia a uma porta, que lhe não foi aberta.

Esperou. Momentos depois, subia um rapaz com uma caixa de chapéo de

senhora: bateu; perguntaram de dentro quem era, o rapaz fallou, e a

porta foi immediatamente aberta.

Henriqueta estava sem dominó na presença de Carlos.

Foi sublime esta apparição. A mulher, que Carlos viu, não saberemos nós

pintal-a. Era o original d'essas esplendidas illuminuras, que o pincel

do seculo XVI fazia saltar da téla, e consagrava a Deus, denominando-as

Magdalena, Maria Egypsiaca, e Margarida de Corthona.

O homem é fraco, e sente-se mesquinho perante a magestade da belleza!

Carlos sentiu-se dobrar nos joelhos; e a primeira palavra, que balbuciou

foi «perdão!»

Henriqueta não pôde receber com a firmesa, que devia suppor-se-lhe, uma

tal surpreza. Sentou-se e limpou o suor que lhe correra de improviso

todo o corpo.

A coragem de Carlos desmereceu do muito em que elle a tinha. Succumbiu,

e nem, ao menos lhe deixou o dom dos lugares communs. Silenciosos,

olhavam-se com uma simplicidade infantil, indigna de ambos. Henriqueta

revolvia no pensamento a industria com que o seu segredo fôra violado.

Carlos invocava ao coração palavras que o salvassem d'aquella crise, que

o materialisava por ter tocado o extremo do espiritualismo.

Não nos faremos cargo de satisfazer as despoticas exigencias do leitor,

que pede contas das interjeições, e das reticencias d'um dialogo.

O que podemos garantir-lhe, debaixo da nossa palavra de folhetinista, é

que a musa das lamentações desceu á invocação de Carlos, que, por fim,

desenvolveu toda a eloquencia da paixão. Henriqueta ouviu-o com a

seriedade com que uma rainha absoluta escuta um ministro da fazenda, que

lhe conta os chatissismos e massudos negocios das finanças.

Sorria-se, ás vezes, e respondia com um resaibo de magoa e de

resentimento, que matava, no nascedouro, os transportes do seu infeliz

amante.

As suas ultimas palavras, essas sim, são dignas de se archivarem para

escarmento d'aquelles que se julgam herdeiros dos raios de Jupiter

Olympico, quando se empavonam de fulminar as mulheres, que tiveram a

desventura de se queimarem, como as mariposas, no lume electrico de seus

olhos. Foram estas as suas palavras:

«Snr. Carlos! Até hoje os nossos espiritos viveram ligados por umas

nupcias, que eu pensei não perturbarem a nossa cara tranquillidade, nem

escandalisarem a caprichosa opinião publica. D'hora em diante, um

solemne divorcio entre os nossos espiritos. Estou punida de mais. Fui

fraca e talvez má, em prender-lhe a sua attenção n'um baile mascarado.

Perdoe-me, que sou, por isso, mais desgraçada do que pensa. Seja meu

amigo. Não me envenene esta santa obscuridade, este circulo estreito da

minha vida, em que a mão de Deus tem derramado algumas flôres. Se não

póde avaliar o travo das minhas lagrimas, respeite cavalheiramente uma

mulher, que lhe pede com as mãos erguidas o favor, a piedade de a deixar

sósinha com o segredo da sua deshonra; que eu prometto nunca mais

alargar a minha alma n'estas revelações, que morreriam comigo, se eu

podesse suspeitar que attrahia com ellas a minha desgraça...»

Henriqueta continuava, quando Carlos, com lagrimas d'uma dôr sincera,

lhe pedia ao menos a sua estima, e lhe entregava as suas cartas, debaixo

do sagrado juramento de nunca mais a procurar.

Henriqueta, enthusiasmada pelo pathetico d'esta nobre rogativa, apertou

anciosamente a mão de Carlos, e despediram-se....

...........................................................................

...........................................................................

E nunca mais se viram.

Mas o leitor tem direito a saber mais alguma cousa.

Carlos, um mez depois, partiu para Lisboa, colheu as necessarias

informações, e entrou em casa da mãi de Henriqueta. Uma senhora, vestida

de lucto, e encostada a duas creadas, veio encontral-o n'uma sala.

--Não tenho a honra de conhecer...--disse a mãi de Henriqueta.

--Sou um amigo...

--De meu filho?!...--interrompeu ella--Vem-me dar parte do triste

acontecimento?... Eu já o sei!... Meu filho é um assassino!...

E prerompeu n'um choro, que a não deixava articular palavras.

--O filho de v. exc.^a assassino!... interpellou Carlos.

--Sim... sim... pois não sabe que elle matou em Londres o seductor da

minha desgraçada filha?!... da minha filha... assassinada por elle...

--Assassinada, sim, mas só na sua honra--atalhou Carlos.

--Pois minha filha vive!... Henriqueta vive!... Oh meu Deus, meu Deus,

eu vos agradeço!...

A pobre senhora ajoelhou, as creadas ajoelharam com ella, e Carlos

sentiu um calefrio nervoso, e uma exaltação religiosa, que quasi o

fizeram ajoelhar com aquelle grupo de mulheres, cobertas de lagrimas....

...........................................................................

Dias depois, Henriqueta era procurada no seu terceiro andar, por seu

irmão, e choravam ambos abraçados com toda a expansão d'uma dôr

represada.

Houve ahi um drama de agonias grandiosas, que a linguagem do homem não

saberá descrever nunca.

Henriqueta abraçou sua mãi, e entrou n'um convento onde pede

incessantemente a Deus a salvação de Vasco de Seabra.

Carlos é o intimo amigo d'esta familia, e conta este lance da sua vida

como um heroismo digno d'outras épocas.

Laura, viuva de quatro mezes, contrahe segundas nupcias, e vive feliz

com o seu segundo marido, digno d'ella.

Acabou o conto.

DINHEIRO! DINHEIRO!

Contaram-me, ha poucas horas, um episodio da extraordinaria vida d'um

homem, que apenas hoje conta vinte e cinco annos. Quem elle é não o

direi eu, ainda que me façam... eu sei cá!? bacharel! Eu bem sei que não

posso encarecer-me com este segredo, porque ha ahi uma boa duzia de

pessoas que o sabem, por triste experiencia, mais miudamente que eu.

Mas o que é mais bonito, e não sei mesmo se mais romantico, é que eu

conheço pelo menos quatro primas-donas, afóra as comprimarias, d'esta

partitura, que negam com toda a energia dos seus brios o importante

papel que desempenharam.

Deixal-as negar, que eu tambem não digo quem ellas são, ainda que me

deem o habito de Christo.

Outra cousa:

O muito veridico archivista dos factos, que vão lêr-se, pediu-me, por

tudo quanto ha sagrado no folhetim, que não divulgasse, nem por sombras,

o seu nome.

Não o direi nunca, ainda que me façam... barão!

E está dito tudo.

Agora, gentis leitoras e eruditos leitores, começa o romance, em nome da

moralidade, do decoro e dos interesses materiaes...

DINHEIRO! DINHEIRO!

I.

Foi assim que principiou o meu illustre amigo:

--Alli onde o vês é um embryão de romances desgrenhados...

Referia-se a um rapaz que passava por debaixo das minhas janellas. Era

uma boa figura, visto pelas costas; mas de frente não se podia

contemplar-lhe o rosto sem recuar... não de medo, mas d'um não sei que

desabrido e repulsivo. E não era feio. Eu por mim, custou-me muito a

sustentar cara firme quando elle me fitava com aquelles olhos negros e

magneticos. Fazia-me medo, palavra d'honra! Depois afiz-me áquella

petulancia d'olhar, áquelle carregado provocante da sobrancelha, e,

graças a Deus, já me não custa tanto.

Ora ahi está, sem grave impertinencia, traçado corporalmente o snr.

Alvaro de Sousa, que passava na minha rua.

--Com que então (disse eu) é um embryão de romances aquelle senhor?! Bem

me parecia a mim que a vida d'aquelle homem não devia ser symetrica,

pausada, e prosaicamente chata como a minha! Eu nem se quer lhe sei de

nada! Ando cá tão fóra das barreiras da sociedade, e dos dramas

contemporaneos... que nem ao menos sei se a mazurka está no quinto grau

da refinação, ou se as polkas cederam o terreno á restauração do minuete

da côrte... Que miseria!

--Não perdes nada, meu caro. Olha que a verdadeira miseria está

escondida no manto de lentejoulas com que esta sociedade desdentada e

trôpega se encobre. E, se não, deixa-me lêr-te uma pagina da vida de

Alvaro de Sousa, e verás como se vive por lá...

Como sabes, aquelle rapaz é da plebe, e aspirou sempre a ser da

fidalguia. O homem não podia tragar esta desigualdade de gosos imposta

pela desigualdade do dinheiro. Sem dinheiro, e sem avós, Alvaro

achava-se aos vinte annos n'este mundo sem saber o fim para que viera,

nem a fileira social em que devia perfilar-se.

--Pois não ha tantos officios?--interrompi eu.

--Essa pergunta não me parece tua! Pois tu querias sentar n'uma tripeça

um homem de intelligencia?

--Que duvida! Os sapateiros de Lisboa não tem um jornal? Alvaro de Sousa

seria um habil redactor do \_jornal dos sapateiros\_.

--Estás zombando!

--Palavra de honra, que não zombo! Tu sabes lá porque horisontes vai

ampliar-se o espirito da arte? Sabes se a tripeça terá uma plastica e

uma esthetica! Sabes se a bota de canhão terá um bello ideal? Sabes se a

tomba e a intercospia terão uma philosophia? Sabes se as mathematicas

virão, com a sua geometria applicada á bota, regular as dimensões do

salto? Sabes se a dynamica será a ultima expressão do pino? E não achas

aqui n'este complexo de sciencias um succolento pabulo para um sapateiro

talentoso, para um sapateiro-Newton, para um sapateiro-Girardin?

--Tenho entendido que não queres a historia do homem... Façamos

treguas... Eu dou-te o diploma de espirituoso, e tu fechas a torneira ao

espirito por algum tempo... Guarda esse cabedal, que desperdiças, para

os teus folhetins. Farás rir um fidalgo de raça, embora o seu quinto avô

fizesse borzeguins para a tua quinta avó. Farás indignar o sapateiro,

teu irmão pelo sangue, pelo osso, e pela carne, e teu irmão pela arte,

porque, em fim, eu não sei se a sociedade dispensa mais depressa os teus

folhetins que as botas...

E eu vi que o meu amigo tinha razão, e dei-lhe plena liberdade de

historiar o episodio de Alvaro de Sousa, que continúa assim:

--Alvaro, á custa de muitos vexames e affrontas conseguiu relacionar-se

em algumas casas, onde compareciam algumas das primeiras mulheres. Eram

talvez estas as notabilidades, as sacerdotisas de iniciação para os

noviços que entravam no faustuoso templo das vestaes em quinta mão.

O rapaz foi mais adiante nas suas ambições.

O coração pedia-lhe alimento, o espirito pedia-lhe amor, as aspirações

anceavam-lhe um ideal, e o altivo mancebo entendeu que aquellas mulheres

deviam comprehendel-o no coração, no espirito, e nas aspirações.

Era, realmente, exigir muito, no anno do Senhor de 1849!

A primeira declaração, que balbuciou, teve em troca um sorrir de

despreso. Aventurou uma segunda centelha da lava, que o escaldava, por

dentro, e achou de gêlo todas aquellas mulheres. E não era isto só.

Escarneciam-no. Lastimavam-lhe a mania das declarações; e algumas

galhofeiras senhoras reuniram-se, uma noite de baile, para lhe dizerem

que, todas juntas, hiam devotamente cumprir uma novena a Santo Anastacio

para que o servinho de Deus o livrasse d'aquella hydrophobia amorosa. É

onde podia levar-se o insulto!

Alvaro de Sousa entrou no amago da sua consciencia, como n'um abysmo sem

luz, n'um segredo de torturas, e despedaçou um a um os sentimentos

generosos com que entrára n'este mundo ingrato.

\_Pobre!\_ esta maldita palavra, estigma de reprovação, era o seu demonio

das vigilias e dos sonhos!

Como o supersticioso, que recua espavorido á larva imaginaria do seu

crime, Alvaro de Sousa fugia dos homens, como se elles, juizes

implacaveis, devessem sentencial-o no crime da sua pobresa.

Mas um coração altivo de impotente orgulho não podia transigir com estas

leis barbaras da sociedade, que amputam no coração do pobre os mais

augustos sentimentos da sua vitalidade.

Ha uma apparente reconciliação entre a affronta e a pobresa: é a

reconciliação do odio: é um pacto de vingança, sellado pelas lagrimas do

affrontado; é uma letra de usura avara de desforço, a vencer-se, sem

praso fixo, mas a vencer-se um dia.

Esta fôra a reconciliação de Alvaro de Sousa com as \_generosas\_ mulheres

da sua affeição.

--Ellas, naturalmente, riam-se, se elle lhes désse parte d'essa

reconciliação...

--Riram muito. Alguem lhes disse: «Aquelle pobre rapaz, que sentia

freneticamente as suas paixões, fugiu da sociedade, e devora, na solidão

do seu quarto, um rancor profundo...--A mim:--interrompeu uma

d'ellas--Que pena! Oh Theresinha, não é uma verdadeira calamidade o odio

d'aquelle rapaz?--Ai! Maria da Luz! que triste futuro nos espera...»

E chasqueavam assim o seu \_ridiculo\_ inimigo, perguntando aos amigos

d'elle em que dia finalmente as hostilidades se romperiam.

Isto ninguem o dizia a Alvaro, porque entre o odio e a vingança

impossivel, nas almas fortes, está o suicidio.

--\_Nas almas fortes!\_ (atalhei eu com gravidade philosophica). Então não

sei eu o que são «almas fortes!» Cobardes chamo eu aquelles que

desesperam. A suprema das miserias humanas é a vingança reservada por

causa d'amores despresados. O tal Alvaro de Sousa será muito romanesco,

mas tambem é um grande tolo. Com que direito queria elle impôr-se ao

amor d'essas mulheres? «Despresaram-no porque era pobre» respondes tu. E

se o despresassem porque era feio? Achas que a pobresa tenha muitas

seducções? E porque não foi Alvaro de Sousa amar uma peixeira que as ha

bem bonitas? Se a sua alma de poeta aspirava a um \_ideal olympico e

metaphysicamente imponderavel\_ porque foi elle procurar o seu ideal nas

mulheres carnalmente vestidas de tafetás e veludos? A mulher ordinaria,

virgem na alma, sem a depravação das Aspasias que o repudiaram, não lhe

seria mais interessante pela candura, pela innocencia, e pelo angelico

scismar dos singelos devaneios? Eu não posso soffrer estes Werters

caricatos que appellam para o suicidio, quando a mulher dos seus sonhos

não póde altear-se ás delicadas concepções da sua alma! Vai a vêr-se a

mulher em que elles empregam todo o seu cabedal de sentimentalismo, e

depara-se uma estragada de espirito, abastardada nos instinctos, incapaz

de conceber a generosidade, gelada para as suaves impressões d'uma

amisade honesta, e finalmente uma Ninon sem o \_espirito\_ da franceza,

mas opulenta como ella de \_materia\_. Repito: porque não vão estes

impostores queimar o incenso das suas angelicas adorações aos pés d'uma

donzellinha d'olhos timidos, e faces purpurinas? Não é tão bello

surprehender o pejo da innocencia!? Não ha tanta poesia n'aquellas

lagrimas de um primeiro amor que desconfia da sombra de uma mulher, que

passa ao longe do seu Medro! Não ha ahi tantas Angelicas obscuras,

tantas Virginias, segregadas dos salões das Phryneas? Emfim, meu

sentimental historiador de paixões desgrenhadas, eu não posso sentir

comtigo as desventuras do snr. Alvaro. Quero ouvil-as, porque emfim,

escrevo folhetins, e minto quasi sempre para encher um espaço de papel.

Póde ser que digas alguma cousa que valha a pena de captar a attenção

d'este publico portuense, que lê constantemente, e, á falta de romances,

por não poder emendar o costume de lêr sempre, começa a mastigar

profundas lucubrações sobre a doença das vinhas.--Ora, diz lá.

II.

O meu amigo continuou:

--Alvaro reconcentrou-se em uma tal misanthropia, que nem ao menos os

intimos amigos recebia em casa. Dir-se-hia que aquella vida estava a

levedar-se do amargo fermento de rancor que as mulheres lhe levaram á

alma. Eu vi-o uma vez. Parecia um Smarra, um magico, uma cousa d'um

outro mundo, onde os homens conversam com as larvas. Morava no quarto o

terror. A sombra da aza da morte empanava aquelle rosto, d'onde a vivesa

e o lume fugira, deixando como vestigios, as rugas cadavericas d'uma

lenta agonia.

--Devia ser um demonio! Cuidei que uns figurões assim eram privilegio

dos romances!... E os cabellos? naturalmente arripiados como os do

Asaverus, de Orestes, ou de qualquer outro estafermo, não é verdade?

--O que tu quizeres... O caso é que eu julguei-o demente, ou, pelo

menos, desgraçado, que não sei se é menos, por toda a vida.

Agora, levanta-se o pano do segundo acto.

Uma bella manhã, sahe um homem d'um navio com quatro bahús atraz de si.

Este homem procurou a morada de um seu irmão; este irmão, que tinha

morrido, era o pai de Alvaro. O tio de Alvaro, por consequencia, era um

rico brasileiro, que acabava de manifestar seiscentos contos.

Alvaro recebeu-o com sinistra rudeza. O snr. Manoel da Silva abraçou seu

sobrinho, chorando a morte de seu irmão, que era muito semelhante com

seu sobrinho. Deu graças á Providencia por encontrar um herdeiro do seu

ouro e do seu sangue; e, deixa-me assim dizer sem offensa da

metaphysica, insufflou uma alma nova n'aquella casa, uma alma muito

grande, maior que a alma universal de Platão! só comparavel á alma que

faz girar um sangue azul nas veias d'um merceeiro.

Alvaro, quando de improviso se viu rico, partiu a pedra do seu tumulo, e

respirou o ar dos vivos. Os olhos faiscaram-lhe um novo lume. Os labios

vibraram-lhe uma eloquencia nova. O coração bateu-lhe pulsações d'um

orgulho expansivo. O corpo endireitou-se na linha vertical que a

Providencia geometrica marcou a todos os que podem parodiar Luiz XIV, e

dizer: o dinheiro sou eu!

O brasileiro não era abdominoso nem vermelho das bochechas. Era um homem

regular, com sentimentos de homem não bestealisado pelo ouro.

Achando uma casa pobre, enriqueceu-a, ampliou-a, abriu-lhe os flancos, e

deu-lhe as fórmas arrogantes d'um palacete. Um tylburi, uma carruagem, e

duas parelhas de eguas hanoverianas harmonisaram o fausto d'aquella

magica metamorphose.

E tudo era feito a bel-prazer de Alvaro. O tio authorisara-o para tudo,

menos para casar-se, porque detestava as mulheres.

Elle lá sabia o porque, e, se eu o souber um dia, conta com um folhetim.

--Muito obrigado; não me despeço do favor.

--Agora vaes tu conhecer a astucia da intelligencia, que não prescinde,

na riqueza, da vingança premeditada no infortunio.

Alvaro de Sousa não ostentou, como era de esperar, as suas eguas, a sua

carruagem, e os seus lacaios de verde e prata. Viveu, dous mezes, ao

fogão, conversando com o tio, e conquistou-lhe assim um conceito de

grave sisudez, e uma plena confiança.

Na primavera, Alvaro appareceu com as flôres, e, agradavel como ellas,

grangeou amisades, que não tinha...

--Necessariamente... Olha que novidade me dás!... É melhor dizer...

\_comprou amisades, que não tinha\_...

--Não posso assim dizer absolutamente. Alvaro, em quanto pobre, era

desabridamente orgulhoso, e desconfiado... Um olhar de través

irritava-o, e uma palavra equivoca enfurecia-o. Era como os que soffrem

rheumatismo agudo, que não consentem uma mosca no travesseiro. E a

pobresa, seja dito em proveito da pathologia, é o rheumatismo agudissimo

da humanidade...

Depois de rico, parece que a sua grandeza estava na consciencia d'ella.

O dinheiro tornou-o affavel, carinhoso, sollicito em procurar as

relações dos que lhe eram muito inferiores, e até d'aquelles que

repellira na infelicidade. É realmente um phenomeno, mas tu sabes que eu

não te minto.

--E as mulheres que faziam?

--As mulheres? Agora vamos nós lá... Isso é uma historia muito

complicada...

--Quaes são as que figuram?

--Vamos por partes. A mulher, que, primeiro, o repelliu foi a Maria da

Luz. Esta mulher é casada, e era solteira, mas solteira de trinta e

tantos annos, quando Alvaro a requestou. Não sei porque, Maria da Luz,

era a preferida no odio, talvez porque sendo a primeira a repellil-o,

desairou-o, para todas as outras... Não sei.

Alvaro foi com seu tio pagar uma visita ao marido d'esta mulher, porque

a influencia do brasileiro em certos homens do poder obrigara aquelle a

captar-lhe a benevolencia para conservar certos proventos, que estavam

muito em perigo.

O sobrinho começou a jogar com a influencia do tio. Quiz lêr-lhe o seu

programma de vingança, mas achou que era cedo, ou immoral. Calou-se e

esperou.

Na visita, que fizeram, Maria da Luz veio á sala, e quiz sustentar a

dignidade matrimonial, com os artificios d'uma etiqueta safada. Alvaro

ria-se por dentro, mas fingia-se parvo por fóra. Dava-se uns ares de

esquecido, e apertava a mão da sua victima com a cordialidade d'um bom

homem. E Maria da Luz espantou-se.

Passaram-se alguns mezes. Alvaro, que participava da influencia do tio

nos destinos da patria, reconcentrou toda a sua energia em realisar

desgraçadamente os terrores do marido de Maria da Luz. Quando menos se

esperava, este homem é demittido, e obrigado pela fazenda a um saldo de

contas que o empobrecia. O brasileiro, que n'este tempo já era visconde

de Sousa, quiz salval-o, mas encontrou em seu sobrinho um violento

accusador das immoralidades d'aquelle mau funccionario, cuja deshonra

reflectia na face de quem o protegesse. As instancias redobradas

encontraram frio o visconde, que, por fim, declarou que não intervinha

em certos negocios que delegara em seu sobrinho, mais conhecedor das

conveniencias do paiz, e da moralidade dos funccionarios. Com este

fragmento de \_artigo do fundo\_, foi despedido o marido da Luz, cujo

decahir para o abysmo de miseria era rapido como a facilidade com que

subira.

Maria da Luz comprehendeu a vingança, e achou-a vil.

--Realmente era...

--Mas não ha vinganças nobres, creio eu. A mulher, que eu principio a

chamar pobre, fechára os seus salões, e não esperou que os alheios se

lhe fechassem. A tristeza sentára-se nos sophás d'aquellas salas

desertas, onde viria brevemente sentar-se o escrivão da penhora. A

desgraça, ainda assim, não lhe aniquilava a soberba. Julgava ella que,

humilhando-se a Alvaro, encontraria uma protecção, mas tambem uma

ignominia. O marido, que cahira primeiro na sua miseria, perdeu,

primeiro, a dignidade. Excitou-a para que escrevesse a Alvaro, e

encontrou-a sempre negativa.

E Alvaro respirava com sofreguidão um momento que devia chegar.

Ao mesmo tempo, desenvolvia-se o plano d'outra vingança. Thereza da Cruz

era a segunda victima de Alvaro. Esta não podia ser ferida nos

interesses materiaes. Era rica das suas propriedades. Era solteira, e

amava profundamente um homem casado.

Este homem era delirantemente amado por sua mulher, e presava-a, senão

posso dizer que a adorava. Thereza da Cruz fascinava-lhe a cabeça

d'aquelle amor-appetite que Stendhal judiciosamente distingue do

amor-paixão. Mas Thereza da Cruz detestava a virtuosa esposa do seu

amante, com toda a raiva d'um ciume reconcentrado.

E Alvaro sabia-o.

Era-lhe necessario quebrar aquellas ligações com estrondo e deshonra

para Thereza da Cruz.

O que elle fez é uma ignominia, é, porém uma vingança que medrara em fel

durante tres annos de torturas suffocadas.

Alvaro obteve uma carta da mulher do amante de Thereza da Cruz, escripta

a uma sua amiga.

O dinheiro proporcionou-lhe um falsificador de letra, perfeito na sua

perversa habilidade.

Mandou-lhe escrever algumas cartas amorosas pelo molde d'aquella letra.

E não deixou uma ligeira duvida sobre o genero de relações que a

prendiam a um homem, que se não nomeava.

Estas cartas enviadas a Thereza da Cruz, foram incluidas n'uma anonyma,

que dizia assim:

«Minha querida amiga.

«Sei que detestas Miquelina, e que procuras perdêl-a no conceito do

marido, para conquistares plenamente uma alma digna de ti. Queres

castigar o orgulho d'essa hypocrita que lamenta a nossa \_prostituição\_?

Ahi tens essas cartas, que eu pude obter d'um amante, que a despresou

por mim. Tira as têas d'aranha dos olhos d'esse piegas, e faz-lhe vêr

que sua mulher não é melhor que tu: porque tu és livre, e ella é casada.

Saberás o meu nome, no primeiro baile onde nos reunirmos.

Tua amiga d'alma.»

D. Thereza, recebendo estes cartas, sentiu uma alegria infernal. Daria

por ellas a reputação de honrada, se a tivesse.

Por fatalidade, o amante, na noite d'aquelle dia tratou-a com

indifferença. A orgulhosa, enraivecida d'um tedio que não podia

supportar, esforçou-se por chamar a conversação a respeito de mulheres

casadas, e avançou a proposição de que não havia uma na primeira roda,

que não fosse adultera. O amante protestou colericamente contra o

absoluto da proposição. Defendeu sua mulher com ares de Collatino, e

exprobrou acremente a maledicencia da insolente.

A indignação ferveu: trocaram-se epithetos ultrajantes. D. Thereza foi

uma eloquente regateira, e o seu apaixonado repetiu as phrases mais

peculiares da tarimba. Por fim, D. Thereza, chegado o momento dramatico,

apresentou-lhe as suppostas cartas da esposa.

O homem abriu-as com frenesi: reconheceu a letra e sahiu como um vexado

pelo demonio.

D. Thereza da Cruz, sentiu, pela primeira vez, um momento de completa

felicidade em sua vida!...

--E depois?

III.

--Depois, o furioso entrou na camara de sua mulher, e encontro-a velando

o somno de um filhinho, que tinha no berço. Perguntou-lhe o marido o que

ella fazia a pé á uma hora da noite. Miquelina respondeu que o esperava

para lhe servir a cêa, por isso que as creadas, fatigadas de trabalho,

não podiam esperar que seu amo se recolhesse, alta noite, para

repousarem.

O marido recebeu com um sorriso feroz esta resposta digna de uma senhora

virtuosa, e sentou-se junto d'ella. Tocado da faisca electrica de

tyranno de melodrama, enturvou os olhos, franziu a testa, arrancou a voz

dos subterraneos do pulmão, e fallou assim, com uma carta aberta:

«Conhece esta letra, senhora?»--É minha, penso eu--respondeu ella com

promptidão.--«Já sabe naturalmente que carta é esta.»--Não sei... será

escripta á Antoninha? ou á prima Angela? eu não escrevo a mais

ninguem.--«A mais ninguem, infame!... a senhora não escreve a mais

ninguem?»--Juro que não, juro que não... deixa-me vêr essa carta, Luiz,

deixa-me vêl-a, eu t'o peço pela boa sorte da nossa filhinha.--«Veja.»

Miquelina leu estas duas linhas da carta: \_Dous dias é uma ausencia

insupportavel!... Vem, meu anjo, faz que a minha vida tenha algumas

flôres\_...

Não continuou. Prerompeu em palavras inarticuladas. Eram os gritos da

desesperação! A surpreza transtornara-lhe o espirito, até converter-lhe

o dom da palavra em alarido selvagem. Parecia douda. O proprio marido

retirou aterrado diante d'aquella angustia sublime. Houve em casa um

motim, um tropel de creados, que se olhavam estupidamente. Miquelina,

exhausta de forças, e convencida da realidade daquella infame allusão,

desmaiou. Seu marido tateou-lhe o pulso e o coração. Reconheceu que

havia alli uma dôr legitima. Ficou estupidamente perplexo, e fazia dó

n'esta duvida afflictiva. Mas a innocencia, filha da justiça de Deus,

devia triumphar.

Miquelina foi logo entregue aos cuidados da medicina. Julgaram-na

subindo a gradação d'uma demencia, e Luiz d'Abreu aterrou-se seriamente.

Ás dez horas do dia seguinte, Luiz d'Abreu recebia a seguinte

carta:--«Deves possuir quatro cartas, que te foram dadas por Thereza da

Cruz. São quatro documentos inqualificaveis da infamia d'essa mulher.

Tua virtuosa senhora escrevera uma carta a sua prima Angela. Thereza da

Cruz pôde obter essa carta, de que se serviu para fazer imitar a letra

da que ella chama sua rival. Remetto a carta de que ella se serviu. Tua

senhora é innocente como os anjos. Pede-lhe perdão, se lhe já lançaste

em rosto a calumnia forjada pela ignobil mulher a que vives associado.

Se apesar de tudo, tiveres a impudencia de continuar relações com

Thereza da Cruz, hei-de eu, com os teus amigos, apregoar a baixeza do

teu caracter para engrandecer a nobreza de tua deploravel esposa.

\_Um teu amigo\_.»

Luiz d'Abreu entrou na camara de sua mulher. Estavam com ella dous

medicos e duas creadas. Miquelina estremeceu ao vêl-o. Mal sabia ella

que esse homem hia ajoelhar-se na sua presença! Eram tocantes as

lagrimas que elle chorava, ajoelhado, balbuciando palavras

inintelligiveis. Miquelina ergueu a face para testemunhar aquella nova

surpreza. Os circumstantes quinhoavam do enthusiasmo d'aquella scena,

sem a comprehenderem.

«Peço perdão a minha virtuosa mulher! (exclamou elle) perdão d'uma

affronta, d'uma calumnia, que a reduziu a esta situação... Na presença

de todo o mundo eu quizera que ella me perdoasse...»--Sim, sim,--bradou

ella com enthusiasmo febril--eu perdôo-te de toda a minha alma, Luiz, de

todo o meu coração, meu esposo querido!...

Luiz d'Abreu ergueu-se, chorou sobre a mão que beijava, e foi feliz,

verdadeiramente feliz, n'aquella hora solemne da sua vida.

Foram muito sensiveis os progressos nas melhoras de Miquelina.

Na tarde d'esse dia, Abreu, com o mais carinhoso bilhete, pediu uma

entrevista, á meia noite, a Thereza da Cruz. Foi-lhe concedida.

Ao dar da meia noite estava Luiz d'Abreu encostado á porta que devia

ser-lhe aberta por Thereza da Cruz. Abriu-se a porta. Abreu tomou

aquella mulher pelos cabellos, arrastou-a para o meio da rua, e, sem

dizer-lhe um monosyllabo, encheu-lhe o corpo dos vergões d'um chicote.

Thereza supportara as primeiras chicotadas com o silencio da vergonha;

mas quando a dôr physica dominou a moral, gritou. Abreu retirou a passo

rapido. Thereza fugia, quando um segundo homem lhe lançou a mão. Ella

reconheceu-o, e pediu que a deixasse. «Não, minha senhora,--replicou o

seu conhecido--eu não posso consentir que v. exc.^a seja assim

desfeiteada na rua como uma mulher de alcouce...»--Deixe-me, deixe-me...

por piedade, snr. Alvaro de Sousa!

E debatia-se entre as mãos de Alvaro como atacada de gota coral.

Aproximou-se a patrulha. Lançou mão de ambos, e perguntou a D. Thereza

se aquelle homem a insultara. D. Thereza respondeu que não, que ninguem

a insultara. Alvaro, que nem zombando mentia, desmentiu a sua velha

\_amiga\_, dizendo que elle a vira chicoteada cruelmente por um homem, que

fugira; e que o mais que a tal respeito podia dizer era que esta senhora

morava n'aquella casa, era uma respeitavel fidalga, e chamava-se D.

Thereza da Cruz. A patrulha não prescindiu d'estas informações

ratificadas por s. exc.^a Perguntou-lhe o nome do aggressor, e ella

respondeu que o não dizia.

Imagina, meu amigo folhetinista, a colica despedaçadora em que a pobre

mulher se viu! A patrulha não queria largal-a; mas Alvaro de Sousa

capitulou por uma libra com as imperiosas exigencias da guarda

municipal, e conseguiu a liberdade da pobre mulher.

E, ao despedir-se de D. Thereza, fel-a parar um momento, para dizer-lhe

com a mais fleumatica placidez: «Minha querida senhora! Eu comprei com

uma libra a satisfação de pagar a v. exc.^a a menor parte d'um grande

serviço que lhe devo... Eu não pude esquecer-me nunca de que v. exc.^a

com algumas amigas suas, cumpriram uma novena a Santo Anastacio, para

que o servinho de Deus alcançasse curar-me da hydrophobia do amor, que

me atacou... Tenha v. exc.^a uma noite feliz.»

E retirou-se. Thereza da Cruz não respondeu uma palavra.

Alvaro de Sousa estava vingado.

--Tens mentido com a mais soberana presença de espirito!--atalhei eu.

--Não minto, juro-te que não minto...

Estás muito em occasião de verificar estes factos... Deseja conseguir a

verdade, que has-de conseguil-a.[3]

E eu acreditei-o; e ámanhã acreditarei tambem que qualquer destemido

despejou um bacamarte nos intestinos do seu anjo...

--O rigor da chronologia--proseguiu o implacavel noticiador--exige que

eu te conte agora a vingança de Maria da Luz.

A hora da miseria extrema tinha soado. Os bens de raiz confiscou-os a

fazenda: os moveis estava designado o dia de leilão em que deviam ser

vendidos.

O marido de Maria da Luz, que por nome não perca, soubera que sua mulher

ridiculisara as pretenções de Alvaro de Sousa n'aquelles dias de

vergonhosa pobreza. Bem conhecia elle a indignidade a que tentava forçar

sua mulher, instigando-a a que se valesse do prestimo d'um homem que

tinha fortes razões de aborrecel-a. Todavia, Alvaro gosava de um tal

conceito de nobreza de coração, e sensibilidade d'alma que qualquer

marido, mais escrupuloso ainda, não duvidaria instar, na hora critica

d'uma penhora, pela humildade da sua supposta Lucrecia.

Maria da Luz, por fim, conveio na pessima situação em que se achavam os

negocios de seu marido. A fome avisinhava-se, e a deshonra é menos negra

que a fome, segundo a opinião d'alguns moralistas entendidos n'estas

côres.

Alvaro de Sousa recebeu uma carta de Maria da Luz, em que lhe era pedido

o emprestimo de doze mil cruzados, pagaveis em doze annos.

O cavalheiro respondeu que a obrigação onde eram estipulados doze annos

seria reformada pelo praso de duas horas......

Maria da Luz comprehendeu-o. O primeiro abalo, que sentiu no coração,

foi a raiva: o segundo foi a vergonha: o terceiro foi a negociação com

as condições do titulo reformado, conforme a vontade do credor.

E respondeu affirmativamente, com a sagrada condição d'um segredo

inviolavel para seu marido.

E Alvaro de Sousa enviou doze mil cruzados ao marido de Maria da Luz,

com esta carta:

«Meu caro senhor.

«Conforme á negociação que acabo de fazer com sua senhora, remetto doze

mil cruzados. Da inclusa carta da exc.^{ma} snr.^a D. Maria da Luz, verá

v. s.^a que este contracto é bilateral, e a parte que eu tenho n'elle em

vantagem minha é a renuncia que a dita senhora me faz d'uma propriedade

que eu não sei se está hypothecada a v. s.^a Supposto me devessem ter

sido dados estes esclarecimentos antes da remessa do dinheiro, eu não

tenho duvida em sujeitar-me a qualquer outra transacção que possamos

ambos amigavelmente fazer, visto que, d'hora em diante, nos devemos

ambos considerar com mais ou menos jus á mesma propriedade. E, como eu

tenha resolvido cedêl-a em beneficio de meu lacaio, v. s.^a não terá

duvida em consideral-o com os direitos que eu possuia.

De v. s.^a attento venerador

\_Alvaro de Sousa\_.»

--E depois?--interrompi com anciedade.

--Depois...... tu vaes dizer que eu te minto!...

--Não digo... palavra d'honra!

--Depois, o codilhado foi Alvaro de Sousa, porque o marido da Maria da

Luz empregou convenientemente os doze mil cruzados e vive perfeitamente

com sua mulher.

--Mas Alvaro de Sousa? nunca mais se importou com ella?

--Nunca mais. A consciencia diz-lhe que está vingado.

--E das outras?

--Das outras... vingou-se sem ruido... Tomou d'ellas uma vingança que

não póde ser romantisada por ser muito simples.

O meu amigo viu passar uma mulher, e foi atraz d'ella.

Eu escrevi tudo isto com as reminiscencias vivissimas do dialogo.

Querem saber onde tudo isto aconteceu?

Agora é que v. exc.^{as} vão ficar surprehendidas...

Foi em Pekim!

Salvei a moral publica!

Cante-se o hymno!

A CAVEIRA.

PROLOGO.

Quem disser que em Traz-os-Montes não ha romances, é capaz de dizer que

a lua não tem habitantes, e as alfandegas ratos.

A provincia de Traz-os-Montes é um sertão desconhecido, um retalho de

Portugal segregado da civilisação; mas não deixa por isso de ter uma

chronica de tradições barbaras, que virá archivar-se em folhetins,

quando os caminhos de ferro, construidos pelos capitalistas da

Ovelhinha, aproximarem o contacto das intelligencias com as florestas

virgens d'aquella região polar.

Esse dia amanhecerá bem cedo. A aurora da civilisação madrugou para

todos. A viabilidade discute-se á lareira. Mais d'um juiz das almas se

extasia nas vastas theorias do caminho de ferro. O regedor de parochia

rural, auxiliado pelo cura, apostolisam no adro, aos domingos, a theoria

do augmento do salario pela facilidade dos transportes. Ha lavradores

que addicionaram á leitura do Borda d'Agua as prelecções escriptas de

economia politica do snr. dr. Carneiro. Alguns esperam concorrer ao

mercado de Sevilha com cereaes e repolhos nas proximas colheitas. O

enthusiasmo é universal. A expansão fervente dos interesses materiaes, a

febre eloquente da viabilidade, os traços profundos e rasgados, com que

as intelligencias financeiras fixam cathegoricamente o dia supremo da

nossa prosperidade, não são já um exclusivo da mocidade jornalistica.

O meu collega Ricardo Guimarães, que salta de noite em cuecas, fóra da

cama, sonhando-se impellido por um wagon, doudeja de jubilo ao vêr-se

comprehendido, no seu ardente apostolado, desde Monção até ao Cabo da

Roca. Lateja-lhe o enthusiasmo nas bossas frontaes, cada vez que o

alvião do operario rasga no seio da terra o tumulo do carroção ignobil!

(Isto era escripto em 1853...)

A mocidade é assim. A força creadora do talento ha-de supprir a

debilidade do thesouro. Onde os capitalistas não chegaram, hirá o artigo

de fundo, palpitante de vida, como um ouragan invencivel, desaterrar a

aterrar com as forças magneticas do genio, com a magia imperiosa dos

periodos arredondados artisticamente.

E, por tanto, a provincia de Traz-os-Montes vai ser aquecida pelas

irradiações do foco civilisador. Um dia, os povos do Marão, agrupados

nas cristas das serranias, verão lá em baixo passar o traço negro do

carril; e cuidarão que um demonio, na cauda d'um raio, lhe talou as

campinas, no dia tremendo das vinganças do Senhor!

Mais tarde, os pavidos moradores da Campeam, illustrados pela leitura

repentina, e pelos artigos de fundo, virão, de sócos e coroça, nas azas

do carril, applaudir os cavallinhos, saborear um ponche no Guichard, e

influir seriamente no futuro da empreza lyrica.

Então, sim! Mondroens, Villarinho de Cotas, e Canellas terão uma

associação industrial, uma caixa filial, um gabinete de leitura, e um

centro promotor das classes laboriosas. O cavador, na hora da sesta

lerá, na vinha, de barriga ao ar, o \_Tymes\_, e Benjamin Constant. O

proprietario, entregue ás subtilezas economicas, que distinguem o

cabedal da renda, andará em guerra littetaria com o seu visinho da

aldeia proxima, por causa d'uma falsa interpretação aos sophismas de

Bastiat. N'esse dia, serão banidos os estupidos da face da terra. O

proletariado, filho da estupidez, não virá coberto de farrapos pedir um

bocado de pão, no banquete social, por conta do futuro fomento. Pouco

ha-de viver quem não vir tudo isto.

Será então chegado o momento solemne de pedir á provincia do norte a

historia do seu passado. Serão exploradas então as minas de poesia,

entulhadas pelo obscurantismo de longos seculos. Acontecerá muitas vezes

encontrar-se um sóco onde se esperava um borzeguim de castellan. O

leitor pedirá uma heroica lucta de dous infanções armados da fidalga

espada, e verá duas fouces roçadouras decidirem um pleito de apaixonado

melindre.

Mas não será em tudo assim a chronica obscura da provincia, onde vivi

alguns annos, e em poucos dias colhi apontamentos para longos trabalhos

de muito proveito esthetico, plastico, artistico, e não sei mesmo se

cubico, anomalo, e hybrido.

A historia, que vou contar, com innocentissima lealdade, póde ser

confirmada ainda por duas ou tres testemunhas, que, pelo menos, viviam,

ha cinco annos. Fallo assim com orgulhosa authoridade, porque tenho

direito a ser acreditado em romances, que tem a honra de assentarem

n'uma sincera base.

A mentira no romance é uma nodoa, que nausêa o publico illustrado.

Alexandre Dumas, escrevendo um romance intitulado \_Martim de Freitas\_,

obrigou este heroe a desembarcar em Mafra, nomeou-o alcaide do castello

da Horta, e fez nascer D. Sancho II na Palestina, onde foi baptisado por

um tal monsieur d'Evora, arcebispo de Leiria! É uma cornucopia de

asneiras este litterato, fallando de Portugal.

O publico tem direitos sagrados, e é realmente ultrajar-lh'os, querel-o

capacitar de que Mafra é um porto de mar, e Leiria uma cidade

archiepiscopal, e monsieur d'Evora cidadão portuguez.

Comprehenda-se a missão do romancista. O romance, a viabilidade, e o

fluido transmutativo são a tripeça em que está sentada a civilisação.

Quebrar-lhe um dos pés é dar com ella em terra.

A CAVEIRA.

I.

Morreu, ha seis annos, em Villa Real, um velho de oitenta e oito annos.

Chamava-se D. João de Noronha, e habitava uma casa pequena, mas decorada

de grande brazão d'armas, e não sei quantas ameias modeladas pelos

pilares das açoteas mouriscas. O leitor, que, por louvavel curiosidade,

quizer, de perto, capacitar-se da fidelidade architectonica d'esta casa,

vá a Villa Real, e na \_rua do Cabo da Villa\_, pergunte pela casa de D.

João de Noronha. Não terá de que maravilhar-se, a não ser da sisuda

gravidade, e rigorosa certeza com que o author lhe conta historias

interessantissimas.

Algumas palavras a respeito d'este D. João de Noronha.

O \_dom\_ é quasi sempre, entre portuguezes, indicação de fidalguia

remota; mas em D. João de Noronha era uma irrisão para o povo, e uma

ignominia affrontosa aos fidalgos da terra. E a razão é esta:

Ha cento e vinte annos que viveu em Villa Real uma senhora D. Paula

Coronel e Noronha, protectora d'um tal Antonio da Silva, sapateiro da

casa.

Este homem era desordeiro e valentão. Em rixas com um freguez por causa

d'umas tombas, matou-o desastradamente. A justiça apanhou-o, e

condemnou-o a pena ultima.

D. Paula exhaurira os grandes recursos da sua influencia, sem conseguir

salvar da forca o seu afilhado. Avaliem-se, porém, os extremos de D.

Paula pelo condemnado, e attenda-se á época em que os grandiosos

esforços d'uma fidalga são anciosamente empenhados na salvação d'um

arrastado verme da plebe.

D. Paula, em ultimo recurso, declara que o sapateiro é filho bastardo de

seu irmão, e como tal o perfilha. Desde que esta adopção foi consignada

no livro dos alvarás de perfilhamentos, Antonio Coronel de Noronha está

salvo da forca. O processo atravessa novos tramites; e a lei, esmagada

sob o rebolo transformado em pedra d'armas condemna o réo a cinco annos

de degredo para Castro-Marim.

O nobre exilado, um anno depois, morreu de uma indigestão de figos do

Algarve; e, honra lhe seja feita, á hora da morte, declarou que vivera

sapateiro e christão, e como sapateiro pedia perdão aos homens, e como

christão a Deus porque muito queria salvar-se.

Seu irmão Francisco, mestre ferreiro, morreu ferreiro, porque não quiz

partilhar das honras heraldicas de seu irmão, que, pelos modos, não eram

muito lisongeiras para a memoria de sua mãi.

Este ferreiro deixou um filho, chamado João, e uma fortuna avultada,

adquirida na bigorna.

João, orphão aos quinze annos, quiz ordenar-se; mas o amor tolheu-lhe as

vocações ardentes do sacerdocio.

Por aquelles tempos a sociedade estava retalhada em classes. João da

Silva invejava o acaso d'um nascimento, e desesperava-se na impotencia

de associar-se dous appellidos euphonicos, que o guindassem á região dos

homens superiores em raça aos outros homens, como o onagro de Sevilha

superior em raça ao onagro de Cacilhas.

Zombavam cruelmente d'elle, quando lhe disseram que se encabeçasse na

linhagem, embora bastarda, de seu tio, que morrera legalmente inscripto

no livro dos costados a folhas 1473.

João da Silva foi conscienciosamente fidalgo desde esse instante. Tirou

uma certidão, hypothecou metade da sua fortuna ao fôro, e consegui-o.

Não diremos ao certo quem foi o concussionario d'aquelles tempos, que

lhe recebeu os dous mil cruzados do pergaminho. As urgencias do estado

de hoje eram litteralmente as urgencias do estomago dos chancelleres

móres do reino.

A fidalguia protestou silenciosa contra tão grave injuria. Fechou os

seus salões ao adepto insolente, que ousára assignar-se D. João de

Noronha, e mandára insculpir na fachada d'uma casa ameiada as armas dos

Noronhas, É tradição em Villa Real que os Pintos Coelhos, representados

hoje por José Antonio Teixeira Coelho de Mello Pinto da Mesquita,

mandaram borrifar de sangue as armas de D. João de Noronha. Nada fez

recuar o proposito do filho do ferreiro. Os tempos correram, mas os

odios ao pobre homem não se extinguiram. Digno d'estes tempos, D. João,

seria hoje affavelmente recebido pela velha nobreza, com tanto que as

differenças no azul do sangue fossem saldadas com o amarello do ouro.

Conheci este homem, e tractei-o muito de perto. Era eu bem creança, e

respeitava as loucuras d'aquelle velho, com a mais sisuda tolerancia.

Quando o vi, aos oitenta e seis annos, casar-se com uma donzella (oitava

maravilha!) de oitenta e nove, cingi-me com aquelle par conjugal, e quiz

ouvir-lhe os colloquios amorosos, as expansões delirantes, as ternuras

idealissimas. Não pude; e o leitor perdeu muito com isso, que eu não era

homem de privar d'um capitulo precioso a \_Physiologia do Casamento\_ de

Balzac.

O vento das tempestades da vida impelliu-me de Villa Real para outra

linha no mappa-mundi das minhas observações; e o meu caro D. João morreu

poucos dias depois de sua mulher, e é de crêr que, abraçados em

frenetica paixão, renascessem, viçosos e frescos como Paulo e Virginia,

em mundos novos, e novas constellações. Assim seja!

Como vinha dizendo, leitor attencioso, quando eu tive a honra de ser

admittido ao tracto intimo de D. João de Noronha, reparei n'uma caveira,

contida em uma redoma de vidro, com pedestal de pau preto, enviezado de

arabescos de marfim.

Esta redoma pousava em uma mesa torneada em bilros de custoso lavor.

Reparei, outrosim, que em certo dia do anno um véo funebre cobria

aquella redoma. Este dia era quinta feira santa. Não concebi que relação

podesse existir entre aquella caveira e a paixão de Jesus Christo não

ousava, porém, interrogar-lhe o profundo mysterio.

Entrava eu uma vez, sem fazer-me annunciar, na sala da redoma, e

encontrei D. João ajoelhado com austero fervor na presença da caveira.

Voltou-se de repente sentindo-me os passos, e eu não pude recuar sem ser

conhecido. Vi-lhe lagrimas; eram magestosas, e eu juro que muitos dos

meus leitores de coração petrificado chorariam, se vissem a sincera

angustia d'aquelle rosto venerando.

--Venha cá--me disse elle--que eu não tenho vergonha de chorar;

Choram-se na decrepitude os risos da mocidade. Entra-se no tumulo a

chorar como se entra na vida.

Vi-me embaraçado em responder-lhe. Eu não tinha aprendido estas palavras

artificiosas, com que fingimos um quinhão de sentimento impostor. Então

senti e chorei. Hoje... eu sei cá! faria uma nenia em prosa de muita

melodia, e citara-lhe não sei quantos velhos, que a historia diz que

choraram desde Belisario até ao abbade de Chateneuf.

--Sente-se aqui ao pé d'esta reliquia--proseguiu o consternado

ancião.--Devo-lhe um lavor muito delicado: nunca o senhor me perguntou o

segredo d'este craneo. Eu gosto de quem respeita a dôr alheia. Quero

pagar-lhe essa fineza invocando do tumulo do meu coração o mysterio, que

aqui está sepultado ha sessenta annos. Se eu me calar, no correr da

minha historia, respeite o meu silencio... É que não poderei... Talvez

possa... O coração... dizem que manda aos labios muito do seu fel,

quando os labios lhe pedem as amarguradas reminiscencias d'uma grande

desgraça... Será assim? Eu não sei... vel-o-hemos.

Ora attenda-me, meu amigo. A innocencia deve alegrar-se com a historia,

onde figura um anjo. Hei-de fallar-lhe de Lucifer tambem... Seja o anjo

para o recreio; e o Lucifer para a experiencia... Um velho é um livro.

Eu vou abrir-me... quero dar-lhe a leitura de minha alma, hoje, que,

ámanhã, talvez a pedra rasa d'uma sepultura nem ao menos lhe diga que eu

durmo alli o suspirado somno do infeliz...

II.

D. João de Noronha, sentado de modo que encostava o cotovello á mesa da

redoma, principiou a historia do seu segredo, em tom de profunda

commoção:

«Tinha eu vinte annos... ha que tempo isto vai!... ha sessenta e oito

annos que eu estudava latim no convento de S. Francisco. Era minha

tenção ordenar-me. Meu pai grangeara-me uma fortuna, que me estimulou

ambições de subir na posição social. Quiz ser padre, e era-o, se

nascesse na igreja lutherana, onde o padre não soffre a cruelissima

amputação da vida da alma, em commercio com o mundo.

Quando encontrei uma mulher, que me imprimiu nos sonhos a sua imagem,

perdi o imperio da vontade, e as fervorosas vocações do sacerdocio.

Adorei uma d'essas bellas mulheres, que trazem comsigo uma sina de

desgraças, um contagio de desastres, e a perpetuidade d'uma chaga,

aberta no coração com um ferro em brasa.

Esta mulher, por quem me fizera nobre, por quem me sentira ambicioso

d'um fausto, que a sociedade me ultrajou com justos motivos, por quem,

finalmente, me fizera estupido... atraiçoou-me.

No meu tempo o amor era uma corôa de espinhos. Então apaixonava-se um

homem, e sentia-se perdido para a sua liberdade, e escravo de uma

angustia interminavel. Eu, por mim, senti-me ultrajado por uma traição

incrivel, e não pude, ainda assim, estalar as algemas ignobeis que me

prendiam á deshonra d'um abandono injustificavel.

Ajoelhei aos pés de Martha. Pedi-lhe a pouca ventura que me roubára

cruelmente... pedi-lhe a dignidade do homem que por ella se

despresára... encontrei-a morta para mim, e vencida por uma paixão, que

devia matal-a! Tive então dó d'aquella flôr, que se desfolhava na

madrugada da sua primavera? O meu amor era grande e generoso! Pedi-lhe

que fosse minha irmã, minha amiga... Nem isso!... nem se quer me aceitou

um conselho de pai na hora em que mais precisa lhe fosse uma protecção

que a salvasse da deshonra, a que se tinha cegamente abandonado.

Eu valia menos que Pedro de Mesquita.

Este homem era official de cavallaria. Nascêra illustre; conquistara-se

uma opinião de heroe; batera-se ardidamente como um leão nas ultimas

batalhas. Era aqui apontado em Villa Real; como o primeiro homem nos

triumphos difficeis do amor.

E não o lisongeavam! O homem, que obrigára Martha a despresar-me, devia

ser tudo isso.

Era muito linda esta mulher! Diziam-no as emulações, os odios, e as

intrigas, que a sua formosura causára entre pretendentes, que não

queriam ceder a prioridade do merito a nenhum.

Um dos mais poderosos era Heitor Corrêa, cadete de cavallaria e filho

segundo de uma nobre casa d'esta villa, que não tenho necessidade de

mencionar-lhe.

Não obstante Heitor Corrêa era repellido, porque Pedro de Mesquita não

tinha concessões a esperar para ser mais amado que outro qualquer.

Martha arrancára, como Luzia, os bellos olhos, se assim podesse afastar

de si os perseguidores que a tornavam suspeita ao homem que tão caro

devia ser-lhe. E era.

Estes dous homens odiavam-se rancorosamente, e procuravam á porfia um

ensejo em que podessem travar as espadas. Corrêa confiava demasiado em

si. Mesquita sobejava-lhe a certeza de superar o debil adversario.

O momento ambicionado chegou.

Era quinta feira santa.

Martha assistia ao officio da paixão na igreja de S. Francisco.

Heitor Corrêa antecipára-se a occupar o mais proximo, lugar de Martha.

Pedro de Mesquita viera depois, e mordera colericamente o beiço

inferior. Martha tremeu e chorou. Quiz sahir; não a deixaram as

multidões espessas. Heitor Corrêa comprehendeu-a, e indignou-se. Era

muito despreso para a altivez do seu caracter.

Terminára o officio. O povo evacuou o templo. Martha sumiu-se nas

turbas. Dous homens apenas, como duas estatuas, se fixavam sós, e

immoveis, na nave da igreja.

Sahiram, simultaneamente. Encontraram-se no adro. Trocaram poucas e

rapidas palavras, e desembainharam os fains.

Pedro de Mesquita ostentava no rosto a superioridade de mestre. Heitor

chammejava a colera, a vingança, o capricho, e por ventura o desejo de

matar, ou morrer.

Esta scena passava-se na presença de mil pessoas. As beatas benziam-se

horrorisadas; e os mancebos estorciam-se no frenesi de espedaçarem o

forasteiro Mesquita, cuja superioridade sobre o seu patricio era

indubitavel, e perigosa.

Perigosa, não; porque o valente era generoso. Heitor não tinha já um

botão na farda, quando Pedro de Mesquita, despresando demasiadamente a

defesa, se sentiu ferido ligeiramente no braço esquerdo.

A scena tornou-se cruel! O orgulhoso não podia conciliar com aquelle

sangue a sua generosidade. Heitor foi mortalmente ferido, e cahiu

banhado em sangue. Alguem correu sobre Mesquita, gritando contra o

assassino. Mesquita esperou com bravura! Não houve mão que lhe tocasse.

III.

Heitor Corrêa, reanimado pelos alentos da desesperação, ergueu-se, e

esgrimiu ainda o florete com braço impotente. Mesquita, ferido n'um

braço, afastou-lhe os botes, com admiravel presença de espirito.

O duello em Villa Real era uma cousa nova. O facto, em um dia tal,

redobrava de escandalo. Não se atravessavam as multidões espessas, que

reprovavam ruidosamente um tamanho desacato. A causa do seu espanto não

era a moral ultrajada, nem a perda voluntaria da vida. Dava-se como

razão suprema de tal algazarra estar exposto o Santissimo Sacramento,

quando dous homens se cortavam a ferro frio.

As authoridades, conscias do acontecimento, deram ordens immediatas de

captura. Estas ordens não podiam ser cumpridas por meirinhos; e não

houve desgraçadamente authoridade militar que capturasse os duelistas.

Heitor Corrêa, exhausto de forças, perdidas no sangue, que os recursos

da cirurgia não estancára, desmaiou, e deu symptomas de morto. O alferes

de cavallaria, ligeiramente ferido no braço, curava-se n'uma botica,

affectando um ar de placidez que indignava as turbas, tumultuosas na

rua. D'entre ellas sahiam gritos terriveis de «morra!» Os que assim

gritavam diziam que estava exposto o Santissimo Sacramento; e, por

tanto, não podiam deixar de matar o impio que desacatára, em quinta

feira santa, a solemnidade da paixão de Christo. Como elles saciavam a

sede de sangue com o fervor beatifico das suas crenças, explicam-no

milhares de factos semelhantes que acompanham sempre a edificante

historia dos muito austeros authores da integridade religiosa, tanto em

Roma, como em Constantinopla.

Fernando Corrêa, irmão de Heitor, estava á janella quando viu entrar seu

irmão nos braços de dous soldados. Desceu ao atrio, e interrogou o

facto. Contaram-lhe, com as mais irritantes circumstancias, o

acontecimento.

Fernando, sem attender a supplicas da familia, e de amigos prudentes,

sahiu de casa, tal qual estava, embrulhado n'um capote. Mas, debaixo

d'este capote, levava um bacamarte.

Quando chegou á entrada da \_rua do Jogo da Bolla\_, viu um grupo de povo,

que parecia vedar a sahida d'uma botica. Lá dentro estava Pedro de

Mesquita, a quem faltára a coragem para affrontar a força bruta da

populaça.

Em frente d'essa botica morava a infeliz Martha, a attribulada amante

d'aquelle homem, que alli estava ameaçado das iras da plebe, tigre

desenfreado da licença, n'aquelles dias de escravidão, logo que um acaso

lhe alargasse um pouco as algemas.

Fernando Corrêa abriu uma clareira entre a multidão. Descobriram-se

todos, exclamando: «Chega o fidalgo! deixem passar o fidalgo.»

E o fidalgo entrou, perguntando quem era o assassino de seu irmão.

--Assassino... não!...--respondeu o alferes.--Fui eu quem o feri, e

honro-me de ser ferido pelo cavalheiro com quem me bati.

Fernando Corrêa, estupido como fatalmente são os que podem contar muitos

avós robustos de musculos, e nenhum de vigor intellectual, não

comprehendeu a delicadesa d'aquella resposta. O que elle praticou é um

acto de barbaridade, que envergonha a especie humana. Recuou um passo

atraz, aperrou o bacamarte, e despejou-lh'o, á queima roupa, no peito.

Foi horrivel, senhor! Foi esse um lance, que eu tenho aqui diante de

meus olhos, noite e dia, porque n'esse instante ouvi um grito de

arripiar as carnes. Era Martha que cahira, com a face na lage da

janella, fulminada pela angustia mais atroz, e mais inconcebivel dos

tormentos possiveis n'esta vida.

Voltaram-se todos para aquella janella, e viram-me... a mim, que subira,

alentado pela coragem da minha dôr, as escadas d'aquella casa, e

levantára da janella a pobre menina que julguei morta. Olhei em redor de

mim... não vi ninguem, excepto uma creada que chorava, perplexa, sem

atinar com o que devia fazer. A familia, a essa hora, na igreja da

\_Misericordia\_, orava, talvez, á Virgem protectora das virgens...

Fernando, consummado o assassinio, sahiu galhardamente por entre as

turbas que saudavam o nobre algoz. A paralysia do terror gelára os

poucos que lhe reprovavam a infamia. Ninguem ousou, sequer, lembrar-lhe

que aquelle sangue lhe tingia os pergaminhos!

O nobre amante de Martha foi conduzido ao quartel. O seu ultimo lance

d'olhos n'esta vida, viram-no todos fixar-se na janella da infeliz.

Depois... fechou-os, e fechou-os para sempre.

Passada uma hora, Fernando Corrêa, montado n'uma possante mula, e

seguido d'um creado, e dous bacamartes, passava em \_Almodena\_, caminho

de Lisboa. E, para que esta circumstancia me não esqueça, dir-lhe-hei

que, um mez depois, o assassino, impune pelo privilegio dos seus

pergaminhos, entrava em Villa Real, com um alvará de real mercê que o

isentava de responder pela morte de Pedro de Mesquita.

O povo, desde esse dia, vergava respeitosamente a cabeça ao fidalgo, que

passava soberbo por entre aquelles que lhe liam na face a altivez do

assassino, que zombára da lei.

Heitor Corrêa... esse foi enterrado no mesmo dia em que os sinos

dobraram por alma de Pedro de Mesquita.

IV.

É necessario fallarmos de Martha... É a luz unica d'este quadro negro...

Nem a historia valia a pena de ser ouvida, se não tivesse um heroismo de

virtude para a admiração, e uma santa para o culto das almas nobres, e

apaixonadas pelo sublime do martyrio.

Por ventura, póde o senhor comprehender a situação d'um homem, que tem

desmaiada nos braços aquella por quem fôra atraiçoado...? Não é bastante

comprehender isto: é necessario compenetrar-se mais da minha situação...

Martha illudira-me... ou illudira-se; Martha despresara-me com cynismo

indigno da sua idade; Martha escarnecera as loucuras que me sacrificaram

a ella; Martha desmaiara, adivinhando a morte do meu rival...

Comprehende por ventura agora o tormento indefinivel da minha

situação?... Não comprehende, porque se eu lhe disser que n'aquelle

trance original o meu sentimento era a piedade... se eu lhe disser que

dera a minha vida pela do rival assassinado, com tanto que Martha não

fosse assim desgraçada... o senhor, por certo, não concebe este

phenomeno, este sacrificio... esta monstruosidade de resignação... Quem

sabe!... a sociedade capitular-me-hia de imbecil, e o meu amigo, por

muito favor, concedera-me a celebridade dos tolos inoffensivos, não é

assim?»

Não lhe respondi; mas aqui me puno, confessando que D. João me

adivinhára. Córei, de certo, quando fui surprehendido no segredo dos

meus juizos. Nada menos lisongeiro que o meu silencio para o pobre

velho! Era de certo um pungente assentimento á sua conjectura! A dôr é

generosa, e cala as affrontas. Reconheço hoje que ultrajei aquelle

grande sacrificio, que comprehendo agora. Se não receasse mesclar com a

gravidade melancolica d'esta narrativa um anexim popular e graciosamente

philosophico, diria que o diabo não quiz nada com rapazes, e D. João de

Noronha, de certo, não era mais privilegiado que Lucifer para tirar de

mim melhor partido.

D. João proseguiu:

«A familia de Martha veio encontrar-me, com ella nos braços. A mãi, que

prophetisára, em seus virtuosos presentimentos, a desgraça da filha,

apertou-a contra o seio, cobriu-a de lagrimas, e acordou-a d'aquelle

lethargo, com afflictivos gemidos.

Martha abriu os olhos; mas nunca mais descerrou os labios. Esperavamos

anciosos que a sua angustia respirasse pelas lagrimas. Não chorou uma

só. Em quanto os sinos dobravam a finados pela alma dos dous amantes,

Martha estremecia, mas não posso dizer-lhe como era aquelle tremor... A

corda d'um instrumento ferida, e deixada ao impulso da vibração

estremece assim.

No fim de tres dias extinguiu-se o soffrimento, por que a vimos pender

serenamente a cabeça nos braços de sua mãi. Felicitamos-nos pelo repouso

da infeliz. Imaginamos que ella devia acordar mais tranquilla, ou, pelo

menos, mais desabafada d'aquella agonia que lhe suffocava não só os

gemidos, mas até a respiração. Esperamos... mas quem não esperava era o

medico, que, ao retirar-se, deixou dito que não era Christo para

restituir a filha á viuva de Nahim.

Estava morta, por tanto... e morta sem balbuciar uma palavra! Como se

morre assim? Dizem que a morte é a aniquilação da materia... mas aquelle

anjo morreu dentro em si, antes que os symptomas da destruição nos

revelassem o rapido dilacerar d'aquella morte! Quem dirá que aquella

mulher soffreu no corpo? Ninguem! A alma, só a alma, este ser immortal

que foge do mundo, onde a vida do amor lhe falta; a alma, reconcentrada

no seu mysterio de dôres inconcebiveis, reluctando por estalar as

algemas que a prendem ao cavallete do corpo... a alma, e só a alma, meu

amigo, consummou aquelle trance de incomportavel inferno, e passou ao

mundo da penitencia ou da gloria...

Agora principia a minha scena n'esta tragedia... É só minha, e só eu a

comprehendo... mas hei-de contar-lh'a. Acompanhei á igreja de S.

Francisco o cadaver de Martha. Fui o ultimo que se retirou de ao pé da

sepultura; e fui o primeiro que todos os dias, em tres annos

successivos, lhe ajoelhou na pedra que eu não queria fosse a nossa

eterna separação.

Empreguei os meios para obrigar o coveiro a não tocar n'aquella

sepultura durante tres annos.

Findo este praso, venci com dinheiro a repugnancia do coveiro, e a pedra

que cobria os ossos de Martha foi levantada.

Era meia noite, e perpassavam em redor de mim as larvas do terror,

agitadas pelo lampejar tremulo das lampadas, suspensas no altar do

Santissimo Sacramento.

O coveiro, afeito a lidar com os mortos, tremia, e largava machinalmente

a enxada com que afastava as camadas da terra.

Não posso dizer-lhe até que ponto fui enganado pelas larvas que a

desvairada phantasia, ou a mysteriosa realidade revocou em volta de

mim... Estou quasi jurando-lhe que a vi... a ella... como nos dias da

sua esplendida formosura illuminada pelo resplendor da sua innocencia,

purpureada do pejo com que a candura se rende ao imperio dos

instinctos... Era ella, quando, nos primeiros tempos da nossa infancia,

me offerecia de seu coração a parte que não podia dar a sua mãi, e a

seus irmãos... Era ella, quando me perguntava o segredo d'aquella

attracção irresistivel, que a arrastava para mim, que a entristecia sem

motivo, que a fazia ambicionar uma riqueza imaginaria, que a fazia

sonhar umas delicias que sua mãi lhe não explicava nem realisava com os

seus carinhos... Foi assim que eu a vi, em quanto o ecco da enxada, que

feria o seio da sepultura, reboava nas naves da igreja... Gelava-se-me

de terror o pensamento... a phantasia esfriava-se ao roçar pela mortalha

d'aquelles ossos, e eu sentia-me morto em metade da vida, quando a terra

sacudida da enxada me vinha cahir aos pés.

E depois... as larvas, que a razão não podia espavorir, tornavam a

cingir-se com os pilares da nave, a pendurar-se nas grades do côro, a

tremularem por entre os cortinados dos altares, e a esvoaçarem na

abobada do templo como nuvens escuras, espedaçadas pela tempestade.

Erguera-se do tumulo para ajoelhar, a meus pés... tinha a face lacerada

pelos vermes. E era bella ainda... Devo ser sincero, meu amigo... É

impossivel que a imaginação me mentisse... Ouvi-lhe a sua voz... senti o

frio das suas mãos... ergui-a de meus pés... perdoei-lhe... chorei com

ella...

A voz d'um homem chamou a minha alma á realidade acerba d'aquella scena,

que se me figurava um sacrilegio, uma profanação.

Era o coveiro, que me dizia: «a enxada já topou com os ossos.»

Esta nova, communicada friamente pelo coveiro, alvoroçou-me, e coou-me

nas veias não sei que terror semelhante ao do sacrilego, que não tem

ainda bastante barbarisada a alma pelo crime, e vacilla, horrorisado de

si proprio, quando atira ao pavimento do altar as hostias contidas no

calix, que rouba.

Aquelles ossos, aquelle meu thesouro, ambicionado ha tres annos, tinham

agora para mim uma superstição, um cunho sagrado, que me fazia na alma

não sei que pesar semelhante ao remorso.

Cheguei ainda a proferir a primeira palavra do coração, que se

arrependera. Quiz deixar intactas aquellas cinzas. Luctei comigo para

vencer um excesso de medo, um abuso, talvez, da imaginação. Não pude;

mas não pude tambem retirar-me sem uma reliquia, um ser sem alma, uma

recordação para as lagrimas, e uma gloria só minha n'este mundo... a

gloria de possuir na morte uma companhia que tivesse sido incentivo de

lagrimas, já que não pude conseguir como companheira na vida essa

preciosa existencia, que me espera ha sessenta e seis annos na

eternidade.

Eis-aqui a reliquia, a testemunha immovel, terrivel, e silenciosa dos

longos soffrimentos d'um homem, que atravessou uma longa existencia, sem

conciliar com os prazeres do mundo a eterna viuvez da sua alma!

Eis-aqui a caveira de Martha que eu revisto a cada instante das feições

com que a vi partir d'este mundo. Ha alli n'aquellas orbitas uns olhos

que me vêem... olhos mais penetrantes que os da vida, porque, nos sonhos

angustiosos d'esta paixão desastrada, eu vejo sempre esta caveira,

animada umas vezes do gracioso riso da innocencia, outras vezes das

contorsões freneticas da desesperação... Ha alli n'aquelles ossos, onde

os labios articulavam hymnos dos anjos, uns labios que, a cada instante,

me balbuciam um perdão... E tenho momentos de inferno nas minhas

dolorosas contemplações, aqui diante d'esta redoma... Ás vezes juraria

que essa caveira estremece em convulsões rancorosas contra mim,

balbuciando o nome do homem, que a levou comsigo á sepultura!...

Então... sinto-me demente, porque tenho ciumes do nada... ciumes d'estas

cinzas esquecidas no mundo... ciumes da memoria d'outras cinzas, que, ha

tres quartos de seculo, esperam o dia final... É lamentavel a situação

d'este pobre velho, que não pôde roubar-se a uma agonia, das que o mundo

reputa chimeras, não é assim?

Deixe-me agora dizer-lhe o meu segredo, que esse ainda eu lh'o não

disse, nem lh'o diria, se lhe não acreditasse umas lagrimas que lhe vejo

nos olhos.

Eu creio em Deus, como creio na vida. Creio na vida como creio na dôr. O

que eu não creio é na morte. A morte é uma palavra convencional, com que

os homens explicam a passagem de sobre a terra para o seio d'uma nova

existencia. A immortalidade é uma idêa abstracta de tudo que é

comprehensivel aos homens. O homem não explica a immortalidade, em

quanto não sobe um grau na escala dos seres intelligentes. Veja se me

comprehende... Ha uma escala de seres que principia na materia bruta, e

termina nos espiritos. As funcções do espirito, sem fórmas corporeas,

pertencem á creatura, superior ao homem. Ora, o homem não explica essas

funcções, que devem ser a sua futura existencia, pela mesma razão que o

animal, inferior ao homem, não comprehende as funcções do pensamento

aperfeiçoadas, mas não perfeitas, no homem. Todos os seres, por tanto,

vão subindo na escala da intelligencia. Todos se transfiguram de fórma

em fórma até deixarem na terra o involucro da materia, e vagarem nos

espaços incognitos como vagam os espiritos. É lá em cima, nas

proximidades do grande mysterio, ao clarão da eterna luz, que se lê o

livro de Deus. É nas regiões, que a minha alma adivinha, que eu devo

sentir pelo orgão espiritual em que recebi a interminavel impressão de

agonia, que foi na terra a minha lenta peregrinação. O amor ardente e

sublime não é um attributo do espirito? Aquelle que muito ama, e muito

devorado morre de paixões grandes e ideaes, não é um propheta da vida

futura, uma preexistencia do futuro amor? A não ser o amor, qual será a

existencia do espirito?

Conheço que o fatiguei... Pois, em verdade, lhe digo que quiz elevar o

seu espirito á altura das minhas grandes doutrinas, do meu querido

segredo. Quiz convencel-o, não digo bem, quiz enthusiasmal-o por essa

eternidade em que ahi se falla, despida de affectos, de poesia, de

esperanças, e... deixe-me dizer-lhe... indigna de Deus e dos homens...

Meu amigo, ha na minha vida um oasis. Tenho exaltações de jubilo, aqui,

n'este quarto, onde conto, ha perto de setenta annos, os minutos da

minha existencia. Este goso é a minha convicção na immortalidade... É a

minha esperança, confirmada pela meditação e pela sciencia, de que

hei-de encontrar essa alma, que tem vindo aqui revelar-me os segredos do

céo...

Basta... Seja digno da minha confidencia... Não diga ás turbas de Villa

Real os segredos de D. João de Noronha. Aqui escarnecem-se os que

soffrem, logo que não soffrem pelas más colheitas do vinho, ou pela

barateza dos cereaes. Não falle a linguagem dos espiritos, onde a

materia organisada dispõe do machinismo da bocca para lhe dar uma

gargalhada em resposta.»

D. João de Noronha despediu-me.

Desde esse dia foram mais da alma e da intelligencia as nossas

communicações. Aprendi com elle a sciencia do espiritualismo. Se depois

me materialisei, é porque a faisca d'aquelle genio não me tinha abrasado

mais que a superficie da materia. O espirito tem a força dos

imponderaveis. A força da materia póde muito bem calcular-se pela força

dos vapores... \_tantos cavallos\_.

Pergunta-me uma senhora de critica muito fina:

--Como se explica o casamento de D. João de Noronha aos 86 annos de

idade, com uma donzella sua contemporanea?!

--De uma maneira muito simples. As nupcias de D. João não podem

considerar-se physicas nem moraes. «Absurdo!--replica a espirituosa

dama.» Está enganada, minha senhora. D. João tinha uma pequena fortuna,

e queria deixal-a a uma creada, que o servira desveladamente toda a sua

vida. D. João encarava philosophicamente as formulas sacramentaes do

casamento. Achava-o utilissimo como carimbo de contracto civil. Casou-se

para recompensar uma creada que lhe consolou muitas lagrimas, e lhe

enxugou nas faces mortas as ultimas que elle chorou. Era digna do

sacrificio. Poucos dias supportou a viuvez.

--E a caveira?--perguntou ainda a amavel syndica dos meus romances.

--A caveira deve estar confundida nos ossos de D. João de Noronha. A

viuva cumpriu religiosamente as suas ordens: envolveu-a na mesma

mortalha.

UMA PRAGA ROGADA NAS ESCADAS DA FORCA.

UMA PRAGA ROGADA NAS ESCADAS DA FORCA.

Este romance não devera chamar-se «romance.» Desde que esta palavra é o

atilho onde se enfeixam as mentirosas invenções do escriptor

phantastico, não ha historia verdadeira que possa, como tal,

recommendar-se com aquelle titulo.

Estes acontecimentos, expostos aqui, segundo o formulario romantico, e

affeiçoados ás leis do estilo romantico, são verdades que não deram

brado, nem se gravaram na memoria da geração que as viu e as não

comprehendeu.

Na vida moral da sociedade ha phenomenos cuja causa ninguem estuda. No

drama da familia ha lances que são do dominio do publico, e o publico

não póde, ainda que o tente, explical-os. Nas attribuições

individualissimas do homem ha phases extraordinarias de soffrimento, que

esta sociedade de entranhas crueis lhe recrimina, reputando-lh'as

effeitos necessarios das causas, consequencias do crime voluntario.

A sociedade, a familia e o homem expiam incessantemente a culpa do

homem, da familia, e da sociedade. Opera-se uma continua redempção do

genero humano. O homem é, desde o seu principio, a victima da culpa com

o labio collocado no calix da agonia.

A vida sobre a terra é uma interminavel expiação. Eu pago pelos crimes

de meu pai, meus filhos expiarão meus crimes, e o ultimo ser vivo da

animalidade intelligente será o holocausto do primeiro homem criminoso.

É forçoso recorrer ao inconcebivel, ao sobre-natural, ao mysticismo da

providencia occulta para comprehender o que vulgarmente se diz

«fatalidade.»

Na historia, que vai ser lida, é tão sensivel esta necessidade, tão

aterrado se sente o espirito diante d'um facto consummado, que eu não

tive escrupulo religioso ou philosophico em subordinar um encadeamento

de infortunios d'uma familia á \_praga rogada nas escadas da forca\_.

I.

Bernardo da Silva era um filho bastardo de um nobre de Vizeu. Do ventre

materno passou á roda dos expostos, e d'ahi aos cuidados d'uma pobre

mulher d'aldêa.

Aos dez annos não conhecia pai; e sua mãi, mulher do povo, arrastada

sobre a lama da plebe toda a sua vida, morrera com o segredo do \_nobre\_,

que se dignára descer até ella para honral-a com deshonra.

Bernardo, aos dez annos, era aprendiz de alfaiate, e de todos os seus

companheiros era elle o mais despresado, porque tambem era o mais

preguiçoso.

O rapaz vivia triste como se a idade lhe permittisse comprehender a dôr

immensa d'um grande desastre. Lá dentro n'aquelle coração infantil

fallava uma prophecia funebre. Com os olhos sempre extaticos no

horisonte negro do seu futuro, o pobre moço não tinha uma hora livre

para o trabalho. Muitas vezes uma bofetada acordava-o d'aquelle

lethargo; e o braço, que estava suspenso com a agulha, continuava a

tarefa molhada de lagrimas.

Aos 13 annos era ainda um aprendiz de alfaiate, repellido d'este para

aquelle mestre, desacreditado em todos, e inutilmente espancado por

todos. Chamavam-no incorrigivel, e elle mesmo conheceu que o era.

Abandonou a agulha, e foi servir em casa de Francisco de Lucena. Era

ahi, como em toda a parte, coconhecido pelo «Bernardo \_Engeitado\_.»

Nunca ninguem se lembrou de reputal-o filho \_d'alguem\_: nem Lucena se

lembrou, alguma vez, de que um de seus muitos filhos, atirados á roda,

poderia ser seu lacaio.

Bernardo era creado de taboa.

II.

Este officio era-lhe mais generoso que o de alfaiate. Tinha muitas horas

livres para a sua melancolia, e muitos escondrijos no amplo palacio de

seu amo para refugiar-se d'uma sociedade que elle detestava sem saber

porque.

Este viver excepcional n'aquella classe galhofeira, esturdia, e

estragada, excitou a curiosidade dos seus companheiros, e, depois, a dos

amos. Aquelles chasqueavam-nos com desabrimento: estes admiravam-no por

compaixão.

Bernardo chorava sem motivo. Sorria-se com violencia. Era humilde com um

não sei que de estranha delicadesa. Destacava-se da sua classe com um ar

orgulhoso, mas não calculado. Cumpria as suas muitas obrigações, e

ninguem sabia quando as cumpria. Estas qualidades, rarissimas vezes

encontradas n'um lacaio, tornavam-no assumpto de estudo para os amos que

principiavam a interessar-se na analyse d'aquelle obscuro engeitado.

Guardadas as inauferiveis distancias que separam o senhor do servo, os

fidalgos souberam que Bernardo desejava muito saber lêr, e gastava a

maior parte da noite soletrando o abecedario, e decorando as lições que

o mordomo da casa lhe dava nas horas de desenfado.

Qualquer que fosse o impulso que a isso o levou, é certo que o amo, por

um nobre impulso, permittiu que o rapaz fosse a uma escóla, e para isso

alliviou-o dos encargos de moço de taboa, e levou-o á jerarchia de

escudeiro do menino mais velho.

III.

Um anno depois, Bernardo fizera admiraveis progressos. Lia com

intelligencia do que lia; escrevia com acerto, e aprêndera só comsigo a

grammatica portugueza, visto que seus amos lhe não tinham permittido

esta segunda parte dos seus estudos. Seria um caprichoso luxo permittir

ao servo sciencia que os amos não tinham! O muito illustre Francisco de

Lucena não daria o menor dos seus galgos pela vasta sciencia do Lobato.

E, talvez, tivesse razão.

Em casa de fidalgos d'esta bitóla, quando um creado adquire a confiança

dos amos, ha sempre para isso uma de duas razões. Ou o creado, devasso

como elles, encobre astuciosamente as devassidões dos amos; ou se torna

estimavel pelo zelo honroso com que procura encobrir-lh'as, já que não

póde reprehender-lh'as.

Bernardo estava na segunda razão. Os filhos de Lucena eram livres e

desmoralisados a não poder ser mais. Quizeram captar a benevolencia do

servo, não para aconselhal-os, que não desciam elles a isso, mas para

acompanhal-os em emprezas difficeis, d'aquellas em que o braço do plebeu

é muitas vezes a salvação das costas do fidalgo.

Não o conseguiram nunca; mas tambem não tiveram de arrepender-se da

confiança d'esse convite. Bernardo exercia uma influencia admiravel

sobre os nobres libertinos. Era a superioridade da intelligencia.

Ouviam-no, e maravilhavam-se do acerto das suas idêas, e da linguagem

escolhida com que o engeitado se sahia! O facto de ser engeitado era em

Bernardo, talvez, um motivo de superstição n'aquella casa. Se elle fosse

reconhecido filho d'algum \_borra-botas\_, como em linguagem nobliarchica

se chama um plebeu, de certo lhe não dariam a importancia de o

considerarem pela intelligencia. Mas o mysterio, a possibilidade de ser

vergontea infeliz d'um tronco illustre, cingiam-lhe a fronte d'uma

aureola entre nuvens, que poderia talvez, mais tarde, dissipar-se, e

deixar na plenitude da sua luz aquelle fructo do amor criminoso d'alguma

raça nobilissima, mais ou menos aparentada com os Lucenas!

Tudo isto era possivel; mas o que elles julgariam, entretanto,

impossivel, é o que vai lêr-se.

IV.

A familia que Bernardo servia compunha-se de pai, mãi, tres filhos, e

uma filha, de todos os irmãos a mais nova. Por então contava quinze

annos. Era bonita, mas pobre. Os morgados não a pediam; os filhos

segundos tambem não; e a sensivel menina precisava amar, porque o seu

coração era da tempera d'aquelles que não sabem conceber sómente o amor

com a condicional do casamento.

Eulalia não tinha a mais superficial tintura de instrucção, e por isso

não podemos, em boa fé, chamar-lhe romantica. Não era janelleira, nem

rapinhava da papeleira dos irmãos o perfumado papel setim para deposito

de semsaborias amorosas, e por isso não podemos chamar-lhe douda.

Era uma mulher, e n'isto está dito tudo.

Este Bernardo é que realmente se parecia muito com os nossos poetas de

aspirações ferventes e meditações profundas. Mas não era impostor, nem

romanticamente parvo. O rapaz tinha uma alma como poucas, e uma tristesa

inconsolavel como nenhuma. «A minha organisação--dizia elle--é um

aborto, uma enfermidade incuravel.»

Eulalia sympathisava com aquella tristesa, e com a figura do rapaz.

Achava-lhe traços de semelhança com seus irmãos, e via n'elle o que ella

chamava «cara de pessoa de bem.» E, com quanto eu deteste esta maneira

de classificar as caras, porque não conheço as «caras de pessoas de mal»

tenho-me visto em circumstancias forçadas de dizer o mesmo, porque ha

n'este val de lagrimas umas caras que não exprimem bem nem mal, e essas

são as peiores caras.

Bernardo não se lembrou nunca de fazer sentir á cozinheira da casa, e

menos se lembraria de accender o fogo do amor no illustre coração d'uma

Lucena, com quem em toda a sua vida fallára tres vezes.

Eulalia passou da dôce sympathia ao amor abrasado, e do amor abrasado á

paixão violenta. Por mais finos e eloquentes olhares que a fogosa menina

lançou ao escudeiro, o escudeiro ou não dava por elles, ou explicava-os

de qualquer modo, com tanto que não ousasse ensoberbecer-se d'aquelle

affecto disparatado. E Eulalia desesperava-se!

V.

Francisco de Lucena espreitava a opportunidade de empurrar a filha para

fóra de casa. Aspirou, primeiro, aos morgados; mas encontrou-os pouco

apreciadores de formosura e fidalguia. Recorreu, depois, aos burguezes

ricos, e encontrou um negociante d'alto bôrdo, que recebeu a proposta

com affabilidade e trabalhou desde logo em levar a fim um casamento que

permittia aos filhos de seu filho appellidarem-se Lucenas.

O pai annunciou á filha o seu rico futuro, e encontrou-a fria.

Apresentou-lhe o noivo, e viu-a enjoada. O noivo, porém, era um rapaz de

fina educação, d'alguma intelligencia, de brios que o ouro lhe

estimulava, e de orgulho superior á sua classe, porque, ha 50 annos, a

classe commercial era muito humilde, supposto já trabalhasse para esta

época de barões commerciaes, que, digam lá o que disserem, é o mais

palpitante triumpho da democracia. Para me não metter em graves questões

sociaes, entenda-se que D. Eulalia repelliu a felicidade que seu pai lhe

annunciára com tanto jubilo, e declarou-se sentimental, por tempo de

quinze dias, fechada no seu quarto, sem querer vêr sol nem lua.

Mas o pai apoquentava-a, sempre que podia, pintando-lhe a mesquinhez do

seu futuro, e a pobresa de sua legitima, que orçaria talvez por tres mil

cruzados. E era isto verdade.

VI.

E o peor era que o tal João Leite, noivo repellido, ficou amando

desesperadamente D. Eulalia. Ferido no seu amor proprio, e envergonhado

de tão má estreia, instava com Francisco de Lucena, lançando-lhe em

rosto a imprudencia com que viera roubal-o á sua tranquilidade, não

podendo contar com a obediencia de sua filha. Esta maneira de accusar

vexava Francisco de Lucena, porque era pôr em duvida o seu poder

paternal, e chamar-lhe fraco, imputação que elle odiava ainda mesmo que

se tratasse de vencer a repugnancia de uma fraca menina.

Redobravam as mortificações, e Eulalia, immovel como o seu infeliz amor,

offerecia-se de bom grado á vingança paternal, mas dizia, em linguagem

tragica, que só reduzida a cadaver passaria para a posse do tal

miseravel, que não tinha vergonha de perseguir uma mulher que o

despresava. O pai realisou o dito popular: «casar, ou metter freira.»

Eulalia optou pelo segundo, e os preparativos para entrar no convento

principiaram.

O amor faz a mulher varonil. Temos visto almas de lama apresentarem uma

energia corajosa, quando o tonico do amor lhes vibra as cordas

embrionarias d'um coração, que parece arfar de improviso ao repentino

choque, ao rapto da paixão violenta.

Nas vesperas da sua entrada no mosteiro, Eulalia escreveu tres cartas.

Uma a seu pai. Dizia-lhe que amára um só homem e viveria d'esse amor

desgraçado toda a sua vida.

Outra ao escudeiro. Dizia-lhe que tivesse compaixão d'ella, e chorasse

uma lagrima em troca das que ella chorára, e choraria até á morte.

Outra ao seu implacavel pretendente. Dizia-lhe que o amaldiçoava com

todo o odio do seu coração. Que lhe atirára á cara com um \_não\_, e nem

assim o envergonhára de continuar a perseguir uma mulher.

Esta correspondencia conservou-a Eulalia até ao momento em que transpoz

o limiar do convento. O seu primeiro acto foi dar-lhe o destino

competente. Depois, chorou, chorou, e attrahiu em volta de si os

carinhos da communidade que a mortificava com as suas frias consolações.

VII.

Francisco de Lucena recebeu com espanto semelhante carta.

Bernardo da Silva embruteceu-se ao lêr a sua.

João Leite deu quatro murros n'uma mesa, e sentiu-se suspenso no ar por

uma legião de demonios raivosos.

Cada um fez seu papel; mas todos tres reunidos deviam formar um grupo

digno da melhor caricatura inédita!

Francisco de Lucena correu ao locutorio do mosteiro, e fez alli

apparecer imperiosamente a filha.

Quiz forçal-a a declarar o nome do homem que a preoccupára até a fazer

má filha. Não lhe arrancou a menor revelação. Foi por outro caminho para

chegar ao seu fim. Fez-se sentimental; lamentou, como bom pai, as

paixões invenciveis d'uma filha que se présa com extremo carinho; contou

historias análogas, que acabavam todas por casamentos desiguaes, mas nem

por isso menos venturosos. Pediu a sua filha o nome d'esse homem que a

impressionára, e fez-lhe ante-gostar a possibilidade de casar-se, se não

viesse d'alli uma absoluta deshonra para a sua familia.

O amor fez heroes, mas tambem faz patetas. Eulalia desceu da sua altiva

energia ao raso da toleima. Declarou o nome... o nome de quem? o nome,

sem nome, do engeitado, do aprendiz de alfaiate, do lacaio, do

escudeiro!...

Que horror!

Nunca se viu um solavanco mais desamparado que o salto de tigre que

Francisco de Lucena deu contra a grade que o separava da filha! Por

Deus! que a esgana se lhe chega! A pobre menina, arripiada como quem vê

um lobo com as fauces vermelhas, e as unhas recurvas, foge pelo

dormitorio, e fecha-se no quarto.

VIII.

Lucena correu a casa com os olhos injectados de fogo. Precisava d'uma

victima! Encontrou no caminho João Leite, mas este não podia

justificadamente ser sua victima. João Leite mostra-lhe a carta que

recebêra de Eulalia. Isto foi exacerbal-o. «Não se lhe dê de ser

repellido por essa infame,--lhe disse elle--Eu vou provar-lhe que sou

pai!... Essa mulher amava um escudeiro... um lacaio... um

\_engeitado\_...»

Entrando em casa, procurou o «engeitado.» Encontrou-o ainda

estupidamente absorvido na meditação d'aquella carta. A entrada rapida

que fez no quarto não deu tempo a que Bernardo escondesse a carta que

tinha aberta nas mãos tremulas. Lucena arrancou-lh'a com uma convulsão

de raiva superior á furia d'um demente. Passou-a pelos olhos, e, sem

articular um som, lançou mão d'uma cadeira, e, á segunda pancada,

Bernardo tinha a face coberta de sangue. Era um sangue innocente que

reclamava justiça. Era um sangue innocente que pedia a intervenção de

Deus. A justiça, filha legitima do céo, virá mais tarde salpicar

d'aquelle sangue a face de quem o derramava.

Bernardo, ferido, e pisado de successivas pancadas, não pronunciára uma

só palavra durante este infernal martyrio. Impellido por pontapés, foi

lançado fóra da porta do quarto. As forças faltaram-lhe. O sangue corria

a jôrros. Esvaiu-se-lhe a cabeça, e cahiu.

O fidalgo chamou dous creados, e mandou pôr aquelle homem fóra da porta.

Era ao anoitecer. O engeitado foi arremessado á rua. Quando recuperou os

sentidos, achou-se frio. Ergueu-se. Olhou com os olhos da alma para a

sua consciencia, e sentiu pela primeira vez vontade de sorrir da sua

desgraça pelos labios molhados de fel.

E riu-se. Era um sorriso semelhante ao dos anjos. As almas que podem

sorrir assim são as que Deus elege para a santidade da bemaventurança.

IX.

Bernardo procurou um refugio em casa de uma mulher pobre que o tractára

sempre com amor, matando-lhe a fome, quando a aprendizagem de alfaiate

lhe não valia o pão de cada dia. Esta mulher fôra ama da roda no tempo

em que Bernardo lá fôra lançado. Suppunha ella que talvez o tivesse

alimentado ao seu seio por algumas horas, e esta só conjectura

attrahia-a para elle com instincto maternal.

O engeitado curou-se dos leves ferimentos, e pediu a Deus que lhe

inspirasse um destino. Esperou.

Em Vizeu fallava-se muito d'este successo, divulgado por Francisco de

Lucena, e por João Leite.

Bernardo era procurado para ser punido; e quem mais diligencias fazia

para isso era o juiz de fóra Paulo Botelho.

O honrado moço, quando se viu na penosa situação de agenciar a sua vida,

por não poder sahir da pobre casa em que vivia, impellido pela sua

innocencia, procurou o juiz de fóra, e expoz-lhe com a mais eloquente

naturalidade a injustiça com que fôra maltratado e com que estava sendo

perseguido.

Paulo Botelho quiz espancal-o com um chicote por ter tido a audacia de

entrar em sua casa sem ferros aos pés. Olhou em redor de si procurando

um aguazil para fazel-o prender traiçoeiramente; mas o generoso mancebo,

adivinhando-lhe as intenções, disse que não precisava fingir-se; que

elle dava a sua palavra de honra de não retirar da casa em que estava

vivendo, e que mandasse sua senhoria captural-o quando quizesse. O juiz

riu-se da \_palavra d'honra\_ na bocca d'um creado de servir, e mandou-o

embora, por não ter a proposito um meirinho.

Bernardo encontrou ao retirar-se, nas escadas do ministro, João Leite,

que apeava d'uma liteira, segundo o uso dos nobres, comprado pelo ouro

do burguez opulento.

João Leite fixou-o com ar de soberano despreso, e perguntou-lhe:

--És tu o lacaio de Francisco de Lucena?

--Fui o lacaio do snr. Francisco de Lucena--respondeu Bernardo com

dignidade.

--E tens o atrevimento de apparecer entre pessoas de bem?

Bernardo suffocou uma resposta amarga, e fez uma continencia respeitosa

para retirar-se.

--Vem cá, miseravel!--tornou João Leite--tu és o amante da filha do teu

amo?

--Respeitei-a muito, por ser a filha de meu amo, em quanto o servi. Hoje

respeito-a, porque lhe não conheço a menor falta que a deshonre!

--Nem ao menos a deshonra de receber as tuas affeições, lacaio?

--Eu não lh'as offereci nunca, senhor.

--Offereceu-t'as ella, sevandija?

--Não, senhor.

--Mas ella escrevia-te...

--Sem ser criminosa, por isso...

--Então achas que não é crime escrever a um bandalho?

--Será, se v. s.^a o quer...

--Tenho pena de seres um reptil que faz nojo esmagar com a solla da

bota! Se tivesses um nome...

--Tenho um caracter, senhor!

Bernardo respondeu com altivez; João Leite riu-se com despreso, e

olhando-o da cabeça aos pés, replicou:

--Tu sabes que não podes ter caracter, engeitado!?

--Então, terei um braço...

--Um braço!--atalhou o fidalgo em projecto, imprimindo-lhe um valente

pontapé, que o fez descer tres escadas maquinalmente.

Bernardo assumira toda a dignidade do homem de coração ultrajado. João

Leite achou-se comprimido entre os braços do \_sevandija\_ que elle

suppunha fugir ao primeiro pontapé para evitar o segundo.

Quiz desfazer-se, de prompto, d'este empecilho, e não pôde, porque os

pés falsearam-lhe, e as costas bateram-lhe com todo o peso sobre os

degraus de pedra. Tirou rapido de um punhal, e roçou com elle duas vezes

sobre o braço direito de Bernardo, que o desarmou, no acto em que uma

terceira punhalada lhe resvalára no peito. O engeitado sentiu-se ferido:

vacillou um instante na resolução que se debatia entre o homicidio e o

perdão. Venceu o primeiro. Aquelle punhal tinto de sangue innocente,

pela segunda vez, derramado, entrou no coração de João Leite, e matou-o.

Isto foi obra d'alguns segundos. João Leite gritára nas convulsões da

morte; acudiram os creados, e encontraram Bernardo da Silva, de braços

cruzados ao pé do cadaver, que vibrava nos seus derradeiros

estorcimentos.

Paulo Botelho tambem acudiu. Primeiro recuou aterrado: depois gritou

«matem esse homem!» E vendo que ninguem de prompto lhe aceitava o

diploma de assassino, mandou-o carregar de ferros.

Bernardo caminhou para o carcere, com a fronte altiva, com nobreza de

passo, com serenidade de consciencia e maneiras d'um principe, segundo a

linguagem popular dos que o viram.

X.

Foi processado. Paulo Botelho desenvolveu uma espantosa energia no

andamento d'esta causa crime. Erguia-se todos, os dias, sofrego da

escrever uma sentença de forca.

Os depoimentos eram todos contrarios ao infeliz. Um só homem protegeu

esse preso; sabia-se que era um ancião que lhe levava umas sopas

diariamente, e palavras consoladoras de esperança sem esperança.

Eulalia, sabendo estes acontecimentos até á vespera do dia em que o

escudeiro devia ser condemnado, requereu que queria ser ouvida em juizo.

Não lhe admitiram o seu depoimento. A pobre menina, inspirada da

eloquencia do martyrio, entrou um dia no côro, quando a communidade

orava, e invocou o testemunho de Jesus Christo, exclamando, de modo que

a escutasse o povo que estava na igreja:

«Declaro que esse infeliz homem, que vai morrer, depois de martyrisado

por meu pai, e apunhalado por um homem que eu despresei, declaro diante

de Deus e dos homens, que esse infeliz nunca me disse uma palavra só

para que eu o amasse. Fui eu que o amei, fui eu que lhe escrevi, quando

entrei n'este mosteiro, fui eu que o fiz desgraçado, mas em recompensa

hei-de amal-o toda a minha vida, e hei-de unir-me a elle na presença de

Deus!» Era uma demencia!

Foi grande o assombro dos que a ouviram. O ecco d'este grito chegou aos

ouvidos de Paulo Botelho, que estava presente; mas a sua alma fôra

cerrada pela mão corrupta do ouro. O povo murmurava, e dizia que não

havia de ser enforcado o escudeiro.

Pobre povo, n'aquelles dias, se tentasse tirar das mãos d'um juiz o seu

instrumento inauferivel, o carrasco!

XI.

Bernardo foi condemnado á pena ultima; Ergueu-se uma forca nas

proximidades do delicto, entre a casa do juiz, e a de Francisco de

Lucena.

Eulalia exaltára-se no martyrio até causar receios de loucura.

Inspiravam-se de uma dôr de morte as exclamações pungentes que soltava a

cada ruido que ouvia semelhante ao arranco retrahido d'um justiçado. O

espectaculo da forca era a sua idêa fixa, desde o momento que uma

religiosa imprudente lhe annunciou o destino de Bernardo da Silva.

A infeliz, na madrugada do dia da execução, fugiu da cella com os

cabellos em desordem, com as faces chammejantes de febre, com os olhos

embriagados de delirio, e com o coração a estalar-lhe de uma dôr que a

endoudecia.

Chegando á portaria não houveram forças humanas que a contivessem. Os

ferrolhos cederam ao impulso d'uma fraca mulher, forte da sua

desesperação; e esta virgem, com habitos de noviça, e bella, na sua

agonia, como um corpo epileptico que se levanta amortalhado do esquife,

corria por entre as multidões que principiavam a agglomerar-se para

testemunharem o desconjuntar dos ossos do pescoço d'um padecente entre

as mãos do carrasco, seu irmão, ambos filhos do mesmo Deus, ambos

remidos pelo sangue do mesmo Christo.

Viram-na as multidões passar; muitos a conheceram: alguns pronunciaram o

seu nome, mas aquella pomba, ferida de morte, era um cadaver que se

movia impellido pelo choque da pilha galvanica.

Erguera-se um alarido na cidade. As turbas corriam na direcção da

infeliz, a quem chamavam douda; mas não ousou alguem embargar o passo

áquella mulher que parecia fascinar com a magestade da sua demencia.

Os que a seguiam esperavam vêl-a entrar em casa de seu pai.

Enganaram-se. Eulalia subiu as escadas de Paulo Botelho, e entrou no

salão onde fôra lavrada a sentença de cadafalso para Bernardo da Silva.

Paulo Botelho estremeceu na cadeira, quando viu aquelle alvejar de uma

larva, ajoelhada nos degraus da tribuna.

Deu-se um profundo silencio de alguns minutos.

Eulalia já não podia coordenar as idêas que poucos dias antes clamára no

côro. O sorriso da loucura, o gemido suffocante, uma lagrima embebida

logo no ardor das faces, e algumas palavras entaladas, e apenas

intelligiveis, eram alternativas que a tornaram mais lastimavel durante

alguns minutos.

A mulher e tres filhas de Paulo Botelho, que a viram entrar, correram ao

tribunal, e quizeram arrastal-a d'alli. Era impossivel. A estatua

parecia chumbada sobre o seu tumulo.

A familia do juiz julgou conveniente empregar o insulto como solução.

Fallavam do justiçado com certa nauzea, que ellas suppozeram ser o

balsamo para a ferida mortal de Eulalia. Paulo Botelho, coadjuvando as

razões da sua familia, cobria de improperios affrontosos o homem que,

pouco depois, havia de perdoar as injurias com a cabeça no laço da

forca.

A exaltação afflictiva de Eulalia tinha tocado o ponto culminante da

morte, ou da alienação irremediavel.

--Innocente! Innocente!--eram os gritos unicos, as derradeiras palavras

que os labios d'aquella mulher tinham de proferir.

XII.

N'este momento entrou um homem que redobrou o espanto. Era Pedro Leite,

pai de João Leite.

Este homem fez signal de querer fallar. Attenderam-no todos com

religioso respeito.

As suas palavras foram estas:

--Perdôo ao assassino de meu filho! O sangue d'esse homem cahirá sobre a

minha face! Matou defendendo-se d'um aggressor infame! Senhor juiz de

fóra, requeiro a suspensão da execução da sentença. Eu sou parte, e

declaro innocente o réo!

Seguiram-se minutos d'uma estupefacção natural. Eulalia voltou os olhos

para o homem que fallára, quiz arrastar-se de joelhos aos pés d'elle;

não pôde; a impressão devia matal-a, ou resuscital-a... desmaiou a meio

caminho.

O juiz era o algoz moral creado pelo ouro, assim como o carrasco physico

fôra creado pela lei. Não podia eximir-se a pegar do cutello, e seguir

seu caminho.

--É tarde!--respondeu elle.

--Não é tarde!--replicou Pedro Leite, e continuou com solemne

exaltação:--Tarde, senhor juiz, é depois que o tribunal do mundo se

fecha atraz d'aquelle que vai entrar no tribunal de Deus! Tarde, é

quando um juiz de entranhas ferozes se apresenta no banco dos réos

condemnados com a face borrifada de sangue innocente!

--Basta!--exclamou Paulo Botelho com authoridade!

--Pois sim... basta! mas, abaixo de Deus, invoco o testemunho das

pessoas que me escutam. Declaro que lavo as mãos d'este sangue innocente

que vai ser derramado!

O povo murmurou com acanhamento, com a consciencia cobarde da sua

nullidade, mas balbuciou não sei que palavras que irritaram o juiz.

--Não se trata só de punir o assassino de João Leite!--exclamou o

juiz--trata-se de castigar a affronta que recebeu um nobre, feita por um

lacaio que ousou levantar olhos de amante para sua filha!

--Não, não!--gritou Eulalia, erguendo-se com impeto, com as mãos postas,

e cahindo outra vez sobre os joelhos.

O cynico já não tinha coragem para tanto! Soára a hora do ultimo mandato

ao carcereiro. Expirára o ultimo instante de oratorio.

--Cumpra-se a lei!

Disse o juiz, e fez menção de retirarem-se as ondas de povo que tinham

concorrido em tropel, chamadas pelos gritos de Eulalia, e pelo perdão

publico de Pedro Leite.

Eulalia foi conduzida em braços para o interior da habitação do juiz.

XIII.

A procissão onde a impudencia collocára um Christo, o Deus da caridade,

nas mãos d'um padecente, que hia ser esganado!... a procissão, onde se

via um homem de tunica branca, um algoz de cutello e alcofa, alguns

sacerdotes d'um Deus misericordioso!... a procissão descia terrivel de

repulsiva solemnidade para o açougue d'aquella rêz! A tumba da

misericordia fechava aquella orgia de sangue! Era um insulto a Deus! o

cadaver d'um homem atirado á face do Creador! um escarneo satanico á

intelligencia, e ao coração da humanidade!

O prestito parou na praça do sacrificio.

Bernardo com os olhos fitos no céo via nascer a risonha aurora da

eternidade. Sorriam-lhe os anjos, e a justiça de Deus mostrava-lhe o seu

regaço. A morte do justo era um crepusculo de nova existencia a

alumiar-lhe o rosto. Inspirava devoção aquelle seu santo sorrir para o

seio do céo que se lhe abria! Trazia nas mãos a imagem do Redemptor; mas

lá em cima via elle o Espirito Creador, a grande alma, onde se refugiam

as almas dispersas na face d'este mundo, e perseguidas pelo demonio da

ira, e da vingança, eternamente encarnado no homem, a quem a sociedade

entregou o azorrague da flagellação do virtuoso.

Bernardo caminhava a passo firme para a escada da forca. Estavam

contrahidas as respirações. Um gemido, menos suffocado, podia ser ouvido

por quinze mil almas que vieram a contemplar aquelle apparelho de morte,

segundo a lei, \_formulada pelas inspirações do Evangelho\_! pelo codigo

dos perdões! pelos preceitos do Filho de Deus que morrêra, perdoando!

XIV.

Através da multidão abriu-se uma clareira para deixar passar um homem,

que devia representar um principal papel n'aquelle festim da lei.

Convergiram todas as attenções para aquelle ponto.

Era Pedro Leite--ainda o pregoeiro da innocencia de Bernardo, com a face

cadaverica das longas noites que chorára sobre o tumulo de seu filho

unico.

Quem disse a este homem que Bernardo da Silva era um innocente?

Que força occulta o arrasta a abençoar nas escadas da forca o assassino

de seu filho?

Phenomenos occultos da Providencia! A voz de Deus, soando pelos labios

do mysterio! Explicai-me as operações de Deus, e eu vos explicarei a

inspiração sobrenatural que obriga a balbuciarem o perdão os labios, que

beijaram morto um filho estremecido...

Pedro Leite aproximou-se do justiçado. Ninguem lhe embaraçou o passo.

Cheio de magestade, de poesia funebre, e de santo terror, fallou assim:

«Eu venho pedir o seu perdão á beira do patibulo. Fui eu que o arrastei

até ao tribunal em que foi condemnado; mas não sou eu que o arrasto

aqui. Bradei em favor da sua innocencia. Pedi, ha momentos, a suspensão

d'este acto, em que a minha dôr será mais... muito mais prolongada que a

sua. Não me ouviram: impozeram-me silencio, e mandaram-me sahir do

sanctuario da lei, que resfolegava sangue pela bocca do seu sacerdote.

Venho pedir o seu perdão nas escadas da forca, e vasar o fel, que me

devora a consciencia, na consciencia do juiz implacavel que pede a sua

cabeça a altos gritos!»

Ouviu-se um prolongado murmurio. Era a onda popular que refervia sopeada

entre as rochas da sua impotencia moral, n'aquelles dias, em que o

sangue d'um plebeu continuava a operação regeneradora do sangue de Jesus

Christo.

Bernardo ouviu com presença de espirito a exclamação de Pedro Leite.

«Eu lhe perdôo!»

Foram as suas palavras unicas.

Choraram-se então muitas lagrimas. A piedade teve uma explosão, que as

cronhas dos soldados reprimiram. As turbas queriam rasgar o quadrado

para arrancarem da morte um santo. Este conflicto foi serenado por outro

mais sublime. Ouviu-se uma voz. Viu-se um homem que sobresahia entre as

molas populares. Era o velho, protector unico de Bernardo da Silva,

durante a sua prisão. Poucos o conheciam.

Foram estas as suas palavras:

«Nobre senhor Francisco de Lucena! vem vêr teu filho que morre

enforcado! Nobre senhor Francisco de Lucena! vem vêr o filho da mulher

que deshonraste, como é nobre nas escadas da forca! Nobre senhor

Francisco de Lucena! vem vêr teu filho, o filho de minha filha, que

borrifa os teus pergaminhos com o teu sangue illustre!»

E calou-se. Calaram-se todos. E aquelle homem lá estava erguido como o

anjo dos tumulos á espera que Deus mande quebrar a lousa d'uma mulher

que ahi falta n'esse trance afflictivo!

Essa mulher morrêra, deshonrada, suffocada pela mão da ignominia, a que

a soberania fidalga de Francisco de Lucena a abandonára.

Esse ancião era o pai d'essa mulher, unico que recebêra em seus braços o

filho da deshonra, unico sabedor d'aquella existencia, que acompanhou

sempre, porque lhe marcára um braço com uma cruz. Desde o ventre á

forca, de longe, desconhecido, com o segredo da deshonra de sua filha

abafado no coração, este homem seguira os vestigios do neto, sem

declaral-o nunca, porque um appellido illustre não o salvava a elle

d'uma \_illustre\_ ignominia.

Que impressão fez este homem nas turbas? A do espanto. Mas, momentos

depois, chamavam-lhe Doudo. Por ordem do juiz de fóra hia ser preso o

demente. Aproximou-se a justiça d'el-rei. «É doudo...!» dizia o meirinho

ao lançar-lhe a mão.

«\_Não é doudo\_... é MORTO... » responderam algumas vozes.

Morto, sim!

XV.

Hia consummar-se aquelle enredo de peripecias terriveis.

Bernardo poz o pé direito na ultima prancha da forca. Voltou-se para o

povo. Brilhou-lhe na face o clarão d'um outro mundo. A sua voz era

melodiosa como o cantico do anjo da morte suavissima: mas n'aquelle todo

via-se a terrivel magestade do anjo do dia final. As suas ultimas

palavras foram estas:

«Ouvide a praga d'um padecente, rogada nas escadas da forca: Que a

justiça de Deus se cumpra na presença dos homens!»

...........................................................................

...........................................................................

O povo voltou o rosto do aspecto hediondo d'uma face injectada de sangue

negro. Outros viram-lhe uma onda de luz cingindo a fronte. N'esse

momento ajoelharam muitos justos pedindo ao espirito do justiçado a sua

protecção na presença de Deus!

CONCLUSÃO.

Passaram quinze dias.

Eulalia de Lucena recuperára o juizo, e entrára no mosteiro. Um anno

depois, professára. A sua vida foram tres annos de adoração extatica.

Ouviram-na murmurar palavras celestes, como em dialogo. Dizia-se que um

anjo devia apparecer-lhe n'aquelles arrobamentos. Chamavam-lhe santa, e

adoraram-na morta.

Passados quatro annos, Francisco de Lucena, sempre afastado de sua filha

pela mão do remorso, morreu de repente no mesmo local em que fôra

hasteada a forca.

Simão Botelho, filho de Paulo Botelho, déra um tiro em seu pai. O pai

quiz sentencial-o: deu-lhe sentença de forca, que depois lhe foi

commutada em degredo perpetuo. Apenas desembarcou em Cabo Verde,

abriu-se-lhe uma sepultura.

Paulo Botelho, desembargador aposentado, dez annos depois, morria á

vigesima quinta punhalada que recebêra, por não dar exactas informações

d'um peculio de cincoenta mil cruzados que guardava em uma quinta nas

visinhanças de Villa Real.

A mulher de Paulo Botelho morria douda no hospital de S. José um anno

depois.

Restavam tres filhas de Paulo Botelho.

Foram devassas até ao escandalo de serem arrastadas a um recolhimento

por expresso mandado regio.

Uma appareceu morta n'um aqueducto por onde procurára evadir-se.

Outra casou com um homem que a retalhou de martyrios.

A terceira enforcou-se no batente de uma porta.

A Justiça de Deus Cumpriu-se na Presença dos Homens.

A praga do justiçado nas escadas da forca teve o seu complemento do

genero de morte que a ultima pessoa d'aquella familia se déra.

Forca por forca.

...........................................................................

Tendes a curiosidade das averiguações? Procurai em alguns cartorios de

Vizeu a sentença pronunciada entre 1776 e 1780.

REMATE.

Não sou contumaz, nem me ufano de relapsia.

De tudo que disse me desdigo, se algum inquisidor intoleravel deparar

ahi heresia, contra-senso, atrevimento ou cousa que duvida faça contra

Plutus, unico deus da unica religião cujo codigo penal me intimida.

Ha cousas incriveis n'este volume? É que eu, e os meus amigos

litteratos, poetas, jornalistas, e até redactores encartados de

necrologios sabemos passagens que arripiam carnes e cabellos. Se o siso

commum as não adopta, é que os chronistas do tempo formam, á parte, um

\_status in statu\_, cousa inintelligivel aos que não sabem latim, por

grande fortuna sua.

N'este synhedrim ha uma moral, estragada se o quizerem, mas os

evangelistas, que a propagam são Catões, com tanto que os não obriguem a

inquietar a sadia tranquillidade dos intestinos. Aqui, não se sacrifica

um dedo a uma pisadella, porque não vale a pena.

É necessario escrever, visto que ha leitores.

Eu, e os meus correligionarios, se até hoje não temos irradiado sobre a

humanidade ondas de luz, é porque a humanidade precisava ser,

primeiramente, operada na catarata. O luzeiro da civilisação aqueceu,

não ha muito, a concha em que, por aqui, se escondiam muitos molluscos

moraes, que vão sahindo agora a espanejar-se ao sol.

Não quero dizer que os molluscos passassem a articulados. Póde muito bem

ser que o leitor, ou leitora sejam ainda legitimos molluscos; mas a

excepção deploravel não claudica a generalidade. E, por tanto:

Eu, e os meus amigos, mencionados acima, considerando que a candeia não

deve estar muito tempo debaixo do alqueire, nem os talentos (dinheiro)

soterrados vencem juros: e tendo nós outro sim, em muito afan e desvelo

desaffrontar a litteratura patria de injurias com que estrangeiros e

nacionaes a desconceituam, desairando-a como pobre de romances, pela sua

incapacidade inventiva--o que não só é malicia, mas até aleivosia:

resolvemos escrever romances em que figurassem muitas pessoas nossas

conhecidas, e outras, que viremos a conhecer no decurso d'esta meritoria

tarefa.

Pelo que, a mim, humilde entre os humildes apostolos d'esta idêa lucida,

coube o quinhão de trabalho, que a posteridade me devolverá em gabos e

applausos, e o futuro Plutarcho dos homens illustres d'esta freguezia de

Cedofeita, em que tenho a honra de morar, não deixará de consignar nos

fastos gloriosos.

Disse.

PATHOLOGIA DO CASAMENTO.

DEDICATORIA.

\_Exc.^{ma} snr.^a D. Fulana.\_

Conceda-me v. exc.^a a gloria de offerecer-lhe um quadro d'esta galeria.

Vai lêr um drama intitulado Pathologia do Casamento.

\_Pathologia\_, minha querida snr.^a D. Fulana, é uma palavra grega,

composta de \_pathos\_, doença, e \_logos\_, tractado. Quer, por tanto,

dizer \_molestias do casamento\_.

Balzac escreveu a «\_physiologia\_»; outro, que me não vem á memoria,

escreveu «\_anatomia do coração\_»; faltava uma «\_pathologia\_» que

apparece agora, e, mais tarde, se me não faltar a vista intellectual,

que já sinto muito cançada, escreverei a «\_Pharmacia do casamento\_» que

hei-de dedicar a uma outra D. Fulana, que eu cá sei.

V. exc.^a é uma senhora fina, que, além de ter a cabeça no seu lugar,

apresenta muitas vezes lume no olho. Sympathiso com o seu talento, e

talvez casasse com a snr.^a D. Fulana, se tivesse a certeza de podermos

entreter o nosso tempo traduzindo os trinta e sete livros de Plinio, e

os trinta e cinco \_De Linguâ Latinâ\_ de Terencio Varro, que Deus tem em

sua santa gloria.

Penso que v. exc.^a não estaria por isto. O seu espirito tem calefrios

de enthusiasmo, e eu, a fallar-lhe a verdade na sua nudez patriarchal,

devo dizer-lhe que tenho dentro do peito uma mumia, que poderia valer

alguma cousa nas ruinas de Memphis, mas não vale nada no cavername

ossudo d'este seu creado.

Eu preciso d'uma mulher d'oculos, e pitada constante nos dedos. Quero

que ella me falle dos Heraclidas, das Saturnaes de Macrobio, de Creta e

de Lacedemonia, da Beocia e Epaminondas.

Eu não sei se v. exc.^a sabe alguma cousa d'isto; mas desconfio que não.

Falla-me muito em Victor Hugo, e na \_Petite Fadete\_ de George Sand. Já a

encontrei a lêr \_les Liaisons Dangereuses\_, e a \_Manon Lescaut\_.

Palpita-me que a snr.^a D. Fulana tem na cabeça muita somma de têas de

aranha, e não serei eu a vassoura da limpeza.

Não obstante, respeito-a, admiro-a até ao ponto de lhe offerecer a minha

«\_Pathologia do Casamento\_.»

Digne-se v. exc.^a acolhel-a no regaço da sua benevolencia, e dê-me

occasiões de mostrar-lhe que sou

De v. exc.^a

o ultimo creado, e o primeiro dos seus admiradores,

\_Camillo Castello Branco\_.

PERSONAGENS.

D. Leocadia 18 annos.

D. Julia 20 »

A Viscondessa de Valbom 45 »

Jorge da Silveira 30 »

Alvaro de Castro 32 »

Eduardo Leite 30 »

O Visconde de Valbom 50 »

\_Damas, cavalheiros, e creados\_. (Podem ter a idade que quizerem).

A scena dizem que se passou no Porto; mas o author não impõe, Mafoma

dramatico, a crença a ninguem. Cada qual fique no que lhe parecer; mas,

se, effectivamente, os personagens existem, tenham paciencia.

PATHOLOGIA DO CASAMENTO.

ACTO I.

DECORAÇÃO.

\_Uma saleta contigua a um salão de baile, separada por largas

portadas de vidro, através das quaes se vêem perpassar, em passeio,

damas e cavalheiros\_.

SCENA I.

Julia, \_e\_ Leocadia, \_entrando, como fatigadas, sentam-se n'um

sophá.\_ Julia \_tira da cabeça uma grinalda de flôres brancas, que

arremessa com desdem sobre o sophá\_.

Julia.--Afflige-me tudo!... Tomára-me eu na minha liberdade, Leocadia!

Não goso nada... Tanta luz parece um insulto á escuridão da minha

alma... Queria-me sosinha...

Leocadia.--Não tens paciencia nenhuma, Julia!... Que é o que te afflige

assim?

Julia.--Que é!... É aquelle homem... Sempre aquelle homem!... não ha

nada que o desengane...

Leocadia.--Nem as palavras?!

Julia.--Eu sei!... nem as palavras, talvez...

Leocadia.--Porque não és franca?! Eu, de mim, na tua posição, tinha-lhe

dito: «não me persiga!» É o que eu já disse a Eduardo...

Julia.--Eu não sei dizer isso... Acho que é aviltar demasiadamente um

homem... Pois tão estupido é elle, que precisa uma franqueza tão

impropria d'uma senhora? Tenho feito tudo que póde desenganar um

homem... Teima, persegue-me, flagella-me... é insupportavel!... Ainda ha

pouco, entre mim e Jorge...

Leocadia (\_sobresaltada\_).--E Jorge!...

Julia.--Que modo é esse!? Jorge interessa-te!?

Leocadia.--E a ti?

Julia.--A mim?... Pois não sabes...

Leocadia.--O que?... não sabia... Elle ama-te?

Julia.--Tem-m'o dito...

Leocadia.--Elle!... tem t'o dito... Jorge!...

Julia.--E tambem a ti?... Falla depressa...

Leocadia (\_contrafeita\_).--Não... a mim... não... mas a ti... sim?

Julia.--Penso que sim... mas esse descorar... Leocadia!...

Leocadia.--Fui eu que me enganei... Pensava...

Julia.--Talvez te não enganasses... Que te disse elle?

Leocadia.--Nada... Vamos nós á sala?...

Julia.--Já?!... Eu não vou já... Vai tu, se queres...

Leocadia.--Que é o que me querias dizer?... Disseste que entre ti e

Jorge...

Julia.--Estava uma cadeira de vago... Alvaro vinha occupal-a, e eu

ergui-me de repente, e occupei-a primeiro...

Leocadia.--E Alvaro... nem assim...

Julia.--Me comprehendeu... Sentou-se na immediata, e disse não sei que

frioleira...

Leocadia.--Se tu és tão amavel!...

Julia.--Ai!... tu queres imital-o?! É o que elle me diz cem vezes em

cada baile...

Leocadia.--Uma verdade, por muito repetida, nunca perde o merecimento...

Julia.--Que maneira de fallar!... Quem me dera adivinhar-te! Tu amas

Jorge!...

Leocadia.--Não, menina... Eu não amo ninguem...

Julia.--Ninguem?! nem a tua Julia?

Leocadia.--A minha Julia não póde repartir o seu coração... Não quero

entrar em partilha com Jorge... O peor quinhão seria para mim, porque

não ha nada superior a elle... Ficas?

Julia.--Fico a scismar... Vem cá, Leocadia... sê franca, senão... não

sou tua amiga... Jorge será um impostor?...

Leocadia.--Perguntasm'o a mim!? Eu não sei...

Julia.--Terá tido a mesma linguagem para ambas?

Leocadia.--Disse que te amava?... A mim... não me disse nada...

Julia.--Então és tu que o amas?

Leocadia.--Não... Olha, minha amiga, faz de conta que eu ouvi com

perfeita indifferença a tua revelação... Até logo... Ai!... diz-me cá...

O teu namoro é antigo... ou começou aqui?

Julia.--Com Jorge? É muito moderno... Tem um mez... É uma creança, mas

já foi baptisado com lagrimas...

Leocadia.--Já? Pois afaga-o muito na alma... Sê muito feliz.... que eu,

se te não felicitei mais cedo, é porque o não sabia... Vou lá dentro...

Minha mãi deve reparar n'esta ausencia...

Julia.--Não me deixes agora que ahi vem Alvaro... É insupportavel!

Leocadia.--Ora!... que mal te faz o homem?!... Eu volto já... Olha...

diz-lhe que amas Jorge... é impossivel que elle queira sustentar a

competencia... (\_Sahe\_).

SCENA II.

Julia \_e\_ Alvaro.

Alvaro.--Está incommodada, snr.^a D. Julia?

Julia.--Não, senhor.

Alvaro.--Então está aborrecida...

Julia.--De certo...

Alvaro.--Menos, quando ao seu lado um certo cavalheiro de luneta...

Julia.--Ah! o senhor vem pedir-me satisfações? É engraçada a

liberdade!...

Alvaro.--Não lhe peço satisfações... Se as minhas palavras foram

indiscretas, seja generosa, perdoando-m'as.

Julia.--Muitos perdões me tem pedido, snr. Alvaro!... A minha

generosidade com v. s.^a chega já a parecer-se...

Alvaro.--Com a virtude d'uma santa?

Julia.--Não queria dizer isso...

Alvaro.--Queria dizer que chega a parecer-se...

Julia.--Com um excesso de imbecil paciencia.

Alvaro.--Isso é muito forte!... Eu não lhe mereço tanto! Nunca lhe disse

affrontas...

Julia.--Com que direito ha-de dizerm'as?

Alvaro.--Não tenho nenhum? absolutamente nenhum?

Julia.--De certo, nenhum...

Alvaro.--A paixão cega o entendimento...

Julia.--Não é minha a culpa...

Alvaro.--É toda...

Julia.--Toda?... pois eu authorisei-o? Disse-lhe alguma vez que o amava?

Alvaro.--Nunca m'o disse... porque...

Julia.--Porque o não sentia... Que mais lhe posso dizer agora?

Alvaro.--Depois d'isso, mais nada. (\_Retira-se\_).

Julia.--Foi preciso isto... Ainda bem!... (\_Ouve-se a musica d'uma

polka\_. \_Julia enfeita-se ao espelho com a grinalda, e sahe\_).

SCENA III.

Jorge \_e\_ Eduardo.

Jorge.--Tu vaes ser verdadeiro, Eduardo?

Eduardo.--Como Epaminondas Thebano, que nem zombando mentia. Não me

lembra d'outro estafermo antigo que fallasse verdade...

Jorge.--Tu tens algumas intelligencias com Leocadia?

Eduardo.--Diz-me cá, Jorge, póde fumar-se aqui?

Jorge.--Não... se queres vamos á sala debaixo...

Eduardo.--Não posso, que tenho a sexta quadrilha com Leocadia... Diz lá

o que queres...

Jorge.--Perguntei-te se amavas Leocadia.

Eduardo.--Gosto muito d'ella... Depois d'um bom charuto, é o meu sonho

dourado.

Jorge.--E ella...

Eduardo.--Gosta de mim? não sei bem ainda... Perguntei-lh'o ainda agora

pela vigesima vez... Disse-me que sim, e é a primeira vez que m'o diz...

Se mente, lá se avenha com a sua consciencia...

Jorge.--E é a primeira vez que te disse que sim?

Eduardo.--A primeira, palavra d'honra, Jorge!

Jorge.--E que conclues d'ahi?

Eduardo.--Concluo que não gostou até hoje.

Jorge.--E não conclues mais nada?

Eduardo.--Nem quero.

Jorge.--Não suppões que ella amasse, até este momento, outro homem?

Eduardo.--Não só supponho; mas até acredito... Nada de emboscadas...

Essa diplomacia parece-me uma velhacaria rançosa... Sei que amas

Leocadia, ou, se a não amas, que a amaste já... Eu não tenho nada com o

passado, nem com o futuro... A minha grande questão é a actualidade. São

arrufos? Deixal-os ser: aqui estou eu para encher as lacunas, e tenho

n'isso muita honra... Nunca me importou saber que tentos lavravas no

coração da pequena. Vi-te fazer de Cesar, e eu fiz de Fabio. Agora, cada

um de nós segue o seu systema... E até logo... Acho que não te queres

bater...

Jorge.--Eu não me bato por estimulos tão pouco despertadores do brio...

Eduardo.--Fazes tu muito bem... Eu tambem zango de duellos,

principalmente por causa de mulheres... que comem \_sandwichs\_, e bebem

limonadas... Falla-me logo... (\_Sahe\_).

SCENA IV.

Jorge \_e depois\_ Julia.

Jorge.--Eu tinha previsto tudo... Era necessario renunciar uma das

duas...

Julia.--Procurava-o...

Jorge.--Sim?... que é, Julia?

Julia.--Diga-me: poderei confiar a Leocadia o segredo do nosso amor?...

Vacilla?... responda!...

Jorge.--Tem precisão de confidentes?

Julia (\_sorrindo\_).--Tenho, porque me não cabe a felicidade no

coração... Posso?...

Jorge.--E é forçoso que seja Leocadia?!

Julia.--É... preferi-a entre todas as minhas amigas... Que embaraços são

esses?!

Jorge.--Entendo que não deve revelar a ninguem o nosso amor.

Julia.--Sim?... porque m'o não disse?... Já agora, perdeu-se a sua

discrição... Eu disse tudo...

Jorge.--A quem?

Julia.--A Leocadia...

Jorge (\_á parte\_).--Está explicado o enigma!...

Julia.--Nada de monologos... falle comigo... Ora, snr. Jorge... que

necessidade tinhamos nós de corarmos um na presença do outro!?

Jorge.--Eu não córo... A côr d'este rosto só póde alteral-a uma infamia.

Julia.--Dê o nome que lhe aprouver ao seu acto, que eu não lhe conheço

outro... V. s.^a feriu-me, e cicatrizou-me a ferida... São boas todas as

affrontas que nos despertam a sensibilidade da honra... A lembrança do

ultraje ha-de fazer que eu esqueça a causa depressa... Fez bem... Deixou

cahir a mascara muito a tempo... (\_Retira-se\_).

Jorge.--Escute-me, Julia... (\_Vai sentar-se no sophá\_).

SCENA V.

Jorge, \_e\_ Eduardo, \_dando o braço a\_ Leocadia.

Eduardo.--Será isto um sonho?... Se o é, deixe-me sonhar uma hora, sim?

Leocadia (\_sorrindo\_).--Tambem ha sonhos de que se acorda com a face

cheia de lagrimas...

Eduardo (\_para Jorge\_).--Ainda aqui!... (\_Leocadia estremece\_).

Jorge.--Ainda aqui... não estou mal... Tem dançado muito, minha senhora?

Leocadia.--Principiei agora...

Jorge.--Pois ainda tem muito tempo de gosar... São tres horas... Nunca

lhe esqueça que foi ás tres horas...

Leocadia.--Não o comprehendo, snr. Jorge... Que tenho eu com as tres

horas do seu relogio?

Jorge.--Não se finja simples como donzellinha que sahiu hontem do

collegio...

Leocadia.--Antes uma fingida innocencia que uma descarada impostura.

Jorge.--Não entendo.

Eduardo.--Os senhores dizem que não se entendem, e eu de certo não os

entendo melhor. Não façam ceremonia de mim. Queiram explicar-se de modo

que eu possa reconcilial-os.

Jorge.--Reconciliar-nos!... Não estamos divorciados... O que me prende a

esta senhora são os respeitos e considerações que se lhe devem. Em

quanto ella se não desviar da carreira d'um nobre procedimento, as

nossas relações não soffrem quebra...

Eduardo.--Pois n'esse caso, meu caro Jorge, serás sempre o respeitador

d'esta senhora, porque os anjos não se precipitam desde que um, ha

muitos annos, teve o mau gosto de se precipitar do céo.

Jorge (\_sorrindo\_).--Snr.^a D. Leocadia...... snr.^a D. Leocadia!...

(\_Retira-se\_).

SCENA VI.

Eduardo \_e\_ Leocadia.

Eduardo.--Fallemos seriamente, minha senhora. V. exc.^a n'um momento de

ciume, dignou-se empregar-me no seu serviço como instrumento de barro,

que se quebra, feito o serviço, não é verdade?

Ora ande lá... não perca o animo, supposto que o escarlate do pejo não

lhe fica mal... acho-a muito mais bella... Parece-me que adivinho o

segredo... V. exc.^a encontrou em flagrante delicto de ternura o

sensivel Jorge com a sensivel Julia... Ferida na sua vaidade, quer

vingar-se, e eu represento n'este negocio o \_tertius\_ sem o \_gaudet\_.

Perdoará o latim... quiz dizer que represento n'este negocio uma triste

figura... Já não é a primeira vez... Não se inquiete, que eu tambem me

não incommodo... Tire de mim o partido que quizer...

Leocadia.--Snr. Eduardo... não devia fallar-me assim... Essas palavras

são tão repassadas de ironia...

Eduardo.--É o meu genio... Sou um Democrito pequenino, porque tambem são

ridiculamente pequenas as cousas que me fazem rir... Ahi vem uma que me

arranca do profundo da consciencia uma legitima gargalhada.

Leocadia.--Que é?

Eduardo.--É a sua amiga Julia pelo braço de Alvaro, em intima

conversação... Não acha tudo isto tão comico?

SCENA VII.

Leocadia, Eduardo, Julia \_e\_ Alvaro.

Eduardo (\_para Alvaro, sorrindo\_).--Os reis da noite somos nós, snr.

Alvaro... Logo despimos a purpura de reis de comedia, e fumamos um

pessimo cigarro do contracto...

Alvaro.--Não entendo a finura do epigramma.

Eduardo.--Então, é mais feliz do que eu suppunha... Póde contar com o

reino do céo... Deveras não entende?

Alvaro.--Não, e dispenso as explicações officiosas do meu amigo...

Eduardo (\_rindo\_).--Espero que á solemnidade do estilo, se não siga um

cartel de desafio...

Leocadia.--Que linguagem!... É bem galhofeiro o seu caracter, snr.

Eduardo!

Eduardo.--Muito galhofeiro, minha rica senhora... E alli o do meu amigo

é sombrio como o d'um encapotado de drama em cinco actos.

Alvaro.--A verdade é que nos não parecemos...

Eduardo.--Felizmente para o senhor ou para mim... Mas na singelesa do

coração, na temperatura do amor, ha-de permittir que sejamos parecidos

como Pylades com Orestes...

Alvaro.--Não temos semelhança nenhuma... Eu não posso brincar com as

paixões...

Eduardo (\_áparte, a Leocadia\_).--É da força de trinta Paulos; mas a

Virginia que o escuta, só com os olhos, d'aqui a pouco remette-o ao

catalogo dos Othellos em quarta mão. (\_Alvaro e Julia retiram-se\_).

Espero que não se baterá comigo, snr. Alvaro... Não respondeu!...

Aquelle silencio não quer dizer nada; mas, quem não conhecer o homem,

ha-de suppor que a cratera vai rebentar... Quer sentar-se, minha

senhora?...

Leocadia.--Sim... um momento... Ahi vem Jorge.

Eduardo.--Ah!... V. exc.^a estremece!... Muito me ama! (\_rindo\_). É

d'uma ingenuidade mythologica!...

SCENA VIII.

Leocadia, Eduardo \_e\_ Jorge.

Jorge.--Eduardo, preciso roubar-te um instante a essa senhora... tens a

bondade!

Eduardo.--Ah! sim... esta senhora não vai de certo queixar-se á policia

pelo roubo...

Jorge (\_a sós\_).--Fazes um sacrificio deixando-me cinco minutos com

ella?

Eduardo.--Sacrificio... nenhum; mas a decencia pede que eu não esteja

aqui servindo de sentinella á vista a um teu namoro... Ai!... espera...

eu dirijo-me a estas duas almas penadas, que ahi vem... Vou

comprimental-as, e tu, como penetrante abutre, desce o vôo sobre a

presa... (\_Comprimenta duas damas, vestidas de branco, em quanto Jorge

vai sentar-se ao lado de Leocadia\_). Parecem-me dous anjos, minhas

senhoras. São duas virgens de Taurida, que fazem lembrar as alvissimas

virtudes de Ephigenia... (\_As damas, que elle acompanha, com gaifonas

cortezãs, retiram-se sorrindo\_).

SCENA IX.

Jorge \_e\_ Leocadia.

Jorge.--Que caprichos são estes, Leocadia?

Leocadia.--Caprichos!... O sentimento d'uma offensa é um capricho?!

Jorge.--Qual é a offensa? Uma leviandade de Julia?

Leocadia.--A leviandade foi minha, que não quiz imital-a a ella e a

muitas, que sabem pisar os homens aos pés antes de lhes darem a mão para

que se levantem. Eu dei-lhe a minha alma sem reserva... Fiz do meu amor

um sagrado mysterio com medo que m'o profanassem. Violentei-me a

olhal-o, em publico, com indifferença, para que ninguem me invejasse.

Eram estes os seus conselhos, Jorge... Hoje é que eu comprehendo a

horrivel significação d'este plano. O senhor precisava do segredo para

agradar a muitas victimas illudidas com um só lance de olhos... Creia

que tenho tanta pena de mim como de Julia...

Jorge.--Olha, Leocadia... se o meu crime foi grande, a tua vingança

excede-o... Não me pareces o anjo resignado que eu imaginei... O que eu

acabo de fazer foi uma experiencia na tua alma... O resultado foi

infeliz! Nunca previ que consentirias ao teu coração um arrojo

vingativo, indigno de ti...

Leocadia.--Que fiz eu?

Jorge.--Que fizestes tu?... É boa a pergunta!... Procuraste n'esse salão

o homem mais desacreditado, o espirito mais corrompido, o cynico mais

orgulhoso de o ser, e disseste-lhe que o amavas, sorriste angelicamente

ás suas phrases ironicas, e nivelaste-me com elle, apresentando-m'o como

rival!... Eu... rival de Eduardo!...

Leocadia (\_com vivacidade\_).--Como rival... nunca! Elle não podia ser

seu rival... porque eu não tenho dous corações.... Fui imprudente...

confesso que fui; mas não pude mais... a punhalada feriu-me de repente,

não me deu tempo de pensar... disse-lhe não sei quê dos labios, mas o

coração aborrece-o, porque eu não posso amar alguem com mais virtudes do

que tu... pouco me importa que tu sejas tão cynico, tão desmoralisado

como Eduardo... Oh! Deus queira que me não ouvissem... Ahi vem Julia...

Eu retiro-me... A mãi está com os olhos fixos em mim... (\_Menção de

sahir\_).

SCENA X.

Alvaro , Julia \_e\_ Jorge.

Julia (\_passando por Leocadia\_).--Muitos parabens, minha amiga...

Leocadia.--De que?

Julia.--Transigiste amigavelmente?...

Leocadia.--Não sei que dizes...

Julia (\_ironica\_).--Innocentinha... (\_Leocadia sahe\_. \_Passam alguns

grupos de homens e senhoras\_).

Alvaro (\_que não vê Jorge\_).--Jorge não é homem talhado para o seu

coração...

Julia.--Falle baixo, que elle está muito perto... Mas não se cale...

diga alguma cousa.

Alvaro.--É necessario ter o coração puro de amores viciosos para

conceber a sublime candura do seu...

Julia.--Hei-de morrer sem ser comprehendida...

Alvaro.--Não nasceria eu para comprehendêl-a?

Julia.--Ai! não... a minha alma é um abysmo, onde se esconde o anjo do

bem, e a serpente do mal... Tenho na mesma intensidade transportes

d'amor e odio...

Alvaro.--Qual lhe mereço?...

Julia.--Quer-me sincera? uma verdadeira estima de irmã...

Alvaro.--Só?

Jorge (\_sem erguer-se do sophá\_).--Ó snr. Alvaro!... Que tal acha a

eloquencia d'esta senhora?

Alvaro.--A pergunta é celebre; todavia, responderei: a eloquencia d'esta

senhora é excellente...

Jorge.--E v. exc.^a, snr.^a D. Julia, que tal acha a eloquencia

d'aquelle senhor?

Julia.--Eu sou menos generosa que este cavalheiro: não lhe respondo.

Jorge.--Responda, responda, que v. exc.^a não é responsavel pelo que

diz...

Alvaro.--Eu não posso consentir que se affronte assim uma senhora!...

SCENA XI.

\_Os mesmos e\_ Eduardo, \_que vem passando com uma dama pelo braço, e

pára.\_

Jorge.--Pois senão póde, resigne-se...

Alvaro.--Tenho a optar por outro expediente antes da resignação...

Eduardo.--Naturalmente quer bater-se... Eu sou de opinião que os meus

amigos devem cortar-se reciprocamente os pescoços ás 4 horas da tarde...

Jorge (\_sorrindo\_).--Fecha lá as torneiras ao espirito, Eduardo. Aqui

falla-se seriamente... Não vês que aquelle senhor está formalisado?

Eduardo.--Pois o senhor está formalisado? e v. exc.^a (\_para Julia\_)

tambem está formalisada? e a menina (\_para a que tem no braço\_) tambem

se formalisa?... Eu de mim, declaro-me formalisado sem saber porque.

Formalisem-se todos, desde o dono da casa até ao creado da campainha.

Isto deve acabar por hir cada um para sua casa, porque são quasi quatro

horas... não acha?

Alvaro.--Se me dá licença...

Eduardo.--A respeito de licenças, isso não é comigo: é com o dono da

casa... Que queria o meu amigo? quer duvidar de que a snr.^a D. Julia é

a rainha das mais formosas? (\_Com escarneo\_).

Alvaro.--Snr. Eduardo, as suas zombarias são intempestivas!... Entre

cavalheiros é d'uso adoptar-se a linguagem seria e digna d'um salão...

Eduardo.--O meu caro senhor está funebre como um mestre de cantochão...

Fallou muito bem; mas eu é que não me sinto disposto a manter a

reputação de eloquente ás quatro horas da manhã... Se me querem vêr

dormir, fallem-me em cousas serias... Diga-me cá... já tomou chocolate?

Julia (\_desprendendo-se do braço\_).--Dê-me licença... Minha mana

chama-me...

Alvaro.--Eu acompanho-a, minha senhora... (\_Vão sahir\_).

Jorge.--Minha bella menina, estamos quites... D'hoje em diante cada um

de nós caminha para o seu polo diverso...

Julia.--São indifferentes os seus passos... Caminhe para onde lhe

aprouver, snr. Jorge... (\_Sahe\_).

Eduardo.--Disse que caminhasses para onde te approuvesse... Eu de mim

vou para casa... Queres vir?... É verdade... que é da transparente

creatura, que eu tinha no braço? Evaporou-se?... Deixal-a... (\_Atira-se

ao sophá\_). Ai que somno!... Em que pensas tu?... (\_Entra um creado com

chavenas de chocolate\_). Isso que é? Venha cá... É chocolate... Vm.^{ce}

não terá a habilidade de converter isto em vinho do Porto?...

Creado.--Não, senhor...

Eduardo.--Então vm.^{ce}, pelo que diz na sua, é um grande idiota.

(\_Toma duas chavenas da bandeja\_). Póde retirar-se... Aquelle senhor

está fazendo versos... (\_O creado sahe\_). Ó Jorge, não tens no coração

um reservatorio onde caiba uma chavena de excellente chocolate?

Jorge.--Adeus... retiro-me...

Eduardo.--Alto lá!... Eu preciso saber em que lei devo viver...

Reconsideraste a respeito de Leocadia? Quem é que a ama, sou eu, ou és

tu?

Jorge.--Fallas d'ella com tão pouco respeito!...

Eduardo.--De quem? de s. exc.^a!?... Pois eu disse alguma cousa que

possa chamar-se grosseira?

Jorge.--Leocadia não é uma apolice que se passe com o mesmo valor de mão

em mão...

Eduardo.--Justamente o peor que ella tem é não ser apolice, nem ao menos

acção da empreza do caminho de ferro de leste...

Jorge.--Estás estragado!...

Eduardo.--Do estomago? Palavra d'honra que sim! As taes sandwichs são

indigestas como um artigo de fundo... Mas do espirito estou optimo...

Ella ahi vem... Queres ficar só com ella?... Eu vou entreter Julia...

Que mais queres da minha docilidade? Um homem que faz isto não está de

todo estragado...

SCENA XII.

Jorge \_e\_ Leocadia.

Leocadia.--Vou sahir, Jorge... Dê-me uma só palavra, que me salve...

Jorge.--Que queres que eu te diga, Leocadia?... Ámanhã vou consultar a

vontade de teu pai... Queres assim tão breve o desenlace das tuas

affeições?

Leocadia.--É muita felicidade, meu Deus. Eu não merecia tanto... E

Julia!... Coitadinha!... quanto não soffrerá ella!...

Jorge.--Que tenho eu com Julia!... Poderia amal-a com a paixão violenta

d'uma febre... mas estimal-a com a serena amisade que te dedico,

Leocadia, isso nunca...

Leocadia (\_reparando\_).--Ai!... minha mãi... não me deixa um instante...

Adeus...

SCENA XIII.

\_Os mesmos e\_ Julia, \_e depois\_, Eduardo \_e\_ Alvaro.

Julia.--Espera, menina (\_para Leocadia que se retira\_)... São só duas

palavras... Snr Jorge... V. s.^a, não é digno d'ella, nem de mim, que

valho menos que ella... Não te felicito pela reconciliação, minha

querida amiga... D'este a Eduardo, que a sociedade chama cynico, não vai

distancia que tu não vejas desapparecer vinte e quatro horas depois de

casada... São tudo Eduardos...

Eduardo.--Que é isso de Eduardos? Ainda falta este... Trata-se de levar

ao capitolio os Eduardos, minha senhora? N'esse caso peço que não sejam

exceptuados os Alvaros. (\_Para Alvaro que entra\_).

Venha cá, meu amigo... Á vista d'este quadro, confesse que fizemos

tristissimas figuras... Aquelle senhor (\_apontando Jorge\_) fez monopolio

de dous corações, que nós tivemos o imbecil heroismo de conquistar ás

tres horas da noite... Sabe que mais? Olhemos para ellas, e digamos como

a raposa: «Estão verdes!» Pois não convém n'isto?

Vozes dentro.--Vamos meninas! São quatro horas.

Eduardo.--Nenhum dos senhores se quer bater pelo que vejo!... Boas

noites... Minhas senhoras...

Vozes.--O ultimo \_cotillon\_, o ultimo.

Eduardo (\_para a viscondessa de Valbom que entra\_).--O ultimo

\_cotillon\_, minha senhora, se não tem par... (\_Retiram-se todos os

outros\_).

Viscondessa.--Eu não danço senão quadrilhas.

Eduardo.--Faz v. exc.^a muito bem... Tem dançado muitas?

Viscondessa.--\_Un peu\_... \_un peu\_.

Eduardo.--Ah! V. exc.^a falla francez! Ha quantos annos aprendeu, minha

amavel senhora? Antigamente ensinava-se um francez muito solido... Hoje

é tudo pela superficie...

Viscondessa.--É verdade; mas as bases d'uma verdadeira instrucção são os

solidos rudimentos.

Eduardo.--Muito bem, minha senhora... O seu coração deve ser tão

sensivel como a sua cabeça é illustrada.

Viscondessa.--O meu coração está morto.

Eduardo.--Deveras!... Quem fará o milagre de o chamar á vida?... Eu de

certo não ousaria tão difficil empresa...

Viscondessa.--V. s.^a zomba?...

Eduardo.--Não zombo, porque não sei zombar com o amor...

Viscondessa.--Falle baixo que ahi vem meu marido...

Eduardo (\_para o marido que entra\_).--Snr. visconde!... estavamos

fallando na guerra da Crimea.

Visconde.--Vai por lá o diabo... Eu acho que os alliados não mettem o

nariz em Sebastopol.

Viscondessa.--Pelo menos em quanto a Austria e Prussia não expedirem

forças que suppram a mortandade dos inglezes...

Visconde.--E que me diz o senhor á exportação dos bois? Cessa ou não

cessa?

Eduardo.--A respeito de bois, não sei nada... (\_reparando para fóra\_)

Ahi vem tudo... Que é isto!... uma senhora desmaiada?

SCENA XIV.

\_Os mesmos, e\_ Julia \_desmaiada nos braços de algumas damas.\_

Vozes.--Que seria?

Coitadinha...

Tragam agua...

Eduardo.--Fumo de charuto não é mau...

Visconde.--Faz favor de lhe botar um pouco de fumo pelas ventas?...

Eduardo (\_accendendo o charuto\_).--Lá vou... lá vou, snr. visconde.

Vozes.--Não é preciso...

Julia.--É Jorge!... Jorge é o responsavel da minha vida...

Vozes.--Ah!...

Eduardo.--É uma maneira bonita de terminar um acto! Está tudo com a

bocca aberta... e eu tambem! (\_Abrindo a bocca\_).

CORRE O PANO.

ACTO II.

\_A scena é na Foz, justamente na praia dos Inglezes. Senhoras e

homens tomando banhos; outros, entrando nas barracas, horrivelmente

desfigurados, ou, antes, taes quaes a natureza os fez. Sobre os

penedos, pinhas de povo que pasmam diante dos ensaios do

salva-vidas. Estes podem dizer o que quizerem a tal respeito. O

author dá carta branca ao actor para que diga centenares de

parvoices: póde até discorrer sobre o dropp se lhe aprouver; mas o

melhor é calar-se\_.

SCENA I.

\_Afóra estes entes nullos\_, Jorge \_e\_ Leocadia \_sentados em cadeiras\_.

Leocadia (\_fazendo SS com o guarda-sol na areia\_).--Estás tão sombrio,

Jorge!

Jorge (\_fazendo TT na areia com a chibata\_).--Estou optimamente.

(\_Ouvem-se guinchos muito sympathicos das senhoras, que patinham no

banho\_. \_Alguns homens urram\_).

Leocadia.--Parece que te aborrece a Foz!...

Jorge.--Nada me aborrece... Estou bem em toda a parte...

Leocadia.--Niguem o ha-de dizer... Todas as minhas amigas me perguntam o

que tens...

Jorge.--Diz-lhes que se não incommodem...

Leocadia.--Hão-de suppor que a tua amisade para comigo foi uma illusão

desvanecida pelo casamento...

Jorge.--A opinião é livre... Supponham o que quizerem.

Leocadia.--Mas não consideras que eu soffro muito se ellas imaginam tal?

Jorge.--Não me lembrava essa especie... Isso é amor proprio...

Leocadia.--Não é amor proprio... é \_dôr\_ do coração...

Jorge.--Será algum aneurisma?

Leocadia.--É uma zombaria bem cruel!... Estranho-te, Jorge.

Jorge.--Tambem eu me estranho... Não achas que é melhor estarmos

calados?

Leocadia.--Calar-me-hei...

Jorge.--E fazes bem... Estes dialogos terminam sempre mal... A

necessidade da variar a conversação é a tisica das grandes paixões...

Uma phrase repetida aborrece, por mais bonita que seja... Nós podiamos

ter sempre cousas novas a dizer, se não tivessemos gastado a inspiração

em quatro mezes de casados. Dissemos tudo... definimos tudo que nos

rodeava, e agora sentimos a dura necessidade de nos definirmos a nós...

É onde está o mal.... Tu queres que eu te repita o que te disse ha cinco

mezes, e eu zango de repetições... Não sei fazer phrases como tu fazes

punhos de camizas... Exhauri-me... Agora é necessario esperar uma nova

colheita do terreno que já deu fructo. Essas lagrimas vem muito a

proposito... (\_Erguendo-se e espreguiçando-se\_). Ai! que vida!...

(\_Reparando\_). Olá, Eduardo!... por cá?

SCENA II.

\_Os mesmos, e\_ Eduardo.

Eduardo.--É verdade... Como passou, minha senhora?

Leocadia (\_disfarçando as lagrimas\_).--Muito bem... agradecida... Está

bom?

Eduardo.--Como sempre... Tenho uma saude insupportavel!... Não sou capaz

de arranjar uma dôr de cabeça, para me dar certos ares romanticos. Vejo

por ahi muitos mancebos, alquebrados no frescor da vida, e, em quanto a

mim, são infelizes creaturas que soffrem dos callos... Já tomou banho,

minha senhora?

Leocadia.--Não tomo banho hoje. Constipei-me hontem.

Eduardo (\_para Jorge\_).--E tu?

Jorge.--Vou tractar d'isso... Ficas por aqui?

Eduardo.--Vamos nós conversar, minha senhora... Eu hoje sinto-me com

disposição para dizer cousas muito philosophicas... (\_Jorge sahe\_).

SCENA III.

Leocadia \_e\_ Eduardo.

Leocadia.--V. s.^a tem sempre um humor tão alegre...

Eduardo.--Será isto idiotismo? Já me lembrou se eu seria tão doudo como

por ahi me julgam!

Leocadia.--Quem o julga doudo?!

Eduardo.--É toda essa sociedade...

Leocadia.--Doudo... não!... Dizem que v. s.^a não tem persistencia em

cousa nenhuma; e escarnece tudo...

Eduardo.--Em quanto á persistencia, é falso o que dizem, minha senhora,

e sinto que v. exc.^a, tão distincta do commum, queira ser o ecco das

opiniões vulgares da rançosa sociedade... Não sou inconstante...

Leocadia.--A quem diz isso? Pois não sei eu a sua vida!... Só namoros,

tenho-lhe conhecido cincoenta.

Eduardo.--Serão mais, talvez; mas... que namoros!... V. exc.^a não se

recorda de que foi meu namoro vinte minutos no baile do barão de Valbom?

(\_Leocadia abaixa os olhos\_). Pois os taes cincoenta namoros foram todos

assim... Não sou constante, porque não encontrei ainda uma mulher, que

possa adorar-se seriamente. Não ha paixão que o ridiculo não mate. As

minhas tem todas soffrido morte de gargalhada.

Leocadia.--Pois não amou nunca seriamente?

Eduardo.--Eu lhe digo, minha senhora... amei... Vou contar-lhe a minha

vida; mas só lhe digo os argumentos dos capitulos que são tres.

\_Capitulo\_ 1.^o Conta-se que Eduardo Leite amou diabolicamente uma

mulher, aos dezeseis annos, e fez tantas loucuras por ella, que, não

tendo mais que fazer, quiz suicidar-se com pós dos ratos, e foi uma tia

que lhe valeu com um copo de azeite... Pois v. exc.^a ri-se das minhas

desgraças!... E eu suppunha que a fazia chorar!... Estou como certo

dramaturgo que endoudeceu porque a platéa se riu justamente no pedaço

mais triste da tragedia!...

Leocadia.--É que v. s.^a dá um colorido comico ás scenas mais tristes...

Eduardo.--\_Capitulo\_ 2.^o No qual se diz que o dito Eduardo Leite fez

tristissima figura, vociferando injurias contra as mulheres,

emmagrecendo na razão inversa da hydropesia do scepticismo, e passeando

de noite nas Fontainhas, perguntando ás estrellas pela mulher dos seus

sonhos, e bebendo agua no chafariz para refrigerar o vulcão, que lhe

queimava as entranhas. Dizem-se outras muitas cousas tristes a este

respeito, como por exemplo um duello que elle teve com o seu rival, de

que lhe resultou estar quinze dias de cama, com uma bala mettida n'um

hombro. Que lhe parece o segundo capitulo?

Leocadia (\_sorrindo\_).--É funebre; mas faz-lhe muita honra...

Eduardo.--Estou por isso... É uma honra muito grande...

Leocadia.--Pois não é? ser ferido em duello por causa d'uma senhora!...

Quem seria a ditosa?

Eduardo.--Era a filha do meu sapateiro, minha senhora...

Leocadia (\_com seriedade\_).--Não diga tal... V. s.^a não se fascinava

por tal mulher!...

Eduardo.--Pois fascinei-me... Era linda como a edição mais nitida, que

sahiu da typographia celeste. Nos seus olhos espelhava-se a candura, e

dos labios fugiam-lhe espiritos d'azas scintillantes, como não vi em

nenhuns, excepto nos de v. exc.^a...

Leocadia.--Dispenso a comparação...

Eduardo.--E faz bem, minha senhora!... Ella por fim, cahiu do ministerio

a que eu a levantei, e tornou-se uma gorda matrona casada com um gordo

bate-folha, que é a minha vergonha porque teve a petulancia de luctar

comigo, e vencer-me...

Leocadia.--E foi esse que teve o duello com v. s.^a?

Eduardo.--Nada... foi uma segunda victima, que ainda hoje faz quadras a

uma certa visão que lhe appareceu no amanhecer da vida... E esta visão é

a sobredita filha do meu sapateiro...

Leocadia.--A sua vida é um poema epico... E o terceiro capitulo?

Eduardo.--É verdade, o terceiro capitulo... O terceiro capitulo... é

isto... É este riso, esta zombaria, esta conscienciosa abnegação de mim

mesmo... é a resignada docilidade com que me prestei a ser o instrumento

de v. exc.^a para ferir a vaidade de seu marido... Queira

desculpar-me... Entristeci-a? O passado, passado... Quer v. exc.^a que

eu lhe escolha duas conchinhas? (\_Procurando na areia\_). Aqui está uma

bem bonita... (\_Reparando\_). Ahi vem a sua amiga Julia...

Leocadia (\_sobresaltada\_).--Ai!... vem?...

Eduardo.--Como se dá ella com o marido, sabe dizer-me?

Leocadia.--Não sei.. penso que não é feliz...

SCENA IV.

Leocadia, Julia, \_e\_ Eduardo.

Julia.--Snr. Eduardo, se me concedesse alguns instantes com a minha

amiga...

Eduardo.--Pois não, minha senhora... (\_Sahe\_).

Julia.--São só duas palavras... Vi entrar teu marido para a barraca, e

não nos vê... Leocadia... Eu não sou mais feliz que tu... Jorge fez-nos

desgraçadas a ambas... Tu sabes que o meu casamento com Alvaro foi um

capricho que tenho sustentado com lagrimas... Mas tu não tens culpa...

Sei que não és amada... Eu tambem o não seria... Sou ainda tua amiga...

Não poderei prestar-me nunca a ser o cutello na mão do teu algoz... ahi

tens essas cartas.

Leocadia.--Que cartas são estas?!

Julia.--São cartas, que teu marido me escreve...

Leocadia.--Meu marido!...

Julia.--Sim... mais nada... adeus... (\_Sahe\_).

SCENA V.

Leocadia, \_e depois\_ Eduardo.

Leocadia.--Vou sondando toda a profundidade do meu abysmo... Eu bem

sabia que era infeliz; mas tanto... não!...

Eduardo.--Parece-me que a sua amiga não veio dar-lhe prazer... Tão

descorada, minha senhora! Que tem?

Leocadia.--Nada, snr. Eduardo... É uma nuvem passageira... Queira dizer

a Jorge que me retirei...

Eduardo.--Eu acompanho-a...

Leocadia.--Não consinto... a minha casa é alli...

Eduardo.--Não insto, minha senhora, para não ser importuno... (\_Ella

sahe, cortejando-o\_).

SCENA VI.

Eduardo, \_e depois a\_ Viscondessa de Valbom, \_com um creado de farda,

que conduz em sacco de damasco vermelho a roupa de banho\_.

Eduardo (\_accendendo um charuto\_).--Ora aqui está o que são os môços

honestos, honrados, e bem comportados!... São estes dous maridos. Jorge

passa por um mancebo exemplar; Alvaro dizem que é o typo da bondade; e,

comtudo, vou descobrindo que as respectivas mulheres, se escrevessem

jornaes, estavam em opposição com os maridos. Os honrados são elles...

Eu é que sou o cynico!... Esta sociedade é uma grande patacuada!... Ahi

vem a viscondessa de Valbom. Não me larga desde aquelle baile...

(\_Olhando sobre o hombro\_). Ella cá está comigo... (\_Erguendo-se\_).

Minha querida senhora viscondessa, como passou v. exc.^a desde hontem?

Viscondessa.--\_Passablement\_. Esperei-o á noite para a partidinha, e o

maganão não nos quiz honrar com a sua visita...

Eduardo.--Urgentes negocios obrigaram-me a hir ao Porto.

Viscondessa.--Namôro... diga a verdade... namôro...

Eduardo.--Não, minha senhora. O meu coração está desde muito na terceira

secção... Não ha poder que o faça entrar na effectividade...

Viscondessa.--Ora deixe-se d'isso... Eu sei que ama... e ama uma

senhora... que... digo?

Eduardo.--Se lhe apraz...

Viscondessa.--Não direi; mas... lembre-se de que \_la proprieté n'est pas

un vol\_ como diz Proudhon...

Eduardo.--Eu acredito que a propriedade não seja um roubo, e por isso

mesmo não tento contra ella.

Viscondessa.--Tenta, tenta... Isso não é bonito... Se quer merecer a

minha estima, não tente partir os vinculos matrimoniaes de... eu bem

sei...

Eduardo.--E v. exc.^a acha que sou indigno da sua estima, se tentar...

Viscondessa.--Pois não? Ha cousa mais sagrada sobre a terra?! A

reputação d'uma senhora!... (\_Mudando de tom\_). É verdade que muitas

vezes toda a philosophia é pouca para conter os impetos do coração...

(\_Mudando para o tom da honestidade\_). Ainda assim, a mulher digna

reprime-se, e faz-se superior a si propria... (\_Mudando de tom\_). Apesar

d'isso, eu absolvo alguns erros, que muitas infelizes commettem, porque

tem a imprudencia de tentar com a ponta do pé o desfiladeiro, e por

fim...

Eduardo.--Escorregam...

Viscondessa.--Justamente...

Eduardo.--E n'esse caso...

Viscondessa.--Está a pessoa de quem fallamos...

Eduardo.--Nós não fallamos de pessoa nenhuma... Queria eu dizer que

n'esse caso não está de certo v. exc.^a

Viscondessa.--Quem sabe!... (\_Á parte\_). Ai! o que eu fui dizer!...

Eduardo.--Sei-o eu porque a conheço desde menino, sempre esposa

exemplar...

Viscondessa.--Desde menino, não!... pois que annos tem v. s.^a?...

Eduardo.--Trinta, minha senhora.

Viscondessa.--Trinta?!... Ha-de ser isso... Não levamos grande

differença...

Eduardo.--Queira perdoar-me, minha senhora, mas eu andava na escóla,

quando v. exc.^a deu um baile para celebrar os annos de seu filho, que

era meu condiscipulo... Ha quantos annos isto vai!

Viscondessa (\_enfronhada\_).--Dê-me licença que vá ao meu banho... São

horas, e a maré principia a vasar...

Eduardo.--Vasa, vasa, minha senhora... Será bom aproveitar a vasante...

Viscondessa (\_á parte\_).--É muito grosseiro!...

Eduardo.--Vai a resfolegar polvora pelos narizes...

D'esta vez, creio que aboli este vinculo de nova especie!... Ahi está um

dos taes cincoenta namoros de que falla Leocadia... E é por causa

d'estas... que me chamam inconstante!... Que pessimo charuto!... Gilbert

se vivesse n'este tempo suicidava-se com um d'estes canudos de acido

prussico...

SCENA VII.

Eduardo \_e\_ Jorge.

Jorge.--Leocadia?

Eduardo.--Já lá vai... Disse que hia para casa.

Jorge.--Dá-me lume... (\_accende o charuto\_). Quero dar-te um conselho,

Eduardo...

Eduardo.--Sim?!

Jorge.--Não te cases.

Eduardo (\_Alvaro, sem ser visto, entra n'uma das proximas

barracas\_).--Deus me livre... Sendo eu, como realmente sou um cynico,

pobre da mulher que tivesse de luctar com o meu cynismo!... O casamento

é bom para ti que és um anjo de virtude, e para Alvaro que é o typo da

sisudez... Diz-me cá, és muito feliz, não és?

Jorge.--Não. Estou cançado... Minha mulher... é uma mulher...

Eduardo.--É \_uma\_ mulher? Pois louva a Deus por não serem duas...

Quantas querias tu? Aposto que estás desmoralisado como um turco?!

Jorge.--Sempre galhofeiro... Agora serio... Tu que és homem de

expedientes, não me dizes como eu possa ser feliz com Leocadia?

Eduardo (\_ironicamente\_).--Estás a zombar! Pois o anjo de virtude vem

consultar o cynico!? Não abuses da tua superioridade, Jorge...

Jorge.--Se tu soubesses que tormentos aqui vão n'esta alma!... A paixão

allucinada que me abriu o inferno no coração!... Tenho necessidade de

respirar... Quero que tu me ouças, porque não és d'esses tartufos que

torcem o nariz á menor expansão d'um espirito atormentado!... Sabes que

amo até ao delirio uma mulher?

Eduardo.--É a tua naturalmente... Isso é muito justo...

Jorge.--Não é a minha...

Eduardo.--Pois a minha tambem não...

Jorge.--Não motejes a minha dôr... Se me não queres ouvir com seriedade,

calemo-nos...

Eduardo.--Ora diz...

Jorge.--Eu amo... Julia...

Eduardo.--A mulher de... Oh escandalo!... Falla baixo que te não ouçam

os caranguejos...

Jorge.--Não soffro o escarneo... És incapaz de comprehender um

sentimento nobre...

Eduardo (\_rindo\_).--Sim... esse sentimento é muito nobre... Eu é que sou

o cynico... Tens razão... estou estragado a ponto de não comprehender a

nobreza d'esse sentimento... Prega essa moral, verás o galardão que

recebes...

Jorge.--Não me importa a sociedade... Perco-me por aquella mulher... Era

ella quem eu amava... Casei com Leocadia por um capricho... mas a mulher

do meu coração era Julia...

Eduardo.--E ella... concorda?

Jorge.--Não... despresa-me... recebe as minhas cartas, e não me

responde...

Eduardo.--Mas sempre vai lendo as cartas?... Então continúa, visto que

esse sentimento é nobre... Eu é que sou o cynico...

Jorge.--E quem sabe o fim para que ella recebe as cartas?

Eduardo.--Talvez para papelotes, quando se frisa...

Jorge.--Adeus!... estás insoffrivel... Isso offende!...

Eduardo.--Pois eu sei cá para que ella recebe as cartas?

Jorge.--Talvez para mostral-as a minha mulher... e vingar-se assim...

Eduardo.--Isso póde ser... A historia antiga conta tres factos

semelhantes. O primeiro aconteceu com Dido, a respeito de Eneas; o

segundo com Fredegonda...

Jorge.--Deixa lá isso... que me importa a mim a historia?... Fazes-me um

favor?... Se fallas com ella, pódes sondal-a a meu respeito...

Eduardo.--Sondal-a?... não sei de que modo!... Tu não sabes que o marido

é meu figadal inimigo? Só se a vir por aqui destacada do osso do seu

osso... Ella ainda agora aqui esteve com D. Leocadia...

Jorge.--Com minha mulher!

Eduardo.--Sim...

Jorge.--Estou perdido!... Deu-lhe as cartas!...

Eduardo.--Daria?! Que grande immoralidade!

Jorge.--E por isso Leocadia se retirou...

Eduardo.--E olha que não hia boa... Parece-me que a estas horas já ella

admirou o estilo das tuas preciosas cartas!... Olha... queres vêr

Julia?... Ella vem para aqui... Esconde-te atraz d'essa barraca, em

quanto ella te não vê... e quando passar, falla-lhe...

Jorge (\_cumpre\_).--Que hei-de eu dizer-lhe?!...

Eduardo (\_sorrindo\_).--Vê se ella comprehende o \_o teu nobre

sentimento\_...

Jorge.--Ella não pára a ouvir-me... tu verás...

Eduardo.--Se não parar, anda tu com ella... (\_Retira-se\_).

SCENA VIII.

Jorge \_e\_ Julia.

Jorge.--Não tenho animo... Sou um imbecil...

Julia (\_sem o vêr, sentando-se em cadeira\_).--A minha querida

vingança!... Não vim só para soffrer... Alguem ha-de soffrer comigo...

Jorge (\_dirigindo-se com irresolução\_).--Animo!

Julia (\_voltando-se de repente, e erguendo-se\_).--O senhor!... (\_Quer

retirar-se\_).

Jorge (\_sustendo-a\_).--Não me fuja...

Julia.--Retire essa mão, senhor!

Jorge.--Esse enfado é muito pouco senhoril... Esta mão não mancha a sua

pureza...

Julia.--Para mim tem o horror de mão que me feriu com um punhal... O

senhor não tem dignidade nenhuma... Retire-se, que meu marido póde

vêl-o.

Jorge.--Que veja... Eu não temo seu marido...

Julia.--Pois não o tema a elle, mas respeite-me a mim, para que a sua

posição de marido seja respeitada... (\_Eduardo tem vindo por entre as

barracas esconder-se atraz da mais proxima do dialogo\_).

Jorge.--Eu já me não respeito na minha posição... Seu marido que tire

represalias, que eu sou indifferente a todos os ultrajes d'essa ordem.

Eduardo (\_á parte\_).--Eu é que sou o cynico...

Julia.--Então devo acreditar que o senhor requintou em immoralidade...

Jorge.--Acredite o que quizer... Saiba que foi uma paixão que me

perverteu... Hei-de cuspir na sociedade, visto que a não posso calcar

aos pés... Despreso todas as formalidades... Para a desesperação não ha

conveniencias a guardar...

Eduardo (\_á parte\_).--Eu é que sou o cynico!...

Julia.--Pois, senhor, eu entendo que as devo guardar todas... Snr.

Jorge, tenha vergonha diante da sua propria consciencia. (\_Vai

retirar-se\_).

Jorge (\_segurando-a\_).--Ha-de ouvir-me... Que destino deu ás minhas

cartas?

Julia.--Entreguei-as a sua senhora.

Jorge.--Isso foi um vil procedimento...

Julia.--Deveria antes entregal-as a meu marido?

Jorge.--Não tenho nada com seu marido, Julia... Não me cite tantas vezes

o nome de seu marido, que é de nenhuma importancia n'este objecto...

SCENA IX.

\_Os mesmos e\_ Alvaro \_sahindo da barraca, vestido de banho\_.

Julia.--Ah! meu marido...

Eduardo (\_escondido\_).--Isto ha-de ser bonito...

Alvaro.--Pois, snr. Jorge, eu pensei que importava alguma cousa n'este

negocio... Isto que é? Cahiram miseravelmente n'um silencio estupido!...

Julia, tu não fallas? Snr. Jorge! não fique embuchado!... O senhor

está-me dando uma importancia, que não era a do seu programma...

Jorge.--Esta situação é melhor que a não prolonguemos. V. s.^a vai

pedir-me uma satisfação... (\_Julia retira-se\_).

Alvaro.--Está enganado... Não tenho de que lhe pedir satisfação... Faz

v. s.^a muito bem... Não lhe desagradam os olhos d'aquella senhora, e

põe os seus meios... Tudo isto é natural... Que satisfação lhe hei-de eu

pedir!...

Eduardo (\_á parte\_).--Eu é que sou o cynico!

Jorge.--Acabemos, snr. Alvaro...

Alvaro.--Tranquille-se, cavalheiro... Eu ainda não disse senão metade.

Visto que o senhor gosta dos olhos de minha mulher, eu aproveito a

occasião para lhe dizer que não desgosto dos olhos da sua. Com a

differença, porém, que eu, declarando-me a v. s.^a, dou-lhe a

importancia que v. s.^a me não deu... Visto que nos encontramos no

mercado, permutaremos os olhos de nossas mulheres. O senhor fica com os

olhos da minha, e eu com os olhos da sua... Parece-me que me vai pedir

uma satisfação...

Jorge.--Não sei com que intenção me faz semelhante proposta...

Alvaro.--Com a melhor intenção do mundo... É um contracto bilateral...

sem testemunhas... Eu concedo-lhe a frequencia de minha casa para v.

s.^a estudar bem os olhos de minha mulher, e o cavalheiro franqueia-me

occasiões de estudar os olhos da sua.

Eduardo (\_á parte\_).--Eu é que sou o cynico!...

Jorge.--E se na sociedade se desconfia esta convenção?

Alvaro.--Deixe-se d'isso... A sociedade, deu-nos diplomas de excellentes

pessoas... Eu creio que ambos temos a finura necessaria para

desempenharmos, sem pateada, os nossos papeis... Aqui o grande plano é

que afastemos do nosso commercio Eduardo, porque esse tem a alma

sufficientemente estragada para nos adivinhar...

Eduardo (\_á parte\_).--Muito, obrigado!... Até este me dá diploma de

cynico!

Alvaro.--Agora, meu amigo, vou tomar banho... Hoje á noite espero-o com

sua senhora em minha casa para tomarem uma chavena de chá...

(\_Apertando-lhe a mão\_). \_Au revoir\_, meu caro senhor... (\_Sahem\_). Ó

banheiro!... Vamos lá, que nos foge o mar...

SCENA X.

Eduardo.--Visto que eu sou o cynico, e os virtuosos são estes, passo a

ser um pouco mais virtuoso que elles, para que elles sejam cynicos como

eu... Alguma vez hei-de atinar com a virtude... A verdadeira acho que é

a d'elles... O genero não é caro... Veremos...

CORRE O PANO.

ACTO III.

\_Passa-se em casa do visconde de Valbom. Sala faustuosa: luxo sem gosto:

muita cadeira de estôfos amarellos: muito relogio: muita bugiaria de

vidro, de mistura com porcellanas de Sevres, e adornos d'ouro, sem

significação nem serventia\_. \_É noite\_.

SCENA I.

Viscondessa de Valbom, D. Julia, Jorge, visconde de Valbom.

\_Um creado com uma bandeja, recebe as chavenas do chá; e retira-se\_.

Viscondessa (\_a Jorge\_).--A snr.^a D. Leocadia não virá?

Jorge.--É natural que venha.

Viscondessa.--Com o capellão?

Jorge.--Sim... com o capellão...

Viscondessa (\_a Julia\_).--O snr. Alvaro que andará a fazer?

Julia.--Naturalmente... das suas...

Visconde.--Das suas... isso que quer dizer?! Alvaro é o exemplo da

honradez personalisada...

Julia.--Agradecida a v. exc.^a, snr. visconde.

Viscondessa.--Não tem de que, menina. Seu marido é um anjo, e a

sociedade faz-lhe justiça. A reputação que elle tem grangeado é a prova

infallivel das suas virtudes. Elle, e aqui o snr. Jorge são os dous

cavalheiros mais queridos da nossa roda. Foram rapazes, sem rapaziadas.

São maridos, sem mancha, e hão-de ser sempre modêlos de probidade a

todos os respeitos.

Jorge.--Muito grato, minha senhora. Tenho empregado todos os esforços

por merecer á sociedade um bom conceito, e creio que o tenho

conseguido...

Viscondessa.--Porque o merece. Se o não merecesse, creia que o não

teria, porque a opinião publica é justiceira, e nunca se engana com os

bons, ou com os maus... Não se lembra da opinião que teve Eduardo?

Jorge.--Uma pessima opinião.

Visconde.--Oh! de certo, aquillo era um homem com uma lingua depravada,

e costumes horriveis...

Viscondessa.--Mas vejam que lhe chegou a sua hora de reflexão.

Retirou-se completamente da sociedade; viveu tres mezes encerrado

comsigo mesmo na solidão, e voltou para o mundo completamente

desfigurado. É outro homem...

Julia.--Totalmente outro.

Visconde.--Faz mesmo espantar a differença que o homem fez!...

Jorge.--É pasmosa!

Viscondessa.--As suas palavras são todas serias, medidas, e reflectidas.

Os seus modos são circumspectos, civis, e insinuantes. O seu vestir é

muito grave, muito decente, e muito sisudo... Dizem-me que dá esmolas...

tenho lido nos jornaes alguns actos de philantropia que o honram

muito... em fim, está um cavalheiro, que não deixa nada a desejar! Vejam

o que são as cousas!... Aqui ha quatro mezes, se elle me olhasse para

uma das minhas creadas, despedil-a-hia immediatamente; e hoje, se eu

tivesse uma filha, dava-lh'a com immensa satisfação...

Jorge.--Muito se lucra, quando se é honrado!...

Visconde.--Pois não! Não ha nada como a honra!

Jorge.--Oh! a honra é a salvaguarda de todas as inquietações!

Viscondessa.--Que precipicios não encontrou Eduardo em quanto se deixou

hir á mercê dos seus extravagantes desejos!...

Visconde.--Oh!... era insoffrivel!... Nunca se viu assim uma

libertinagem!...

Julia.--Ouvi fallar tão mal d'esse homem, e nunca me disseram

distinctamente os seus crimes.

Visconde.--Immensos, immensos...

Viscondessa.--Immensissimos, immensissimos...

Julia.--Mas posso eu saber algum d'elles?

Visconde.--Eu não sei de nenhum; mas dizem por ahi que são muitos...

muitos...

Julia.--E a snr.^a viscondessa sabe quaes são?

Viscondessa.--Tambem não sei; mas, na boa roda, diziam que elle era um

prodigio de immoralidade...

Julia.--E o snr. Jorge? Esse ha-de saber muitas cousas...

Jorge.--Creio que ha muitas scenas horriveis na vida d'esse homem,

todavia, eu não sei nenhuma...

Julia.--Mas vive com elle ha mais de sete annos...

Jorge.--É verdade... mas, como elle me não chamava a testemunhar os seus

desvarios, nada sei...

Julia.--O que se segue é que nenhum de nós sabe dizer em que consistiu a

depravação de Eduardo!...

Viscondessa.--A sociedade não se engana, menina. Ella que o condemnou lá

sabe os motivos porque o fez. A virtude não é nunca infamada. Veja lá se

seu marido, e aqui o snr. Jorge foram victimas da calumnia!...

Julia.--Mas eu queria que me citassem um crime de Eduardo...

Um creado--O snr. Eduardo...

SCENA II.

\_Os mesmos e\_ Eduardo.

(\_Eduardo veste todo de preto. Maneiras muito acanhadas, dando-se uns

ares de virtude idiota. Uma cortezia a cada palavra. Recolhido sempre em

si, affectando uma imbecilidade moral, de fazer piedade\_).

Viscondessa \_e\_ visconde.--Muito bem vindo.

Eduardo.--Como passaram vv. exc.^{as}?

Viscondessa.--Maravilhosamente... queira sentar-se.

Eduardo.--E a snr.^a D. Julia?

Julia.--Um pouco affectada dos nervos.

Eduardo.--Muito sinto, minha senhora, Deus a poupe a soffrimentos de

todo o genero... E o meu amigo Jorge... como passa?

Jorge.--Assim, assim...

Viscondessa.--Então! senta-se? (\_Eduardo senta-se\_).

Eduardo.--Como está tua senhora, Jorge?

Viscondessa.--Estamos á espera d'ella.

Eduardo.--E seu marido, snr.^a D. Julia?

Visconde.--Não deve tardar... (\_Eduardo em ar de pensativo, esfregando

as costas das mãos\_).

Viscondessa.--Elle ahi vai recahir nas suas melancolias! Não o queremos

assim! Que tem?

Eduardo.--Pesares... que vem de longe, minha senhora...

Visconde.--O passado já lá vai... Agora v. s.^a é outro homem... Toda a

gente diz que quem o viu e quem o vê...

Viscondessa.--Nada de tristezas. A virtude é sempre alegre... Ó menina,

vá tocar um bocadinho... Tenho notado que o snr. Eduardo está melhor

quando ouve tocar... Que quer que ella toque?

Eduardo.--O que s. exc.^a quizer...

Julia.--Cousas tristes?

Viscondessa.--Não, menina! Bem triste está elle!... Toque alguma cousa

do Barbeiro de Sevilha...

Julia.--Pois, sim... (\_Vai tocar na sala immediata\_).

Viscondessa (\_a Eduardo\_).--Quer que vamos á sala do piano, ou quer

gosar de longe?

Eduardo.--De longe, se v. exc.^a não manda o contrario. (\_Jorge, logo

depois, segue Julia\_).

Visconde.--Muito folgamos de o vêr rehabilitado na opinião publica.

Eduardo.--E estarei-o eu por ventura?

Viscondessa.--Está... Veja... n'um só mez recuperou os creditos perdidos

em tantos annos...

Eduardo.--Muito devo a Deus, porque é o contrario que costuma

acontecer... Então a snr.^a D. Julia não nós dá o prazer de a ouvirmos?

Vai-nos demorando o goso...

Visconde.--Eu vou lá... (\_Sahe\_).

SCENA III.

Eduardo \_e a\_ viscondessa.

Viscondessa (\_com vivacidade\_).--Vês como sahiu certo tudo o que eu te

disse? A sociedade é uma excellente pessoa.

Eduardo (\_mudança de tom. Ouve-se o piano\_).--Tenho notado isso... Achas

que vou bem assim?

Viscondessa.--O melhor possivel... Ponto é que te conserves...

Eduardo.--N'este pé de virtude? Já me não desmancho... E, com effeito,

dizem que sou beato, virtuoso, martyr, contricto...

Viscondessa.--Até o visconde está espantado da tua mudança...

Um creado.--A snr.^a D. Leocadia, e o snr. Alvaro. (\_Sahe\_).

Viscondessa.--Não sei o que me parece este grupo, a estas horas!...

Sabes que eu suspeito...

Eduardo.--Suspeitas?!... Oh!... eu não... Facilidades da innocencia!...

SCENA IV.

\_Os mesmos\_, D. Leocadia, \_e\_ Alvaro.

Viscondessa.--Tão tarde!...

Leocadia.--Foi impossivel aquietar o pequeno até agora...

Eduardo (\_tornando ao tom beatifico\_).--Passou bem, minha senhora?

Leocadia.--Bem...

Alvaro (\_dá uma gargalhada\_).

Viscondessa.--Que riso é esse?

Alvaro.--Não é nada, minha senhora... Quem toca, é minha mulher?

Viscondessa.--É sim... se quer vá á sala...

Alvaro.--Não, minha senhora. (\_Senta-se trombudo a um canto da sala\_).

Viscondessa (\_a Leocadia\_).--Que terá elle? Estranho-o!...

Leocadia.--Eu não sei... Chegou a minha casa quando eu estava para

sahir... Disse-me que me acompanhava... veio comigo sem dizer palavra...

e não sei mais nada, nem me importa...

Eduardo (\_pesaroso\_).--Terá dôr de dentes? São dôres dos nossos

peccados... Deus nos acuda...

Viscondessa.--Venha cá, snr. Alvaro!... O nosso bom amigo Eduardo, que é

o S. Paulo dos nossos tempos, pergunta se lhe doem os dentes... (\_Alvaro

dá outra gargalhada\_).

Leocadia.--Ora entendam lá aquillo!...

SCENA V.

\_Os mesmos, e\_ Julia, Jorge, \_e o\_ visconde.

Jorge (\_apertando a mão de Leocadia\_).--Até que finalmente...

Julia (\_apertando a mão de Alvaro\_).--Com effeito... demoraste-te.

Alvaro.--Negocios...

Leocadia.--O pequeno não queria adormecer... (\_Alvaro dá terceira

gargalhada\_).

Jorge.--Que riso é esse?

Julia.--A que vem o destempero d'essa gargalhada?...

Viscondessa.--Lá está outra vez mergulhado na sua melancolia o snr.

Eduardo!... Quer, talvez, mais musica...

Eduardo.--Se não receasse ser indiscreto, pedia a v. exc.^a aquella aria

da Norma... no acto final...

Viscondessa.--Executada por quem?

Eduardo.--Por v. exc.^a... dá-lhe uma graça particular... Não quero

offender as duas senhoras que a desempenham habilmente; mas não sei que

toque melancolico...

Viscondessa.--Pois sim... hirei... Vamos todos...

Eduardo.--Se me concedesse...

Viscondessa.--Ficar sósinho aqui?... Pois sim... fique.

Visconde.--Eu cá fico com elle...

Viscondessa.--Não, não... deixa-o... são necessidades organicas... Eu

tambem tenho d'estas tempestades moraes...

Vozes.--Pois sim... pois sim... (\_Sahem\_).

SCENA VI.

Eduardo, \_e depois\_ Julia.

Eduardo.--A gargalhada de Alvaro quer dizer muito... (\_Ouve-se a aria da

Norma\_).

O maldito veria alguma cousa? Se viu, lá vai a terra todo o meu edificio

de virtude... Dizem que ella é facil, eu vejo-me illaqueado n'uma rede

tal, que se me descobrem não sei por onde hei-de evadir-me... Que pena

se me não deixam ser honrado!... Tenho, só n'um mez, colhido tantas

palmas de virtude, que, passados tres, n'este andar, eu todo seria um

palmito...

Julia (\_agitada\_).--Eduardo...

Eduardo.--Julia...

Julia.--Pelo amor de Deus, desvanece-me d'uma suspeita que me

despedaça...

Eduardo.--Que é?!

Julia.--Tu amas Leocadia.

Eduardo.--É falso...

Julia.--Mas ella adora-te com delirio...

Eduardo.--Que culpa tenho eu?

Julia (\_tomando-lhe a mão com frenesi\_...)--Não me sacrifiques a ella...

a nenhuma... porque nenhuma te amará tanto...

Jorge (\_ao fundo\_).--Isto é espantoso!...

Eduardo.--Não vês que represento um papel hypocrita, tão contra o meu

caracter, para te não perder?

Jorge (\_o mesmo\_).--É incrivel!...

Julia.--Conheço tudo... meu anjo... Vou á sala... póde notar-se a minha

falta...

SCENA VII.

Eduardo , \_e depois\_ Leocadia, \_e depois o\_ Visconde \_na porta do

fundo sem ser visto\_. (\_Ouve-se ainda a musica da Norma\_).

Eduardo.--Tornemos á posição do benemerito Tartufo. Oh meu querido

Moliere, onde quer que estás recebe os meus agradecimentos pelo

excellente molde que me cá deixaste!

Leocadia (\_impetuosamente\_).--Eduardo... só duas palavras... Olha que

Alvaro viu-te sahir de minha casa...

Eduardo.--Viu?! estão explicadas as gargalhadas...

Leocadia.--Receio maus resultados... Elle é capaz de tirar qualquer

vingança... Oh meu Deus!... estou sobre um vulcão...

Eduardo.--E eu dentro d'uma tina... Deixa correr os successos... Vai,

que podem descobrir-nos...

Visconde (\_á parte\_).--Como se explica isto?

Leocadia.--Que has-de tu dizer se elle nos denuncia?

Eduardo.--Provo que não sou mais immoral que elle... As pretenções são

as mesmas...

Visconde.--Isto é bonito!... (\_Retira-se\_).

Leocadia.--Que situação a minha!...

Eduardo.--Retira-te, que podem surprehender-nos... (\_Leocadia sahe\_).

SCENA VIII.

Eduardo, \_e depois a\_ viscondessa, \_e\_ Alvaro \_ao fundo\_.

Eduardo.--Atropellam-se os acontecimentos!... Tudo isto faz persuadir

que eu tenho sido um homem verdadeiramente virtuoso! No tempo em que eu

era cynico, antes que a sociedade me chamasse regenerado, as mulheres

não andavam assim n'uma dobadoura em redor de mim! Ó benevola opinião

publica, quanto te devo!... Ahi vem outra que me não faz muita honra!...

Viscondessa.--Aproveitei um instante para estar só comtigo antes que

elles venham...

Eduardo.--Como és carinhosa!

Viscondessa.--Desconfiei que Leocadia tivesse vindo para aqui... Sabes

que tenho ciumes de todas as mulheres!...

Alvaro (\_á parte\_).--Que ouço!...

Eduardo.--Continuo a representar bem? A platea applaude?...

Viscondessa.--O visconde disse-me n'este momento que tinha muito que

contar-me... perguntei-lhe a que respeito... e elle de fugida pronunciou

o teu nome e de Leocadia...

Alvaro (\_aparte\_).--E Leocadia!...

Eduardo.--E Leocadia!... Como se entende isso?...

Viscondessa.--Não sei... Mudemos de tom que elles ahi vem...

SCENA IX.

\_Os mesmos, e\_ Julia, Alvaro, Jorge \_e\_ Leocadia.

Viscondessa (\_com emphase\_).--Pois não queremos uma virtude assim

melancolica... É necessario que resurja d'esse abatimento moral, snr.

Eduardo... A verdadeira felicidade está na consciencia. O seu passado

não tem a pedir contas ao seu presente... A sociedade abre-lhe o braços

como ao filho prodigo... (\_Alvaro solta uma risada\_).

Que riso é esse, snr. Alvaro?

Alvaro.--É um riso nervoso!...

Eduardo (\_á parte\_).--Mau!...

Leocadia.--Não tem razões para tanta melancolia!... É estimado

geralmente pelas suas virtudes, e merece a confiança de todas as

pessoas... (\_O visconde solta uma risada\_).

Que risada é essa, snr. visconde?

Visconde.--É uma risada como a d'aquelle senhor (\_apontando Alvaro\_). É

uma risada nervosa!

Eduardo (\_á parte\_).--Peor!...

Julia.--Parece que escarnecem a virtude!... Estas transfigurações moraes

custam muitas amarguras... Eu comprehendo a melancolia do snr.

Eduardo... Lembra-se do que foi, e, no prazer do que é, sente pesar de o

não ter sido desde muito... (\_Jorge solta uma risada\_).

Tambem o senhor se ri?

Jorge.--É uma risada como a d'aquelle senhor... (\_apontando Alvaro\_) é

uma risada nervosa...

Eduardo (\_á parte\_).--Está tudo por terra!... (\_Alto\_). Vejo que os meus

amigos estão muito nervosos!... Banhos de mar podem ser-lhes

proveitosos... Não acho bonito que me escarneçam... Fazem-me lembrar a

fabula do leão e do... Em fim, seja tudo em desconto das minhas

culpas!... (\_Riem todos tres\_).

Ora comprehendam isto!... É um abuso do riso!... Eu não lhes mereço

isso, senhores! Dizem por ahi que eu sou um honrado homem, e não se

cospe assim na honra...

Jorge (\_á parte\_).--Vou-lhe arrancar a mascara!...

Visconde (\_á parte\_).--Hypocrita!

Alvaro (\_á parte\_).--O impostor não passará d'hoje...

Viscondessa.--Que falsa posição é esta?

Leocadia.--Não entendo isto!

Julia.--Nem eu!

Eduardo.--Nem eu!...

Viscondessa.--Que modos são esses!... em que pensam os senhores?...

Alvaro.--Eu pensava nos recursos do talento depravado!... Senhores!... é

necessario que se acabe este comedia d'algum modo!... Aquelle senhor

(\_indicando Eduardo\_) é um impostor!

Eduardo.--Eu! Calumnia! infamia... quero as provas...

Alvaro.--A snr.^a D. Leocadia que as dê...

Visconde.--Justamente: a snr.^a D. Leocadia que as dê!...

Jorge.--Minha mulher!...

Leocadia.--Eu!

Eduardo.--Ella!...

Alvaro \_e\_ Visconde.--Sim! ella!...

Jorge.--Pois bem... cáia a mascara... Esse senhor é um infame seductor!

Eduardo.--Eu!

Viscondessa.--Elle!

Jorge, Visconde, \_e\_ Alvaro.--Sim, sim, elle!

Eduardo.--Provas, senhores calumniadores!

Jorge.--Provas? a snr.^a D. Julia que as dê!

Alvaro.--Minha mulher!

Julia.--Eu!

Eduardo.--Ella!

Jorge \_e\_ Visconde.--Sim, sim, ella!

Alvaro.--N'esse caso... rasgue-se o véo do mysterio... Todos somos

victimas da hypocrisia d'esse homem!

Visconde.--Menos eu!

Viscondessa.--Nem eu!

Eduardo.--Provas, senhores!

Alvaro.--Provas? a snr.^a viscondessa que as dê.

Visconde.--Minha mulher!

Viscondessa.--Eu!

Eduardo.--Ella!

Alvaro \_e\_ Jorge.--Sim, sim!

Eduardo.--Todas tres!...

Alvaro (\_para Julia\_).--Responde!

Jorge (\_para Leocadia\_).--Que dizes a isto?

O visconde (\_para a viscondessa\_).--Pois não te defendes?

Todas tres.--É falso!...

Eduardo (\_mudando de tom\_).--Eu vou defendêl-as, minhas senhoras!

Alvaro.--A snr.^a D. Leocadia não tem defeza nenhuma, porque...

Eduardo.--Silencio!

Jorge.--A snr.^a D. Julia não tem defeza nenhuma, porque...

Eduardo.--Esperem!...

Visconde.--Concordo que nenhuma d'essas tem defeza!... mas é preciso que

me provem que...

Eduardo.--Alto lá... Queiram retirar-se, minhas senhoras... É defeza a

presença das rés no tribunal que vai installar-se... Queiram

retirar-se... (\_Ellas sahem\_).

SCENA X.

Eduardo, Jorge, Alvaro, \_e o\_ Visconde.

Eduardo.--Venham cá... Os senhores não tem ouvido dizer que eu me

regenerei? Respondam, sim ou não?

Alvaro.--Qual \_regenerou-se\_! É um impostor!...

Eduardo.--Concordemos em que sou um impostor. Mas digam-me: a opinião

publica a meu respeito é essa?

Visconde.--Não é... porque o senhor enganou-nos.

Eduardo.--Pois, se não é, porque não respeitam os senhores a opinião

publica á qual me mandaram obedecer?

Visconde.--Já lhe disse que a opinião publica está illudida com o

senhor!

Eduardo.--E d'antes? ha quatro mezes era mais verdadeira que hoje?

Jorge.--Não quero disputas... Não respondo ao seu interrogatorio...

Quero uma satisfação immediata.

Alvaro.--E eu tambem.

Eduardo.--E o snr. visconde?

Visconde.--Veremos, depois...

Eduardo (\_sorrindo\_).--Acha que não vale a pena decidir já... Pois lá

hiremos... Mas, antes d'isso, queiram attender-me: os senhores, com uma

bala, em duello, podem matar-me, primeira loucura; e, se me não matam,

arruinam a minha boa reputação, que eu aprecio mais que a vida; segunda

asneira... Que lucram os senhores com isto?

Alvaro.--Nada de philosophias!... É indispensavel para a minha honra um

duello...

Jorge.--Não prescindo.

Eduardo.--Pois se não prescindem, lá vamos... Mas os primeiros que

hão-de bater-se um com o outro, são os senhores! (\_Indicando Alvaro e

Jorge\_).

Alvaro \_e\_ Jorge.--Nós?!...

Eduardo.--Os senhores...

Alvaro.--Porque?!

Eduardo.--Porque teem trabalhado reciprocamente na sua deshonra.

Jorge.--Isso é uma nova infamia!

Eduardo.--Mãos na consciencia, meus amigos! O contracto feito ha quatro

mezes na praia dos Inglezes não os exime de serem honrados!

Alvaro \_e\_ Jorge.--Na praia dos Inglezes!...

Eduardo.--Querem explicações?... Vejam lá o que resolvem... Querem

explicações?... Que dizem?!... Esse silencio annuncia bonança...

Aproveitemos o vento que é favoravel... Concordam em que occultemos

mutuamente as nossas miserias? Eu de mim... (\_Comprime os labios com os

dedos\_...) Os senhores, se -----File:

245.png---\psaborano\zurc\Manela\psaborano\luisa\---------------são

honrados como a opinião publica os apregôa, calem-se tambem...

Visconde.--Mas eu é que não entro n'esse contracto...

Eduardo.--Nem lh'o propuz... mas, v. exc.^a contando com o silencio

d'estes cavalheiros, de certo não quererá uma ignobil publicidade a

respeito de... Veja lá o que resolve...

Visconde.--Mas v. s.^a não ha-de entrar mais em minha casa...

Eduardo.--D'accordo. Amanhã embarco para a exposição de Pariz, e

tenciono viajar tres annos... Serve-lhe a condição?... O silencio

approva... Muito bem... (\_Ao fundo\_). Minhas senhoras! queiram

entrar!... (\_As damas entram\_). Vv. exc.^{as} foram julgadas

innocentissimas e absolvidas... Continuamos todos a ser excellentes

pessoas a todos os respeitos. Estes senhores, de parte a parte, pedem

perdão das calumnias sordidas com que quizeram reciprocamente manchar os

seus nomes...

Viscondessa.--Assim o suppuz!

Julia.--Assim devia acontecer!

Leocadia.--Mas eu não perdôo a quem me infamou!

Viscondessa \_e\_ Julia.--Nem nós!

Eduardo.--Hão-de perdoar, que são muito boas senhoras, e o perdão das

injurias é o sentimento mais nobre do coração humano... Eu retiro-me com

os meus creditos, e vv. exc.^{as} ficam com os seus... Muito boas

noites... (\_Sahe\_).

\* \* \* \* \*

Os outros, como é natural, ficam a olhar uns para os outros com aquellas

caras proprias de taes conflictos. O author vem fóra dizer que não ha na

comedia allusões nenhumas. A platéa retira satisfeita, e continúa a

guardar-se dos cynicos.

No dia seguinte os jornaes dizem que a comedia é immoral, e attentatoria

contra os bons costumes. Os Sganarellos mandam comprar o jornal, e

mostram-no aos compadres. O author, conscio de que o mordem, vem no

conhecimento de que os mordentes são os legitimos \_Orgons\_ d'este

seculo; mas, um pouco menos felizes que os d'uma grande comedia, que o

leitor, se se não recorda, ou não leu nunca, póde encontrar com o titulo

de \_Tartuffe\_. Se, todavia, detesta a letra redonda, estude a vida

pratica, e chegará á mais difficil das formaturas, ao \_ultimatum\_ da

sabedoria: «o conhecimento dos homens.» É tão facil, ao primeiro

intuito, estremar o cynico do hypocrita!... Dai-me o primeiro, que

repellis, e não me relacioneis com o segundo, que abraçaes: que eu,

profundamente grato, ficarei pedindo a Deus que vos augmente o dinheiro,

e vos conserve uma saude bem vermelha, bem gorda, para que a virtude não

seja sempre uma irrisão n'este planeta. Disse.

FIM.

INDICE.

Morrer por capricho (romance) 5

Uma paixão bem empregada (romance) 25

De abysmo em abysmo (romance) 35

Aventuras d'um boticario d'aldêa (romance) 41

Cousas que só eu sei (romance) 55

Dinheiro! dinheiro! (romance) 109

A caveira (romance) 131

Uma praga rogada nas escadas da forca (romance) 155

Pathologia do casamento (drama em 3 actos) 183

Notas:

[1] Systema pathologico do snr. Borges de Castro, facultativo distincto,

na cidade do Porto, em 1853.

[2] Escripto em 1853.

[3] .......

End of Project Gutenberg's Scenas Contemporaneas, by Camilo Castelo-Branco

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK SCENAS CONTEMPORANEAS \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 23203-8.txt or 23203-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/3/2/0/23203/

Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and the Online

Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This

book was produced from scanned images of public domain

material from the Google Print project.)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.org/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including checks, online payments and credit card donations.

To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.org

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.